

-KIT -

CARPINEJAR

**É NUNCA
DEPOIS**

**CUIDE
DOS PAIS
ANTES QUE
SEJA TARDE**

**MANUAL
DO LUTO**

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

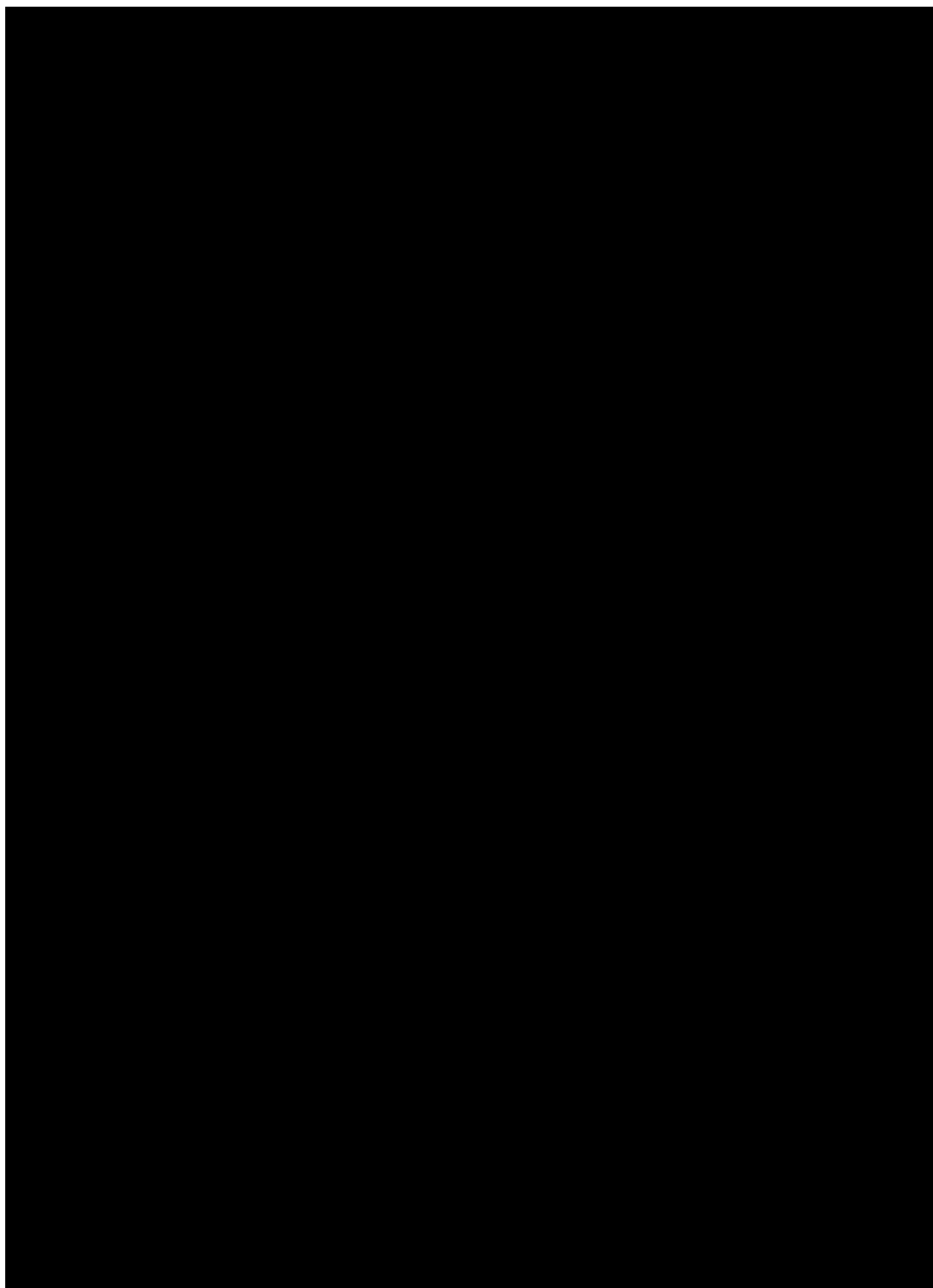
Converted by [convertEPub](#)

Sumário

1. [CUIDE DOS PAIS ANTES QUE SEJA TARDE](#)
 1. [Rosto](#)
 2. [Créditos](#)
 3. [Apresentação](#)
 4. [Livro](#)
2. [DEPOIS É NUNCA](#)
 1. [Rosto](#)
 2. [Créditos](#)
 3. [Epígrafe](#)
 4. [Livro](#)
3. [MANUAL DO LUTO](#)
 1. [Rosto](#)
 2. [Créditos](#)
 3. [Apresentação](#)
 4. [Livro](#)
 5. [Agradecimentos](#)
4. [Sobre o autor](#)
5. [Colofão](#)
6. [Saiba mais](#)

CARPINEJAR
CUIDE
DOS PAIS
ANTES QUE
SEJA TARDE

BB
BERTRAND BRASIL



CARPINEJAR CUIDE DOS PAIS ANTES QUE SEJA TARDE

1ª edição



Rio de Janeiro | 2018

Copyright © 2018, Fabrício Carpi Nejar

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. RJ

Carpinejar, Fabrício, 1972-

C298c Cuide dos pais antes que seja tarde / Fabrício Carpinejar. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand, 2018.
 recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-286-2096-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livro eletrônico I. Título.

18-47647

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Antonio Rocha Freire Milhomens – Bibliotecário – CRB-7/5917

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Apresentação

Não quero mais ter razão na vida, só quero ter amor.

Eu teimava com meus pais, adorava ganhar uma discussão deles, me vangloriava de ser moderno, transgressor e rebelde, plantava sempre assuntos polêmicos como pena de morte e aborto nas rodas de almoço e jantar, táticas para denunciar o conservadorismo dos dois. Batia a porta, fechava a cara, gritava como um sindicalista lutando por melhores condições dentro de casa. E eles pediam que eu tivesse calma, que não faltasse com a educação, que não levantasse da mesa sem terminar a refeição, pois não adiantava reclamar da injustiça do mundo se não limpava o meu prato.

No fundo, eles me aceitavam do jeito que era, eu que jamais os aceitei como eles eram. Eu era o intransigente. Possuído pelos

argumentos, não percebia um detalhe esclarecedor: se eu podia pensar diferente era porque meus pais me deram liberdade. Eles me permitiram crescer com os meus ideais. Por que não tolero as suas convicções distintas?

Perdi muito tempo pela vaidade das ideias. Perdi muito tempo do afeto paterno e materno. O que importa é estar junto para o que der e vier. Família não é para concordar, mas para apoiar qualquer que seja o caminho adotado.

Fui descobrindo que não estava sendo um bom filho. Até era um bom pai, um bom marido, um bom amigo, mas filho, não. Deixava os meus pais por último para telefonar e visitar. Eles podiam esperar. Será?

Acreditamos que os pais são eternos, imutáveis, que estarão próximos quando surgir a necessidade. Mas eles adoecem e morrem. É uma fatalidade inevitável, não há como parar a idade, recuar o fim.

Se é certo que os pais um dia vão adoecer e partir, por que não organizamos a nossa vida para acolhê-los? Por que não assumimos sua gestação? Por que não reduzimos o ritmo da carreira para darmos sentido para os seus últimos dias?

Não há como subornar o limite físico, mas é possível mudar o limite psicológico e sentimental. Pois há filhos que abortam seus pais dentro do coração, e os enterram precocemente, antes mesmo do velório. Abandonam os pais no asilo. Largam os pais para a temeridade violenta da solidão.

Fundamos a cumplicidade com os pais por um equívoco: a necessidade. Não deveríamos procurá-los só quando precisamos. É transformar o amor em interesse, é converter a ternura em assistencialismo. São os nossos infinitos provedores financeiros e emocionais, nosso SOS, nossa ligação direta com o céu. Jamais invertamos a perspectiva e trocamos de lugar: o que eles desejam?

Filhos demoram para a empatia. Caminhamos com um ano, falamos com até dois anos, levamos décadas para avançar na generosidade.

Meus pais foram envelhecendo, foram se fragilizando, foram precisando mais de mim. E como não precisava tanto deles, ocupado com o meu trabalho e as minhas relações, tornei-me ausente. Um ausente egoísta, que empurrava os problemas para os irmãos e não pretendia se incomodar com a velhice e a saúde dos meus guardiões.

Saudade que não é praticada vira ressentimento. Palavra que não é dita se isola em orgulho. Hoje eu vejo o tamanho do meu despreparo.

Este livro é uma tentativa desesperada de ser mais pai de meu pai, mais pai de minha mãe, e devolver um pouco do que recebi deles na infância. Pelo menos, serve como um pedido de desculpa.

Minha mãe vai encolhendo. Cada vez mais baixo a cabeça para receber sua benção. Ela levanta o braço direito com esforço para alcançar minha testa, indecisa entre buscar uma escada e pisar na ponta dos pés.

Sempre que me despeço dela, recebo sua proteção. Sou sua prateleira de água benta. Não existe tchau sem o sinal da cruz e a reverência à maternidade.

Eu disse que minha mãe vai encolhendo, mas sua generosidade só vem alargando. Preocupa-se como o filho escritor se vira. Telefona nas manhãs, com a voz calma de feriado em dias úteis. Entrega semanalmente sorvete de pistache em meu apartamento, o nosso contrabando de doce.

Os pais diminuem de tamanho, arqueiam as costas, para serem os nossos bebês.

Eu já posso dar colo para a mãe, ela já cabe em meu peito, ela já entra no berço dos braços, ela já pode morar em meu ventre, ela não tem idade porque se misturou à minha vida.

Tão pequenina, tão amada. Seu corpo se apequena porque a alma não para de crescer.

É uma criança sábia, anda em linha reta pela calçada, devagar, nunca se desviando da rota traçada, um passarinho que poderia voar e não usa as asas para não esnobar os humanos, um passarinho no fio elétrico invisível de Deus.

Minha mãezinha, mãezinha mesmo. O diminutivo é imensidão.

Quando eu me separei aos 30 anos e voltei para a residência materna, não me senti derrotado, não me senti fracassado, não me senti humilhado. Eu me veria assim se

não tivesse sua retaguarda. Sair de casa não é sair da família.

Foi um período que finalmente pude aproveitá-la desprovido do ranço adolescente. Experimentei uma sortuda repescagem daquelas tardes trancado no quarto.

Antes, jovem cabeludo e rebelde, eu apenas discutia, brigava e me interessava em sumir de perto. Naquele tempo de luto do amor, uma vez adulto, fazia questão de escutar suas teorias sobre poesia e desfrutava do silêncio da cumplicidade para cicatrizar as feridas e as palavras. Tomávamos chimarrão e brincávamos de recitar versos um para o outro.

— Alguns são autores, mas todas as pessoas são poetas — esclarecia ela.

O entardecer e o amanhecer têm hoje os cabelos brancos da minha mãezinha.

Derrota é perder quem amamos antes do fim, pelo fracasso de nossa comunicação. O resto é agradecimento.

Pagamos caro por objetos retrô. Não economizamos para ter uma geladeira Steigleder branca igualzinha à que existia na casa da avó. Ou um aparelho três em um idêntico ao que reinava na estante da sala. Somos colecionadores de nossos hábitos.

E aceitamos até os defeitos de volta. Queremos uma geladeira barulhenta como a de outrora, onde secávamos as meias nas grades traseiras durante o inverno. E queremos um vinil que traga ruídos de cigarras e que pare em algumas canções mesmo.

Nossa vontade é pelo retorno da afetividade das coisas, somos capazes de girar o mundo à cata de relíquias, somos capazes de imersão digital em sites de busca, somos capazes de lances absurdos e irreais no

pregão da infância. Não nos assustamos com os valores abusivos e agimos com ansiedade pelos negócios fechados e pelo martelo das bolsas.

Parece bonito o apego, mas não é. Porque não damos valor nenhum para as pessoas retrô de nossas vidas.

Nossa avó, mais do que a geladeira, está ali disponível com a sua prodigiosa tapeçaria da memória, e não a acolhemos em nossa casa. Nossos pais, mais do que o três em um, estão ali disponíveis com suas histórias dentro de trilhas favoritas, e nem sequer contamos com a paciência de ouvi-los.

Procuramos reaver um tempo sem seus personagens principais. Acabamos nos interessando por um tempo vazio, absolutamente decorativo. E desprezamos o tempo real, vivo e biológico que corre em nossas veias e em nossos nomes.

As pessoas retrô são postas de lado, abandonadas. Logo elas, loucas por atenção. Reclamamos de suas falhas, naturais para a idade, para justificar um confortável distanciamento.

Por que se preocupar com a pele do passado, se podemos garantir o luxo da alma, a reconstituição exata e emocional do que vivemos com quem nos criou?

Não há livro antigo que reproduza a sabedoria de minha mãe. Em vez de comprar uma edição rara em um sebo, basta convidá-la a almoçar que já desfruto de uma biblioteca inteira de primeiras edições.

É o sobrenatural da simplicidade me ensinando a ser feliz. Uma encadernação em movimento soltando suas folhas e frases marcantes.

Ela me contou, por exemplo, que está grávida aos 78 anos. É um milagre mesmo. Disse para mim que “onde toca engravida”. Eu acredito. Pois ela toca em uma orquídea e fica grávida da mais sincera gargalhada. Ela toca em um parapeito da janela e fica grávida de uma rua. Ela toca em uma roupa no varal e fica grávida do sol. Ela toca em um castiçal e fica grávida das estrelas.

Não há como permanecer longe e indiferente a tantos novos irmãos surgindo a todo instante.

Enquanto vejo as mãos de minha mãe livres na mesa, gesticulando com ênfase italiana e passional, lembro que nem sempre foi fácil encaixar meus dedos nos seus.

Na infância, éramos muitos filhos. E na hora de passear tínhamos que brigar para andar de mãos dadas com os pais. Quatro mãos concorridas a tapas pelos irmãos.

Um habitualmente circulava solto, esperando sua vez de ser chamado para o contato.

E a mãe oferecia, então, a mão invisível do grito:

— Anda mais rápido!

Ela espichava o olhar para não extraviar uma das crias da ninhada. Imagino o quanto sofriam para nos levar para a rua e controlar as brincadeiras e as frequentes distrações. O quanto penavam para nos fixar na linha de um rumo certo.

Um carretel mantendo o bando unido nas caminhadas pelo centro de Porto Alegre. Um carrossel de preocupação e ternura, para ninguém se perder e ficar para trás. Um circo de loja em loja, de restaurante em restaurante.

Não facilitávamos: mexíamos em pedrinhas, em flores nos canteiros, parávamos para colher frutas, encarávamos as vitrines pelos sonhos dos reflexos.

— Não mexa aí!

Os filhos que se mantinham pendurados no cabide dos braços não eram o problema. O medo se voltava para o avulso, o que andava próximo e perigosamente com independência, por absoluta falta de mãos.

E eu me sentia o filho menos querido quando terminava sendo o escolhido para perambular sozinho. Nem queria a mãozinha do irmão, que se equiparava a uma esmola. Não admitia compaixão: desejava tudo ou nada.

E eu me sentia o filho dileto e mais amado quando chamado para fazer a frente de combate. O sorriso de satisfação e orgulho vinha fácil e rápido. Óbvio que provocava a ovelha desgarrada com a lã crespa de minha felicidade.

Disputávamos a atenção como quem trava um duelo de garfos pelo último bolinho de chuva na bandeja.

As andanças desesperadas da meninice influenciaram os meus passos. Sou ansioso para chegar a algum lugar, mesmo quando tenho folga e estou adiantado. A ansiedade obedece ainda a ecos dos comandos materno e paterno.

Hoje os pais, velhos, já separados e morando cada um em seu apartamento, estão com as mãos disponíveis. Os

irmãos esqueceram a avidez da concorrência. Não mais se angustiam pelo privilégio.

Talvez tenham que reparar, como eu agora, que a dinâmica familiar se inverteu. Eles é que precisam de nós, não mais nós, deles.

Sou eu quem devo levá-los a passear. E veja a minha sorte adulta. Ninguém ficará de fora. Eu possuo exatamente um par de mãos para não deixar nenhum deles sozinho neste mundão de fragilidades.

Há uma quebra na história familiar onde as idades se acumulam e se sobrepõem e a ordem natural não tem sentido: é quando o filho se torna pai de seu pai.

É quando o pai envelhece e começa a trotar como se estivesse dentro de uma névoa. Lento, devagar, impreciso.

É quando aquele pai, que segurava com força nossa mão, já não tem como se levantar sozinho. É quando aquele pai, outrora firme e intransponível, enfraquece de vez e demora o dobro da respiração para sair de seu lugar.

É quando aquele pai, que antigamente mandava e ordenava, hoje só suspira, só geme, só procura onde é a porta e onde é a janela – tudo é corredor, tudo é longe.

É quando aquele pai, antes disposto e trabalhador, fracassa ao tirar sua própria roupa e não se lembra de seus remédios.

E nós, como filhos, não faremos outra coisa senão trocar de papel e aceitar que somos responsáveis por aquela vida. Aquela vida que nos gerou depende de nossa vida para morrer em paz.

Todo filho é pai da morte de seu pai.

Ou, quem sabe, a velhice do pai e da mãe seja curiosamente nossa última gravidez. Nosso último ensinamento. Fase para devolver os cuidados que nos foram confiados ao longo de décadas, de retribuir o amor com a amizade da escolta.

E assim como mudamos a casa para atender nossos bebês, tapando tomadas e colocando cercadinhos, vamos alterar a rotina dos móveis para criar os nossos pais.

Uma das primeiras transformações acontece no banheiro.

Seremos pais de nossos pais na hora de pôr uma barra no box do chuveiro. A barra é emblemática. A barra é simbólica. A barra é inaugurar um cotovelo das águas.

Porque o chuveiro, simples e refrescante, agora é um temporal para os pés idosos de nossos protetores. Não podemos abandoná-los em nenhum momento, inventaremos nossos braços nas paredes.

A casa de quem cuida dos pais tem braços dos filhos pelas paredes. Nossos braços estarão espalhados, sob a forma de corrimões.

Pois envelhecer é andar de mãos dadas com os objetos, envelhecer é subir escadas mesmo sem degraus.

Seremos estranhos em nossa residência. Observaremos cada detalhe com pavor e desconhecimento, com dúvida e preocupação. Seremos arquitetos, decoradores, engenheiros frustrados. Como não previmos que os pais adoeceriam e precisariam da gente?

Nos arrependemos dos sofás, das estátuas e do acesso caracol, nos arrependemos de cada obstáculo e tapete.

E feliz do filho que é pai de seu pai antes da morte, e triste do filho que aparece somente no enterro e não se despede um pouco por dia.

Meu amigo José Klein acompanhou o pai até seus derradeiros minutos.

No hospital, a enfermeira fazia a manobra da cama para a maca, buscando repor os lençóis, quando Zé gritou de sua cadeira:

— Deixa que eu ajudo.

Reuniu suas forças e pegou, pela primeira vez, seu pai no colo.

Colocou o rosto de seu pai contra seu peito.

Ajeitou em seus ombros o pai consumido pelo câncer: pequeno, enrugado, frágil, trêmulo.

Ficou segurando um bom tempo, um tempo equivalente à sua infância, um tempo equivalente à sua adolescência, um bom tempo, um tempo interminável.

Embalou o pai de um lado para o outro. Aninhou o pai. Acalmou o pai.

E apenas dizia, sussurrando:

— Estou aqui, estou aqui, pai!

O que um pai quer apenas ouvir no fim de sua vida é que seu filho está ali.

A dor da perda exige tempo para doer. Saber não é ainda sofrer.

Nos despedimos de alguém por fora, pelas palavras, mas demora para nos despedirmos por dentro, pelo silêncio e pela saudade. Demora para nos desapegarmos pelos hábitos e pela rotina. Demora muito tempo para uma ferida encontrar a saída.

Uma coisa é dizer adeus, outra é não ter mais como telefonar ou visitar ou abraçar ou beijar ou partilhar uma casualidade fora de hora. Ficar sozinho é muito mais fundo do que falar sozinho.

Há conversas que só poderiam ser feitas com um ente que não existe mais. Com o confidente, morrem os nossos segredos. Morre parte de nossa intimidade. A voz prosseguirá apartada dos ouvidos prediletos.

Quando um amigo enfrenta a morte de um pai ou de uma mãe, não arrisco a elogiá-lo dizendo que está reagindo com coragem. O susto da notícia não é a dor. A surpresa é apenas o começo do luto.

Os dias serão definitivamente diferentes dali por diante. Os sonhos serão as únicas lembranças novas daquela relação.

Por mais que a morte signifique um alívio, com o fim do sofrimento da pessoa amada, sentiremos a falta bem depois. Nenhuma justificativa preencherá a lacuna. Nenhuma religião amenizará a violência de não mais ver e ser visto.

A dor explodirá depois, quando ninguém mais comentar o assunto, quando todos continuarem com suas urgências e o funeral já não provocar condolências.

A esperança confunde nas primeiras semanas, nos primeiros meses, nos primeiros anos, pois ela ainda se alimenta de um passado recente. Complicado quando a esperança também vai se apagando, e você percebe que o “até um dia” dito pelo padre era uma metáfora, não acontecerá nessa vida, que não terá a chance de dizer mais nada, de repor mais nada. Por isso que os familiares retardam ao máximo a visita à lápide querida, realmente acreditam que o morto surgirá de repente e que tudo foi um engano.

O velório e o enterro não machucam tanto porque se tem o corpo perto para chorar. O difícil é a lágrima na distância, a lágrima sem pele nenhuma pela frente, a lágrima órfã, a lágrima no futuro.

Triste não é seguir atrás do caixão até a terra, no cortejo melancólico pelos corredores de pedra, apoiado pelos colegas e conhecidos. É seguir à frente do caixão na próxima década, após o portão do cemitério fechar, tendo que cobrir um nome com as próprias lembranças e se virar com as perguntas.

A verdadeira dor da perda é falar sozinho. Enfrentar a loucura de falar sozinho.

O que é estar preparado para a vida?

Minha mãe não entra no fundo de uma piscina, mas é a que mais mergulha nos livros. Meu pai jamais aprendeu a andar de bicicleta, mas vive me dando carona em sua risada. Tenho amigos que não tocaram num volante de carro, e conhecem a cidade melhor do que ninguém. Não posso sentenciar que são despreparados, porque eles completam lacunas com outras sabedorias.

Há pessoas que não vão se casar, e experimentaram manifestações sublimes de amor. Há pessoas que não terão filhos, e cuidam dos sobrinhos e afilhados com imensa delicadeza. Há pessoas, sem amigos, que são amigas dos seus pensamentos. Há pessoas com uma roda infinita de companhias com medo da própria solidão. Há

peessoas que nunca moraram sozinhas, e acertaram as contas familiares e cuidaram da velhice dos entes queridos. Há pessoas que não colocaram uma gota de álcool na boca, e são ébrias por natureza.

Como pesar o que é decisivo para viver?

Não subir em um avião não quer dizer que não exista bagagem. Assim como visitar o exterior nada representa para quem não pisou no interior de si mesmo.

Eu não sei dançar, não sei ficar calado, não sei inglês o suficiente, não sei dormir brigado com a esposa, há tantas ignorâncias em mim que não me vejo inteiramente seguro. Tampouco significa inconsistência.

Preparar-se para a vida é aceitar críticas e acolher os defeitos? Pode ser. Árduo trabalho admitir a oposição e a contrariedade, complicado assumir que as nossas atitudes nem sempre agradam e encarnar uma posição minoritária no emprego ou em casa. Não toleramos a oposição, porém toda aceitação é personalizada, vem de uma criteriosa escolha, não é superficial como o rancor.

Talvez a generosidade seja o maior sinal de amadurecimento, quando abandonamos a casca de nossos problemas e despertamos para a empatia da simplicidade e da imperfeição. Talvez seja o perdão, quando acolhemos uma desculpa polêmica, vencemos o ódio e a vingança e oferecemos uma segunda chance àquele que errou os passos em nossa estrada. Talvez a preparação seja consumada quando nos despedimos dos pais, jogamos um punhado de terra sobre a madeira do caixão e ouvimos, silenciosamente, o som da pá do coveiro denunciando o nosso batimento cardíaco.

Talvez a preparação da vida seja amar, desamar e amar de novo, não convertendo os dissabores em preconceitos.

Talvez seja somente não sentir inveja de quem sabe algo que não sabemos fazer.

Vejo inventários que se prolongam por décadas, com famílias disputando nos tribunais o que dividiriam naturalmente se o pai ou a mãe estivesse vivo.

É uma jornada perigosa e violenta, capaz de destruir o legado e manchar a harmonia de um sobrenome. Uma longa guerra de inveja e de ciúme entre crianças disfarçadas de adultas e com escudo dos advogados.

Da mesma forma como os irmãos concorriam pela atenção dos pais, pela predileção psicológica, enquanto todos existiam pacificamente, passam a brigar pela propriedade das lembranças. São filhos se odiando como nunca, sem castigo e sem cinto, selvagens no ato de possuir um imóvel ou um bem. Não pensam pelo morto, o quanto ele trabalhou para garantir paz e conforto aos

herdeiros, o quanto sou e sacrificou os seus finais de semana para assegurar tranquilidade aos pósteros. Pensam com a mesquinhez de arrematar os melhores brinquedos e as condições mais prósperas. Buscam seus direitos e apagam os deveres familiares que continuam existindo, com ou sem os pais vivos.

Neste conflagre de egos, a alegria de um é maior se criar também a tristeza na companhia. A satisfação cresce ainda mais ao abocanhar a maior parte e conseguir subtrair os demais dos privilégios.

Diante do falecimento do ente querido, os filhos esquecem que têm irmãos e se transformam, espiritualmente, em filhos únicos. Colocam em curso uma esquisita e infeliz alienação filial.

Puxam para si as mangas da ausência da roupa maternal e paternal imitando as presenças da infância.

Tentam reconstituir em vão no colo da lei o aconchego dos abraços, mas apenas se distanciam dos manos que sofrem igual e que restaram ao lado. A partilha se

converte em monopólio, a custo de isolamento e desconfiança.

Querem ser donos da morte do pai ou da mãe. Como se a morte possibilitasse algum dono. A morte é de ninguém. A morte é saudade de quem amamos, de quem nos habitará por toda a vida, independentemente de ações e liminares.

O que mais ansiava aquele que partiu era uma família unida, e o que mais amarga é a dissolução dos laços. O espólio que serviria para acalmar as dores em tempos de crise é manobrado em xadrez de interesses e maquinações, em tabuleiro de vinganças e vitimizações.

Ninguém pretende perder o pai e a mãe pela segunda vez, agora simbolicamente para o irmão, e faz de tudo para manter a sobrevida moral dos falecidos.

O orgulho de filho mimado, de filho cheio de si, não permite cedências e recuos, desculpas e generosidade. Creem que serão novamente enganados, pois entendem a morte como uma trapaça, jamais como a grande prova de amor e de caráter moldado pela educação recebida.

Chega uma fase em que visualizamos o tempo que nos falta. Percebemos menos vida pela frente do que a vida que já experimentamos. É quando avistamos, ao longe do oceano, um limite, uma ilha, um desembarque. Raciocinamos que faltam dez ou quinze anos para permanecer ainda, palpável e físico, entre quem amamos. Realizamos um prognóstico amigável com a nossa faixa etária. É um palpite, mas dói como profecia. Temos dimensão da longevidade de nossas ações. O medo se mistura à serenidade, até que estar pronto para partir convirja com os familiares estarem prontos para se despedir.

Minha mãe, com 77 anos, experimentou esse fluvial vislumbre. Pediu ao meu irmão Rodrigo um pé de nozes

no seu aniversário, coisa de quem nasceu no interior e jamais se cura das plantas e da horta.

Só que o jardineiro alertou ao Rodrigo que a árvore demoraria dez anos para frutificar.

Dez anos?, pensou a mãe com perplexidade. E respondeu para si que achava que não estaria mais viva, que não valeria a pena enraizar a nogueira. Mas logo insistiu na encomenda.

Os filhos aceitaram o engano, naquela covardia de contrariar a esperança de alguém. Não dá para contestar a esperança do outro, é muito pessoal e cultivada no mar mais profundo.

A mãe chamou a família para deitar a muda no jardim, com direito a pá e discurso. Enquanto ela mexia na terra, ríamos de sua vivacidade.

Depois que terminou, ficou admirando o invisível das folhas. Lembrava uma menina vigiando o pé de feijão no algodão da escola, no pote de margarina da infância.

Daí ela disse:

— Não plantei para mim, plantei para os meus netos.

Nem tudo na vida precisa ser visto para ser amado.

Os filhos só vão respeitar os pais se respeitaram os avós. Só serão educados, só deixarão de fazer birra e chantagem, choro e culpa, se souberem conviver com os avós.

Sem o contato com outra geração mais velha, serão apenas mimados e briguentos, farão algazarra na mesa e baterão a porta do quarto.

Quem define a educação não são os pais, mas como os pais honram os seus pais e como inspiram os filhos a se comportarem com os pais dos pais. Esse é o ponto de conversão, o espelho necessário.

Os presentes e os cuidados, os afetos e o tempo concedido não definem um relacionamento saudável de filiação.

Quem é um bom neto será um bom filho. A ordem não pode ser mudada. Porque a criança aprenderá a ouvir aquele que veio antes, a se importar com as lembranças familiares, a obedecer o ritmo da idade e da calma. Entenderá o que é falar depois de ouvir, o que é amar depois de fazer. Terá paciência para caminhar mais lento e suportar infinitas versões de uma mesma história. Perderá o egoísmo da pressa. Verá que as pessoas envelhecem e precisam de cuidados maiores. Verá que a gentileza não é uma formalidade, porém um modo de preservar a rotina.

Com os pais, os filhos são direitos. Com os avós, reconhecem quais são seus deveres.

Nada mais generoso do que assistir à televisão com os avós e testemunhar as risadas de piadas incomprensíveis para a nova geração, para se afastar um pouco do celular e reassumir o valor da presença diante da mesquinha das ilusões. Nada mais terapêutico do que perguntar o que significam palavras antigas.

A avó e o avô funcionam como antídotos contra a gritaria e as ofensas.

Criança que ajuda os avós certamente cederá o lugar no ônibus e carregará as sacolas do supermercado de uma estranha na rua. Pois sempre se lembrará daquele que gosta e é mais vulnerável.

Filho que apenas fica com os pais é abusivo, mia e chora por qualquer coisa, não obedece, não diz obrigado, cabula as tarefas, acha que mora num castelo com a obrigação de ser servido e que todo mundo é eterno. Já filho que divide uma noite com os avós conhece o que é saudade e teme a morte. Não vai colocar sua vontade em primeiro lugar, já que perceberá a necessidade majestosa dos mais idosos. Manterá em si um pouco do temperamento de enfermeiro e de cuidador por toda a vida.

Mesmo que os avós não estejam mais entre nós, existe a memória deles, que permanece sendo uma eterna tutoria.

Foi com os avós que me doutorei no meu silêncio, acompanhando o nono na pescaria e esperando fisgar um peixe durante horas de observação do lago. Que descobri o valor de um bolinho de chuva no meio da tarde e a arte de montar a pirâmide de lenha na lareira. Que assimilei a importância de vestir um pulôver, tricotado pela nona, mesmo que fosse para caminhar pela sala.

A educação é filha do amor, mas neta do respeito.

Educação tem que ser rápida. É pensar um pouco que perdemos a chance. É titubear que as boas intenções nunca serão concretas. É hesitar que a gentileza será somente um pensamento vão e inexistente.

Educação não tem rascunho, cópia, arquivo de segurança, repescagem. Ou é ou nunca foi. Exige atitudes determinadas. Ou o sangue bombeia o sopro benfazejo ou o vento troca repentinamente a imagem de nossas pálpebras.

Amarguei a lacuna em São Paulo. Uma senhora descia do táxi na rua Augusta. Eu estava caminhando e parei a trinta metros da cena. Vi que ela fechou a porta com dificuldade, sem força. Errou na primeira tentativa. Nesse momento, cogitei ampará-la, oferecer o braço e seguir com

ela até a entrada de seu edifício. Só que me apareceu um receio imprevisto, um pudor incalculável, não quis ser invasivo, não desejei expor sua fragilidade, todas as desculpas que vêm com a covardia, e estaquei. Não me mexi e assisti ao desenlace como mais um anônimo provisório no fluxo da semana.

Não é que ela tropeçou na falha da calçada e se desequilibrou ruidosamente?

Não deu tempo de eu correr — preso na distância da incerteza — e segurar seu corpo desengonçado, em declínio com o peso da bolsa.

Os sapatos beges escapuliram dos calcanhares e ela bateu a cabeça no meio-fio.

Quando confortei seu tronco com a parede do meu, procurando ligar para a emergência com uma das mãos e conter o ferimento da testa com a outra, dei-me conta do quanto havia vacilado. Em vez de um favor pontual, lhe prestava tardio socorro. O atraso do gesto transformou a timidez em tragédia. A vó acenava a cabeça dissuadindo cuidados:

— Não precisa, não precisa, me levanto sozinha.

Com 82 anos e o curto nome de Lia, ela se assustou com o cortejo imediato de uma pequena multidão.

Antes ninguém se dispôs a ajudar, agora dezenas de curiosos se mostravam solícitos, inclusive eu. O sangue chama os vampiros.

Foram segundos de desinteresse da minha parte que quase custaram a vida de Lia. E ainda há a crença de que a falta de educação não mata.

Minha mãe é partidária da resiliência. Se está ruim, não espera que fique pior. Em vez de amaldiçoar a escuridão, ela acende palavras e velas quando a vida escurece.

Nunca comemorou apenas as boas notícias. Quando faltava dinheiro no fim do mês, com as contas pendendo no precipício, reunia os filhos para agradecer o futuro com um farto estrogonofe e batata palha. Parecia festa de casamento. Porque tristezas casadas são menos tristes.

— Comemorar o quê? — perguntávamos.

— Qual a graça de comemorar só as coisas boas? — respondia ela.

Não aniversariávamos as conquistas, mas também os fracassos. Era um jeito de acreditar sempre. Despertávamos o otimismo nas crises, mobilizávamos nossa união diante das adversidades. Ríamos dos problemas para não aumentá-los com o rancor, o silêncio e o ressentimento. Reagíamos com leveza quando batíamos o carro, ou quando acontecia um corte no orçamento. Jamais entrávamos em pânico. Alguém trancava o quarto para chorar na família, e ela enchia a casa de flores para chamar as abelhas de volta ao mel.

Sua receita consistia em não se desesperar. As frases negativas possuíam força de ímã de maus conselhos.

Invertia as expectativas, renovava o poder da oração, mostrava que não tínhamos certeza se a situação desfavorável não viria para abrir caminhos mais duradouros e definitivos.

— Quem diz que não foi o melhor do ruim, que fomos poupados de algo mais grave? — perguntava.

Minha mãe saía comigo quando perdia um emprego e brindava ao desconhecido:

— Fecha-se uma janela, abre-se uma porta.

Trocávamos o sangue das batalhas por duas garrafas de vinho. No lugar da camisa ferida e da mortalha do desânimo, a toalha manchada da mesa representava o nosso santuário da confiança. Não acusávamos o golpe. Pois, quanto menor a realidade, maior será a esperança.

Veneramos a paixão, a vertigem de conhecer alguém, o desconhecido, as primeiras conversas, os primeiros beijos, o susto do ciúme, a fissura, a insônia do desejo. E a rotina sempre é vista como algoz do entrosamento, como a culpada pelo fim da atração.

Não é justo. Amor feliz é amor velho. É amor usado. É amor gasto onde conhecemos o outro pela telepatia, onde não mentimos e nem fazemos cerimônia para expressar as nossas vontades. E quando se alcança o reinado da simplicidade, não há a urgência de sair para impressionar, de gastar para passar bem, basta uma comidinha caprichada e um chamego completo.

Relacionamento é como pano de prato. Quanto mais antigo, mais seca.

Logo que compramos, ele não serve para nada. Não lustra coisa alguma. É uma esponja seca. Uma gaze. Espalha as gotículas das vasilhas mais do que suga. Os fios estão separados demais no tecido para conter a água, esticados excessivamente.

Ele é bonito para estender no tampo de vidro do fogão, mas não é prático. Enfeita e não resolve.

Pano de prato precisa de gastura para funcionar. Após um ano é que ele realmente absorve. Antes é decorativo. Antes serve para ser exibido às visitas.

Ele oferece sinais de seu poder de ação quando fica manchado e castigado. Quando é um trapo das batalhas e almoços familiares.

É quando você quer jogá-lo fora que se torna valioso. É quando você já o cogita para a limpeza do chão e do banheiro.

Naquela aparência imprópria, com indícios de aposentadoria, é que ele encontrou sua maturidade, sua

rapidez, sua competência.

Curioso que ele vira seu braço direito no serviço doméstico quando você perde a esperança e já não vê mais chance de ele voltar a ser branco. É ao virar uma relíquia feinha que atinge a plenitude de seu trabalho.

O mesmo acontece com a intimidade. No instante em que você deseja se separar é que verdadeiramente a relação começa. Só quer se separar quem está impregnado de realidade, encardido de presença, abrindo a guarda e se esforçando para dar conta da louça suja dos defeitos.

Amor é como pano de prato. É o tempo que traz a experiência. É o tempo que ajeita as arestas.

Amor velho é o que permanece, pois é o único que secará suas lágrimas.

Mãe que é mãe, mas mãe mesmo, diplomada e pós-graduada, tem que possuir uma receita de família e fazer charme para contar. Uma receita que herdou e agora é só dela. Uma receita caseira, inescrutável, que não passa para ninguém, que não anotou em livro nenhum, que muda de assunto na hora de entregar os ingredientes e o preparo aos filhos. Uma receita que permanece na tradição oral e que é capaz de mudar o mundo, o destino de um casamento, recuperar uma amizade, resolver a ranga entre judeus e palestinos, desfazer depressão e mau-olhado.

É uma receita divina, de dar água na boca e também umedecer os olhos.

Pode ser uma sopa de tomate, uma pizza alta, um quibe, um arroz-doce. Quanto mais simples, maior a

magia.

Sabe aquele pudim de claras perfeito? Tipo isso. Uma receita que a parentela inteira espera com suspense, que se transforma em presente de aniversário e coroação de datas festivas. Uma receita que não é feita sempre, que não é banalizada, mas só realizada depois de muito apelo e insistência.

E daí a mãe coloca o avental e fecha a porta da cozinha para ninguém observar. Só escutará o barulho das panelas e será envolvido pelo cheiro de baunilha escapando pelas frestas. Talvez a senha seja caramelizar a forma. Talvez seja a batida dinâmica das claras para triplicar o tamanho. Talvez seja o pouso das claras batidas na forma com aquele estampido seco que anuncia o sucesso. Talvez. Não se sabe, ela não confessa, e todos ficam fantasiando o truque.

Uma receita que é a fórmula da Coca-Cola, que é o último segredo de Fátima, que é a profecia de Nostradamus, que a mãe promete um dia revelar ao filho, e ele fica se comportando o resto da vida aguardando o instante de merecimento. Não duvide que aconteça

somente no último suspiro, nas derradeiras palavras, quando o filho com caneta e caderninho à beira do leito de morte anota às pressas, torcendo para que ela tenha força para terminar a frase.

Mas não é qualquer pudim, mas O PUDIM, simétrico, escandalosamente bonito, com a calda escorrendo como a neve nas mais altas montanhas do Nepal. O pudim que sugere ter sido criado num feitiço, a ser medido com uma régua e esquadro, comprovando que os dois lados apresentam os mesmos centímetros de comprimento e de altura.

Mãe quando é mãe de verdade tem uma receita de estimação que não abre. Guardar o mistério é o que lhe confere o status de toda-poderosa Nona.

Nada é capaz de despertar tanto a alegria de minha mãe como potinhos.

Ela é a rainha dos potes: não joga nenhum fora. Mantém uma riqueza paralela sob a forma de plástico. Compra vários suportes transparentes no supermercado e ainda reaproveita as embalagens de sorvete e de margarina. Sua despensa encontra-se sempre cheia com um batalhão de vasilhas e tampas de todas as cores e tamanhos. Contaria com provisões para atender ajuda humanitária da ONU e da Cruz Vermelha.

Se eu abrir a porta do armário com muita pressa, posso ser soterrado por uma avalanche.

Os potes têm uma simbologia especial. São os fretes de seu amor, os carretos de sua gentileza. Recorre a eles para dividir as porções generosas de sua comida. Mesmo morando sozinha, cozinha como se os quatro filhos ainda estivessem à mesa. Não mudou a quantidade de ingredientes e a medida das receitas de antigamente.

A mãe prova e demonstra que nos ama pelo estômago. O estômago é o seu coração.

É impossível sair da casa materna de mãos vazias, sem uma sacolinha, com um pedaço de bolo, uma fatia de pudim, um pouco de ambrosia ou uma cumbuca de feijão de banha.

A cena é a mesma, conheço de cor. Quando digo que tenho que ir, ela se levanta de supetão e apressa os seus passinhos para o fundo da casa: “Ah... Só um minutinho”. E desaparece. Ouço o som da geladeira abrindo e fechando, o tilintar de talheres, e ela ressurgue com uma marmitinha para mim. Eu respondo que não precisa, ela insiste e engancha a encomenda em meus dedos.

Ao beijá-la para me despedir, ela abençoa a minha testa com o sinal da cruz e pontua com firmeza, tal mandamento bíblico: “Não esqueça de me devolver o potinho.”

Na verdade, ela não se importa com os potes, mas comigo. O pote é um pretexto. Eu já entendi que toda mãe guarda os potinhos para garantir a próxima visita do filho. A devolução é a esperança de que terá novamente as suas crianças grandes por perto.

Meus padrinhos eram os meus avós paternos. Mas, como já eram avós, esqueceram que eram os meus padrinhos.

Tinha inveja da madrinha do meu irmão Rodrigo: Naylor Tesser. Sempre atenta, sempre com visitas inesperadas cantando Edith Piaf. Sempre alegre. Sempre com papagaios nos ombros, seus originais animais de estimação.

Eu recebia meias e chocolate Bis, Rodrigo ganhava Ferrorama e Autorama. A concorrência desleal não permitia dúvidas. A tristeza não decorria da comparação, mas da intensidade de seu amor. Tampouco me ressentia da diferença econômica dos mimos, e sim da algazarra das visitas.

Nayr representava uma mulher moderna já nos anos 1970: independente, falando de sexualidade abertamente, não devendo a ninguém, carismática e fortalecendo a identidade a partir da generosidade, não do egoísmo e do alheamento. Dava até pena interrompê-la. Calava os mais céticos. Professora de linguística, politizada, comprava briga pelas minorias e defendia a pureza firme da ética em contraste com a imperfeição das leis.

Ou eu babava ou suspirava por ela.

Além de ser a melhor amiga da mãe, cuidava da gente indiscriminadamente. Veraneávamos em seu chalé em Imbé. Ela nos salvou várias vezes do calorão sem trégua de Porto Alegre. Fornecia gibis que não havia como comprar. Ampliou nosso repertório alimentar com iogurte caseiro e açúcar mascavo.

Figura avançada, libertária, libertadora, inquieta, que me enchia de orgulho por não compreender inteiramente. Despertava mistérios por qualquer lugar que passava. Enfrentava oposição e resistência porque nunca foi submissa neste mundinho machista.

Com lenço no pescoço e olhar claro de ametista, abria caminhos na fogueira das vaidades. Chamávamos de Joana D’Arc da família.

Não esqueço de um dos seus gestos mais emblemáticos. Quando defendeu a tese de doutorado na UFRGS, pediu licença para a banca e retirou de sua malinha um porta-retratos.

Ali, respeitosamente, como se fosse seu criado-mudo, colocou a foto em pé na mesa. Era a imagem de seu marido falecido, Henry. Para que ele pudesse assistir a sua argumentação de onde estivesse.

— Quero prestar homenagem ao único homem que teve coragem de casar comigo.

Que sirva de exemplo infinitamente. Depois de duas décadas daquela banca, os homens não aprenderam e ainda têm medo de mulheres bem-resolvidas.

Almocei com oito senhoras, tias e amigas da minha sogra, em Belo Horizonte.

A anfitriã Zelinha preparou uma galinhada no pátio, com mesas de madeira às sombras de jabuticabeiras. A horta simbolizava o nosso ventilador de temperos. Vinha o cheiro de hortelã e de alecrim com a brisa, coisa gostosa. Puxava o ar com força como se estivesse no meio de um bosque.

Eu era o único homem naquele clube de mulheres mais velhas, na faixa dos 75 anos. A princípio, notei a raça superior feminina. A maioria, com duas exceções, experimentava a viuvez havia um bom tempo. Os homens morrem mais cedo, apesar de fazerem muito menos dentro e fora de casa do que as mulheres. Pelo histórico

familiar, já imaginei a minha Beatriz depois da minha morte, velhinha, linda de preto, magra e elegante e não sentindo em nada a minha falta. Doeu, mas não há como conter a vida.

As viúvas não mencionavam seus falecidos. Pareciam estar mais felizes agora do que quando casadas. Isso doeu também, porém logo entendi que não se pode ficar preso à memória.

Fui descontar meus medos do futuro tentando puxar conversa. Afinal, precisava me sobressair naquele grupo, mostrar minha trajetória gloriosa e excitante.

Desfrutava da vantagem de uma carreira no auge. Quebrei as pernas e os braços lentamente. Não conseguia me encaixar em nenhum tema, elas falavam rápido demais. Trocavam de assunto com altivez, e não permitiam repescagem. Quando raciocinava algo inteligente, o papo já havia migrado para uma nova reflexão e eu perdia a deixa. Política, economia, roupas, dietas, eu sempre sobrava. E elas não apresentavam nenhuma compaixão comigo. Iam passando de mão em mão as panelas e as palavras.

Daí decidi me vingar e trazer à tona as minhas recentes leituras e os filmes vistos no cinema. Sou um cinéfilo e um rato de sebo. Para ver, por exemplo, faltavam apenas uns três títulos dos concorrentes das principais categorias do Oscar. Tampouco obtive silêncio e empatia. Elas tinham assistido a mais filmes que eu, e lido mais no último mês. As velhinhas foram se transformando em comentaristas e resenhistas velozes e furiosas. Calei a boca e entrei em depressão durante o restante das horas.

É impossível concorrer com a programação cultural das aposentadas. Aprenda isso!

Aprendi da mais constrangedora forma. Elas ainda me jogaram na cara visitas a exposições, vernissages, peças de teatro e concertos da Filarmônica. Quando comentaram das encenações no Royal Opera House, em Londres, e dos musicais da Broadway, em Nova York, o terror exagerou e passou do ponto. Arcava com a maior humilhação intelectual da minha bagagem. Suei frio e me escondi debaixo das jabuticabeiras. Por pouco, Beatriz não ficou viúva ali mesmo.

A felicidade familiar pode ser medida pelo índice de frequência do sofá da sala.

Quanto mais a família se encontra na sala, seja para assistir televisão, seja para suspirar pelos excessos do almoço e da janta, mais ela estará unida. Significa que todos preservam um tempo para se olhar nos olhos, para implicar, para se atualizar de afeto. Todos se procuram para conversar e saber como está a vida. Todos são todos, não cada um em seu quarto, cada um em seu celular, cada um em seu computador. Por um momento, ainda são todos.

O sofá da sala é filho da mesa de jantar. O sofá da sala é uma segunda cama, uma cama suplente para cochilos

fora de hora. O sofá da sala é a preguiça coletiva. É o nosso lounge pré-histórico.

A manta que o sofá recebe, devido a um rasgão, é condecoração pelo uso. Família feliz tem manta no sofá. Pela estima, o sofá transforma-se no móvel mais difícil de ser trocado. Pois é um santuário de lembranças. Cria-se uma compaixão com sua velhice. Pode estar puído e gasto, com as molas frouxas ou almofadas viradas para tapear os furos, e não se joga facilmente fora. Ele é a cola da casa, o rejunte dos laços, o bote salva-vidas nas crises. Os filhos e pais pulam no sofá nas tempestades financeiras, esperando o sol voltar. É também o sinônimo de festas e da bonança. Ali, visitas frequentes assumem a condição vitalícia de amigos e conselheiros, parentes enxergam um refúgio para sorrir e preservar as histórias engraçadas da linhagem.

Família desunida não fica no sofá. Seus integrantes fogem para os quartos, fecham sua solidão em fones de ouvido, realizam a refeição em separado, mexem na geladeira em escalas diferentes, mal se partilham, mal se abraçam, mal se beijam.

O sofá é imovelmente novo e triste, como numa loja de decoração para ser vendido. Não é arrastado, não caminha com o peso da algazarra. Sem cheiro de ninguém. Sem farelos de pão e salgadinhos. Sem pipocas perdidas debaixo de sua base. Sem os círculos dos copos gelados. Sem conhecer produtos milagrosos de tira-manchas. É apenas um sofá, em vez de simbolizar o patrimônio da alegria caseira.

Na minha infância, os quartos eram sempre menores do que a sala. As camas eram menores do que o sofá. Para aprendermos a conviver e jamais nos escondermos no castelo das individualidades.

Tenho um quebranto por uma espécie de chatice. A chatice carinhosa da memória.

Porque eu compreendo de onde que ela vem, e ela atingirá a todos, sem exceção. É o inexorável legado da condição humana.

Depois da vaidade da aparência, da mão de obra, do sucesso e da potência etária, a única vaidade que sobrará em nós é a da experiência.

Não seremos mais jovens para nos exhibir, nem fortes para nos impor, a imaginação será uma operação menor em nossas faculdades mentais, restará tão somente

lembrar e dizer que estávamos presentes na transformação da cidade e dos hábitos.

É a implicância natural dos amigos dos pais, que nos abraçam com susto: “Não acredito que é você, eu já troquei as suas fraldas.”

Não leve a mal a observação, trate-a com a leveza da graça. Deve ser mesmo difícil rever alguém que foi bebê de colo. É ultrapassar a régua da existência e usar a infinita fita métrica das palavras para mensurar as perdas e ganhos do amor e da amizade.

É a repetição querida de histórias do avô e da avó, que, ao me buscar em casa, novamente dirão: “Eu vi esse bairro crescer, era só mato e terreno baldio.”

Se possível, arrume o melhor riso para não desampará-los no vácuo da biografia. Ficarão felizes com a audição atenta. Procuram testemunhas de seus feitos para justificar tudo o que enfrentaram em oito décadas.

É certo que, ao passar de carro pelo Beira-Rio, tecerão um comentário pela enésima vez: “Lembro quando construíram o estádio sobre as águas do Guaíba.”

A conversa profética parece egressa das páginas do Antigo Testamento: eles suspiram com uma mirada funda e leem em voz alta trechos inteiros de seu diário.

Eles não repetem porque se esqueceram o que falaram um dia. Repetem pois não há como conter a estupefação de ter vivido muito. É um transbordamento incontável de recordações, que ultrapassa o muro da Mauá. “Nós enfrentamos a enchente de 41, quando o rio ocupou todo o centro, e andávamos de botes.”

Olhar para eles é sempre comparar, olhar é sempre reprisar, olhar é nunca mais ter os dois pés no presente. Os avós estão parte comigo e outra parte, remota e inacessível, lá atrás no tempo.

Escuto a história de novo como se fosse a primeira vez. Vejo que logo a mesma doença benigna da idade vai me atingir e espero que os meus netos partilhem a mesma complacência comigo.

Quando criança, os meus pais me acordavam com a didática do grito. Não surtindo efeito, iam lá mexer nos meus ombros. Não cumprindo a sua missão ainda, puxavam as minhas cobertas. Na época, não havia celular, muito menos alarme dos aplicativos. Rádio-relógio era caro e ficava na cabeceira dos adultos (a estação preferida tocava música na hora marcada, rompendo a quietude).

Eu lutava contra as táticas militares materna e paterna. Procurava uma prorrogação, uma soneca, um adiamento fingindo dormir.

Só não resistia à estratégia da avó Elisa. Ela sabia acordar as pessoas, inspirar o sonho de olhos abertos. Tinha PhD do sereno da madrugada e do galo cantando.

Ela me despertava pelo olfato. Pois não é pelo ouvido que acordamos, mas pelo nariz.

Ela recolhia um maço de hortelã da horta e espalhava perto de mim. Não soltava um pio, não falava nada. Entrava silenciosamente no quarto abafando as tiras do seu velho chinelo e largava o seu contrabando de ervas pelos travesseiros.

Com o cheiro forte do tempero, estranhíssimo naquele cenário de linho e penas de ganso, eu saía do conforto dos lençóis. Não tinha como continuar dormindo — a curiosidade se fazia mais forte do que a dormência. A hortelã berrava com o seu perfume. Ninguém consegue se defender do seu aroma forte, lembrando os assados do Natal e do Ano-Novo. Provocava imediata fome e repentina avidez pelo sol.

Assim que me punha de pé, a avó zombava de mim, vitoriosa de seu jeitinho:

— Já se levantou? Podia ter dormido mais. Acordou dez minutos antes da hora.

Até hoje, no momento de pular da cama, procuro se não existe um ramo de hortelã por perto.

Minha avó não está mais aqui, o câncer a levou para longe, mas ela achou um modo todo seu de entrar em minha respiração e me dar bom-dia.

Pelos atalhos indeléveis da respiração, a vó demonstrava a sua sagacidade no entendimento da gênese do apego.

Logo que a criança nasce, nas primeiras semanas depois do parto, a mãe deve evitar o uso de perfume para não confundir o filho.

O cheiro do corpo materno será a maior ligação que o bebê terá com o mundo. Tanto que ele costuma chorar no colo de qualquer um, menos no colo da mãe, pois reconhecerá imediatamente o cheiro do pescoço. Só o olfato já o acalmará.

Pôr o pequeno no peito, ainda que não seja para mamar, trará o conforto da pele conhecida, o agrado de

pertencer a um lugar definido depois do ventre.

É pela respiração que nos sentimos amados, antes das palavras, antes dos gestos.

O bebê mal pode enxergar, mas já sabe quem é quem pelo suor, pela química dos poros. É uma conexão primitiva, quase inexplicável, de animal com o seu ninho.

Quando ele inspira a pele da mãe, estabelece um endereço de proteção. Talvez represente o momento oficial de seu nascimento: quando ele liga o wi-fi da personalidade. Todo perigo se apresentará fora daquele corpo, daqueles quadrantes, daquela bússola.

A maior parte de suas lágrimas decorre de quando se vê distante do seu cheiro de existir, presente na mãe. É o seu primeiro cueiro, a sua primeira manta. É o seu esconderijo na luz, o seu ferrolho para entender o que está acontecendo e onde veio parar.

Suas lembranças primevas descendem do faro, o seu canal de comunicação com os outros.

Não é por menos que, adultos, nos comovemos com um olor, sem fixar a origem da atração. Surgiu certamente do berço, da nossa fulminante e arrebatadora estreia. Eu, por exemplo, sou apaixonado por hortelã. Numa conversa à toa com a mãe, descobri que era o seu chá predileto nas minhas semanas iniciais de vida.

Dos três mil odores que um ser humano pode colecionar ao longo de sua trajetória, há um apenas que lhe dará segurança.

Quando abraçamos a nossa mãe, refazemos a mágica da fragrância fundadora. Não há melhor abrigo para nascer de novo.

Se hoje eu controlo a raiva, suporto a pressão do trabalho e negocio prazos com a minha ansiedade, devo isso à paciência para a leiteira. A leiteira de ferro amassado da infância.

Jamais decifrei o segredo da operação quando era pequeno e guardião do fogão no turno da manhã. Despontava como um dos mistérios da humanidade, pareado ao monstro do Lago Ness e do Abominável Homem das Neves, figuras míticas que lia na coleção “Grandes Civilizações Desaparecidas”, de meu irmão.

Não existia chance de colocar o leite a ferver e apagar antes de transbordar. Acho que nunca se alcançou tal proeza. Nem eu, nem ninguém. Não se tratava de um fato comprovado, mas de um desejo familiar impossível.

Eu permanecia dez minutos olhando fixamente para a leiteira aquecendo, sem piscar, sem pestanejar, focado, concentrado, mas era virar um pouco o rosto para o lado que o leite subia e sujava tudo. Um descuido mínimo e perdia o momento. Um cumprimento a alguém que surgia na cozinha e meu trabalho era desperdiçado.

Busquei a vida inteira apanhar o leite antes do transbordamento e nunca consegui. Foram dezenas, centenas de vezes que tentei e fracassei e me via depois passando a bucha, desanimado, entre as bocas de fogo. Bocas que riam da minha cara. O fogão bebia a maior parte do leite de casa. O fogão se lambuzava e ironizava minha tarefa.

E fazia a maior bagunça sempre, o que acarretava tirar todas as grades e recuperar o brilho do aço com álcool.

Quando minha mãe pedia para cuidar do leite, eu já sabia que teria que limpar o fogão. A vigilância e a limpeza estavam lado a lado, como sinônimos, no dicionário do cotidiano.

Acredito que a leiteira possuía um inacreditável e secreto sensor de presença facial. Ao mínimo movimento, a erupção do vulcão. Não havia como remediar, suspirar, gritar, espernear. Nada impedia a correnteza cálida. O mal estava feito. Segundos incontornáveis de lava branca escorrendo pelos caminhos das panelas.

Se hoje eu sou competitivo, não aceito derrota e nego a retratação mesmo desprovido de razão, também devo isso à leiteira de ferro amassado da infância.

Quando a criança gosta de uma roupa não tem mais como lavá-la. Não tem mais como convencê-la a tirar. Pode ser um capuz, um tênis, uma camiseta. O fetiche já surge desde pequeno, como a encarnação de um conto de fadas.

Toda criança aprende a se defender da realidade com a imaginação — é uma arma poderosa e também incontrolável.

Não invente de vestir seu filho com a fantasia do herói predileto. Vai se arrepender. Ele não desejará voltar a ser como antes. O impulso para agradar enfrentará a resistência ferrenha para desfazer a magia.

Na minha infância, a mãe decidiu ceder ao apelo do Super-Homem. Comprou o uniforme completo: a sunga vermelha, o cinto amarelo, a camiseta azul colada e a capa.

O que ela pensou que duraria um dia atravessou a eternidade da birra. Quem disse que eu aceitava me despir? Foram várias noites dormindo com a capa, recusando tomar banho ou correr o risco de ser enganado. Nem com kriptonita do Nescau quentinho de noite eu cedia. Acreditava que seria capaz de voar, precisava apenas me acostumar com a vestimenta. Eu me tornei brinquedo de mim, o que complicava duplamente o desapareço. Não havia como me colocar na estante e esquecer a brincadeira. Não admitia perder a realeza do transe.

Só desisti quando minha irmã pôs a fantasia da Mulher-Maravilha na semana seguinte e surgiu na minha frente procurando brincar. Só concluí que se tratava de uma imitadora barata, sem personalidade. Ainda desejava passear de duplinha e formar a Liga da Justiça no quarto. Estava mais para um disfarce de Lex Luthor.

Fui sonhar de Fabrício que era mais seguro.

Na escola, tinha dois amigos: o Betinho, que residia num casarão com piscina na rua Lajeado, e o Ricardo, que ficava numa garagem na Carazinho.

A turma se encontrava com frequência na casa de Ricardo e jamais botou o pé para dentro do portão da mansão de Betinho — só imaginávamos como deveria ser espiando pela entrada das cercas altas.

Ricardo morava numa garagem transformada em apartamento. Era uma única sala-cozinha, banheiro e dois quartos, aposentos separados por cortina de box de banheiro. Podíamos ver tudo o que acontecia logo na porta. Não havia como se esconder do convívio.

Sentávamos na cama dele e no chão. Dez crianças no contraturno da escola. Jamais se fazia de rogado para nos receber. Se havia feijão na mesa, nos convidava para almoçar. Cada um com um prato diferente. Já comi feijão ali numa caneca de café por absoluta ausência de louça suficiente. A mãe dele gostava de ver os meninos e meninas por perto, providenciava limonada para animar a conversa. Eles tinham tão pouco, mas repartiam igualmente. Armávamos campeonato de futebol, trocávamos figurinhas, passávamos a limpo os cadernos juntos e ajudávamos nos temas. Dividíamos a bolacha Maria em três pedaços para atender a todas as mordidas.

Num espaço para dois carros ocupado por poucos móveis, estacionávamos a nossa felicidade. Não via o tempo passar porque a extensão do lugar aumentava na cordialidade das pessoas. Eu me sentia importante pois sempre era tratado como alguém da família.

Por sua vez, insistíamos para conhecer a casa de Betinho, e ele sempre dava uma desculpa. Mentia que não estava na residência — várias vezes apertávamos a campainha e ninguém atendia, apesar das vozes e dos latidos nítidos no pátio. Seus pais não desejavam que o

filho se misturasse a diferentes classes sociais ou padeciam do receio de indiscrição, roubo ou que algo de valor quebrasse em nossa passagem. Nunca saberemos.

Ele era quem mais desfrutava de condições para nos acolher (contava com empregada uniformizada) e terminava sendo o menos receptivo. Foram oito anos sem nenhuma visita. Sua merenda também destoava da nossa tradicional, de suco, maçã e fatia rala de pão: sanduíche gordo de ovo e presunto. O único a beber refrigerante no intervalo. O único a realizar cálculos com calculadora. O único que um motorista buscava na saída da aula.

O excesso de um lugar incomodava, a falta do outro aproximava. Enquanto o dinheiro afastava e produzia medo da convivência, a penúria improvisava e multiplicava sua ternura.

Até hoje guardo essa impressão. Casa de rico vive vazia. Casa de pobre vive cheia. Casa de rico faz cerimônia. Casa de pobre recebe sem medo. Por que será?

Quando terminava o ano letivo, eu tinha a missão de reunir os livros usados em aula e apagar o que escrevi para oferecê-los ao caçula. Era uma obrigação limpar as respostas. Levava dias e duas borrachas brancas para desaparecer com aquilo que aprendi durante uma série inteira.

Da lista escolar, apenas comprávamos os cadernos. Estudávamos na mesma escola e reutilizávamos os livros de exercício. Meu irmão mais velho reproduzia o gesto comigo. História, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e Ciências, as obras migravam de um nome para outro na aba de rosto sem trocar o sobrenome. Folheava os fascículos e em cada pergunta constava o relevo da letra emendada do Rodrigo, como um adubo do meu conhecimento, papel vegetal da minha alma. Ele

nunca deixava nada sem preencher — sua inteligência e presteza me apuravam. Queria ser como ele, dessa forma seria melhor do que eu.

Suas marcas me inspiravam a não desistir, a cavar a solução dos problemas e equações. Pois, se ele respondeu, é porque existia a resposta, e isso me confortava a continuar buscando o resultado no fundo da memória. Às vezes, quando não sabia a questão, tentava trapacear e passar minha letra por cima da dele. Nunca estive sozinho na dúvida. Ele me apoiava secretamente, tal tutor da caligrafia.

Predominava na época uma grave consciência de herança, de que deveria seguir os seus caminhos curvos da palavra e retos de conduta.

Jamais recebia um livro inédito. As linhas sempre estavam pressionadas pela mão direita do Rodrigo. Quando realizava os temas, eu também mantinha o capricho de não afundar demais o lápis, para não atrapalhar o Miguel no ano seguinte. Escrevia leve, acariciando a folha. Não podia estragar o conjunto, rasgar algo, prejudicar a capa, desenhar nas bordas, colar

adesivos. A responsabilidade já aparecia na ponta dos meus dedos.

Havia a noção de que o livro era coletivo, não pessoal. Representava um patrimônio de todos os filhos. Não seria posto numa caixa de pertences para nunca mais nem jogado fora. Estudar significava cuidar. Assim eu fui educado a não ser egoísta e possessivo, a não me sentir dono da verdade, a ceder o espaço para quem vinha depois de mim.

Livro importante era livro passado adiante.

Pai e mãe não conseguem colocar fora nada do filho. Fracassam. É um esguicho de tinta no caderno e pretendem emoldurar.

Sofro da mesma síndrome e entendo direitinho a compulsão.

Nem me refiro a retratos desfocados ou aos primeiros sapatos de crochê.

Você ganha a coleção de desenhos das creches, todos os trabalhos realizados em aula, desde a mão com tinta na folha até a colagem de gravetos, e deseja achar um lugarzinho no armário abarrotado. Não há folga na estante, talvez seja necessário descartar a escritura e os

documentos do imóvel. Afinal, filho é filho, filho é prioridade.

São pastas e pastas coloridas, e você acha que descartar é como jogar o amor no lixo, que será estigmatizado como insensível, que o filho um dia irá descobrir: “Onde está o meu desenho de caramujo subindo na árvore?”

Você mantém a montanha de rabiscos como se fosse a evolução artística e mirim de um Picasso. Para preservar o acervo escolar de dois filhos, por exemplo, você tem que comprar outro apartamento. Estará entre a cruz e a espada, o desapego ou o despejo.

O que não raciocina é que, se o desenho fosse uma obra de arte, a creche ficaria com o material, mas ela faz questão de passar adiante. No final do ano letivo, a professora entrega o dossiê criativo de seiscentas páginas com um riso sarcástico:

— Pai, não esquece que é para mostrar para ele quando ficar adulto.

Guardar isso durante quinze anos? Não conserva sequer os canhotos da reforma durante tanto tempo.

A culpa é uma colecionadora compulsiva.

O momento trágico ainda é quando inventa de estampar uma camiseta com foto do filho. Como se desfazer dela depois?

A imagem estará granulada, apagada, desbotada, já parece um alien, não mais um bebê, e ainda assim não contará com coragem para o descarte. Ninguém mais lê o nome da criança e a manifestação mimosa, mas você se engasga inteiro para se despedir dela. Comparativamente, o uniforme da pelada com os amigos, que serve para lustrar os móveis, tem mais condições de jogo.

A impressão é que uma câmera vem perseguindo e registrando seus movimentos pela casa e que o ato seria visto como um crime imperdoável. Não há como liberar o pano para a caixinha da campanha de agasalho discretamente sem fungar de piedade. Você não possui uma recordação, é ela que possui você. Age desconfiado e

paranoico com a própria sombra, como um guarda do Vaticano protegendo o sudário.

Amor de pai e amor de mãe desrespeitam o aproveitamento de espaço. Talvez porque ambos intuem que, na adolescência dos filhos, não receberão mais nenhum cartão e declaração emocionada e tremida de “eu te amo”. O excesso da infância termina sendo uma reserva de carinho nos períodos de longo silêncio.

Obrigado, mãe, por não ter me tornado sua única fonte de felicidade. Obrigado por ter uma vida diferente da do meu pai para ampliar as minhas escolhas e poder me espelhar. Obrigado, mãe, por trazer os seus amigos para a residência, assim compreendi que as amizades completam a família. Obrigado por não ter sido submissa e calada. Um dia ruim acaba e não compromete a semana. Obrigado, mãe, por ter saído com suas amigas para beber e se distrair, assim eu recebia duas vezes o seu beijo de boa-noite: em sua partida, acordado, e em seu retorno, dormindo. Obrigado, mãe, por defender seus pontos de vista, suavizando os argumentos ao piscar com o olho direito. Toda discussão era uma aula de paciência — esperar o outro falar para, então, opinar. Obrigado, mãe, por dedicar alguns dias das férias para viajar como casal e namorar — foi o tempo que desfrutei da companhia dos

meus avós. Obrigado, mãe, por nunca me abandonar e também nunca me sufocar, por ficar perto e não em cima me vigiando e me avaliando. Obrigado, mãe, por trabalhar fora e me ensinar o que é saudade. Obrigado, mãe, por ser feliz com o meu pai e se separar quando já estava triste. Não odeio o casamento por sua causa. Obrigado, mãe, por não me anular sendo perfeita, mostrando que explodia, que errava, pedia desculpa e seguia adiante. Obrigado, mãe, por chorar e não criar a solenidade das lágrimas, sei chorar bonito como você e nunca me escondo no quarto, a tristeza precisa da casa inteira e um pouquinho de música ao fundo. Mas obrigado também por não censurar a algazarra da alegria, a gargalhada é a nossa percussão, ríamos alto até perder o ar. Obrigado, mãe, sinceramente, por não exigir que minha irmã sentasse de perna fechada, de boca fechada, de alma fechada, somente porque era menina. Não passou o machismo pela atitude. Obrigado, mãe, por entregar os presentes com cartãozinho, a dedicatória continua sendo o melhor embrulho das surpresas. Obrigado, mãe, por confiar em mim e não reservar assuntos para contar apenas quando fosse adulto, pois segredos viram traumas. Você costurava minhas roupas e minhas falhas de um jeito invisível, por dentro, conversando pontualmente de igual para igual, jamais guardando

mágoas e rancor, jamais descontando alguma raiva atrasada. Obrigado, mãe, por cobrar tarefas de casa, não arrumar minha cama e não acobertar minha preguiça, assim aprendi que nem sempre posso fazer o que quero. Obrigado por ser chata e dar conselhos quando desejava não pensar e não prever as consequências. Obrigado por estar no meu caminho, impedindo a passagem, quando estava enfurecido e decidido a aprontar. Seu bloqueio doeu como uma porta na hora, agora vejo o quanto significava um abraço. Obrigado, mãe, por não entrar em meu computador e não mexer em minhas gavetas para descobrir quem sou. Não precisamos de investigação, bastava oferecer a palavra. Absorvi o respeito pela privacidade, não sofro de desconfiança, não acho que as pessoas procuram me enganar. Obrigado, mãe, por não me anular com sua presença, com sua dublagem, não falando por mim, não sentindo por mim, não sofrendo por mim. Obrigado, mãe. Se hoje sou independente e dono de mim é porque você me antecedeu com seu exemplo.

Até o quinto dia de vida, é obrigatório o Teste do Pezinho. Com a amostra de sangue do calcanhar do bebê, pode-se prevenir algumas doenças sérias de nomes complicados como fenilcetonúria, hipotireoidismo congênito, fibrose cística, anemia falciforme, hiperplasia adrenal congênita e a deficiência de biotinidase.

Existe, depois, um outro teste do pezinho com os filhos para antever se realmente amam os pais. É um exame poético e sutil que detecta o alto grau de saudade e apenas deve ser feito com crianças acima de 10 anos, nos momentos de partidas e despedidas em aeroportos e rodoviárias.

É quando o filho levanta o pezinho para dar o abraço. Poucos reparam, mas ele traduz perfeitamente todo o

apego filial.

É um upa forte, onde as pernas saem do chão.

Se os pais enxergassem o movimento de impulso, estariam chorando compulsivamente e não viajariam mais.

A pequenina fica na ponta dos dedos para descarregar o peso inteiro nos braços e agarrar o pescoço do pai ou da mãe. Revela uma coreografia de esforço, um balé de maravilhamento do amor.

A criança sobe uma escada imaginária para melhorar o abraço. Pula no trampolim das lembranças. Cresce cinco centímetros voando para apertar com mais força os lábios em nossas bochechas. Monta o pônei dos sonhos para alcançar os nossos ombros. Atinge a equivalência, numa mágica da presença, num piscar de olhos.

A parte de cima é de um bebê, agarrada em nosso cangote. A parte de baixo já é de um adolescente impulsionando o corpo e suportando ausências. Metade

berço, metade cama de casal. Metade infância, metade adolescência. Um centauro focinhando no jardim dos nossos cabelos.

A saudade não tem altura para ser adulta. Quando os dias são meses e os meses são anos.

O tempo para com os pezinhos levantados. Nem os querubins têm asas tão bonitas e plumosas.

Não desejamos nos incomodar com tarefas desagradáveis. Não pretendemos ceder espaço a contrariedades. Não há interesse em lavar louça e roupa, em arrumar o lar, em faxinar o banheiro, em suar com aquilo que é provisório e será refeito no dia seguinte. Há a compulsão por sair de casa e permanecer na rua o máximo possível. Come-se em restaurantes a semana inteira para não sujar o fogão. Casamentos são realizados de uma hora para a outra, por um clique na web. Romances são desmanchados com a mesma rapidez, simplesmente alterando o status do Facebook. Não existe maturação para conhecer alguém, dispensou-se o período de namoro e noivado. Ninguém mais pretende sentir dor, luto, perda. O amor não é para sempre, analgésicos e ansiolíticos dormem no céu da boca. Os velórios acabam feitos no modo drive-thru.

As novas gerações só procuram o que provoca euforia. Não aguentam passar dificuldades — não largam a casa dos pais mesmo adultos e trabalham em empregos temporários para economizar e viajar. Não moram sozinhos tão cedo, não entendem o que é atravessar a penúria em nome da independência. A adolescência é um eterno egoísmo. Morreu o sentido de formar um patrimônio, de ter uma casa própria, envelhecer junto pagando as lentas prestações e legar melhores condições aos filhos e netos.

É a época das doenças silenciosas, das fobias e dos pânico. Como realizamos somente nossas preferências, não temos mais anticorpos sociais para enfrentar adversidades. Não aceitamos o sacrifício e a renúncia, não somos capazes de reduzir o ritmo das ambições por um familiar. O prazer deve ser constante e imediato. Como não oferecemos terreno para as tristezas e frustrações, a alegria perdeu a graça. Se tudo é alegria, nada mais é especial.

Aprendemos unicamente o que desperta o nosso agrado, desprezamos o valor do que é inútil, nossas incompetências não são mais virtuosas, não suportamos a

solidão e os pensamentos, não admitimos a oposição, o contraponto e o castigo. Não pedimos desculpas (sempre encontrando uma explicação para o erro), não agradecemos nenhuma ajuda porque enxergamos o afeto como uma obrigação.

Estamos anulando o poder da véspera, de esperar por algo importante, de se preparar para um grande acontecimento.

Lembro que na minha infância eu apenas podia ter um contentamento após concluir uma atividade chata. Eu pagava pela minha felicidade. Eu tinha que trabalhar para descansar. Nada vinha de graça.

Para conseguir dinheiro e obter o ingresso da matinê de domingo, era obrigado a engraxar todos os sapatos da casa, dos pais e dos irmãos.

Uma fileira de dez pares me aguardava na escada do pátio. Pegava a graxa, a escova e a flanela e me esmerava em brilhar os caminhos e cadarços da família. Se não acabasse até o meio-dia, o cinema ficaria para o próximo final de semana. Nem reclamava para não desperdiçar

preciosos minutos, nem cogitava a injustiça da ordem, obedecia com silêncio e obstinação.

Como a sessão dependia do meu esforço, eu aproveitava o dobro. Fantasiava com o enredo do filme a que assistiria. Lustrava o couro das botinas imaginando a cadeira vermelha e a fumaça luminosa do projetor sobre a minha cabeça. Desfrutava de um tempo de expectativa, para sonhar antes de viver, para valorizar cada passo conquistado, cada satisfação adquirida.

Graças a Deus nunca fiz o que quis. Assim sei suportar o desgosto das fases difíceis e cuidar do que gosto.

Sempre me espantava o tanto que os meus filhos cresceram. Nas roupas, nos gestos, nas tiradas, nas defesas dos argumentos. Pasma que o tempo vai nos empurrando para a frente e não traz nenhuma pausa para repetir as cócegas na barriga deles ou carregá-los na garupa durante os shows de música.

Vicente, 15 anos, ultrapassou minha altura até então imponente na casa. Mariana, 22, decidiu corrigir meu português até então indefectível na casa. O pai idealizado vai sendo substituído pelo amigo humano, imperfeito e feito de falhas perdoáveis e cômicas.

Logo mais cederei meu lugar na cabeceira da mesa. Naturais o crescimento e a crítica cada vez mais exigentes.

Como não é possível deter a idade, o que noto em mim é uma metamorfose do olhar. Há uma inversão de minha mirada diante dos filhos. Como eles amadureceram rapidamente, deixo de procurar em suas feições os adultos que se tornaram, para reaver as crianças que um dia foram. Cato e recolho agora resquícios da infância em suas atitudes.

Mudei minha expedição: não perseguir mais o futuro, e sim a pureza e a magia da criança intactas em alguma de suas frases e expressões. Folheio em seus rostos o nosso velho álbum de fotografias. Não me interessa mais saber se são parecidos com o pai ou com a mãe, com o avô ou avó, o que importa é encontrar semelhança com eles mesmos de antigamente.

Minha luta é identificar o que mantêm de quando eram crianças: talvez a curiosidade, ou a risada desbragada, ou a teimosia de dormir tarde ou a pressa de comer quando amam uma refeição.

Minhas pupilas têm pinças e espátulas para não estragar as asas das borboletas do jardim do Éden.

Todo pai, depois de ser um profeta, converte-se num arqueólogo. Não está centrado em adivinhar quem serão os seus filhos, dispõe-se a proteger a ternura dos laços primevos.

Eu me esforço em não esquecer o começo. Serei a retaguarda deles por toda a vida. Irei guardá-los quando precisarem recuperar sua identidade.

Enquanto avançam, recuo nostalgicamente.

Não estranho que voltei a adotar os apelidos que usava quando ainda trocavam as fraldas: Vi e Mari. Recorro à diminuição proposital de seus nomes para preservar o amor da filiação.

Assim como meus pais nunca mais me chamaram de Fabrício, porém de Bito. Para não esquecer que serei eternamente uma criança para quem me criou e educou.

Maturidade é jamais negar nossa origem.

Eu tenho o corpo fechado. Nada é capaz de me machucar ou ferir a ponto de me anular. Cicatrizo rápido, levanto ligeiro das quedas.

Não recebi nenhuma benção especial, não tive nenhum passe em terreiro na minha infância, não fui levado para nenhuma simpatia, não experimentei cirurgia espiritual.

A proteção vem de minha mãe. Quando pequeno, sempre que caía um botão, ela não pedia para tirar a camisa. Meus agasalhos contavam com um pronto-socorro imediato, um plantão de gentileza.

Ela buscava a caixinha de costura na segunda gaveta da sala e se ajoelhava diante de mim para costurar a

roupa em meu próprio corpo. Pregava o botão na hora. Eu sentia o vaivém da agulha perto da pele; a proximidade do perigo aumentava o cuidado e a salvação. Ela encilhava a linha e contornava com perícia o rasgo. Como qualquer criança presa, eu tentava me mexer, e ela me advertia:

— Só um minutinho, senão vou lhe machucar.

E era condicionado a permanecer imóvel até ela terminar a tarefa. Até romper o fio com os dentes.

— Pronto, pode brincar agora.

Aquilo me fortaleceu sem que eu soubesse. Minha mãe, a cada peça perdida e repostada, foi também remendando minhas dores e tristezas, desatando nós e medos, reforçando a malha de minha carne diante das adversidades da vida.

Com o poder infinito do amor materno, criou uma armadura invisível de esperança. Não somente arrumava as roupas, ela reforçava os pontos cegos de minha

personalidade. Dava-me forro de abraços. Acolchoava as asas com minhas penas.

Eu me emociono ao me lembrar de sua cabeça baixa e dos seus cílios rentes aos tecidos. O quanto ela rezou por mim silenciosamente naquele gesto de alfaiate. O quanto ela acendeu velas pela minha saúde no altar de seus dedos. O quanto ela desabrochou os botões de meus olhos ao oferecer o tempo de sua fé.

Não há flecha envenenada da cobiça do outro que possa me abalar. Não há punhal afiado que possa quebrar a lealdade que mantenho com a alegria.

Eu tenho mesmo o corpo costurado contra o mau-olhado, a inveja e o ciúme. Pergunte para minha mãezinha se não é verdade.

Você talvez não tenha observado.

Seu pai velhinho e sua mãe velhinha andam com as mãos nas costas. As mãos em concha nas costas. As mãos entrelaçadas na espinha dorsal.

Eles ficam dedilhando os nós dos dedos enquanto caminham. Alguns roçam a aliança grossa, outros se divertem com a textura dos calos.

Atingiram um ponto da existência em que passeiam sempre com os braços para trás, como uma alavanca, eles mesmos se empurrando para a frente.

Meu pai velhinho e minha mãe velhinha andam com as mãos atadas, presas.

Não se debatem contra os fatos, não correm pela ansiedade de serem felizes, não se protegem com os punhos, não lamentam os fracassos.

Eles estão fartos de brigas e empurrões, não apontam o dedo na cara de ninguém. Avançam com o peito estufado de pombo, sem necessidade de voar para algum lugar.

Estão disponíveis ao acaso, entregues ao vento, cada dia que vem é lucro. Agradecem o que acontece e o que não acontece. Não mais se defendem, não mais esperneiam.

Agora não esperam mais nada. Não esperam, mas gostariam que os filhos sentissem saudade em vida e abrissem as algemas com a chave do abraço.

CARPINEJAR

**DEPOIS
É NUNCA**

BB
BERTRAND BRASIL

CARPINEJAR DEPOIS É NUNCA

1ª edição



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2021

EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill
SUBGERENTE EDITORIAL
Luiza Miranda
AUXILIARES EDITORIAIS
Beatriz Araujo
Georgia Kallenbach

REVISÃO
Mauro Borges
Mariana Carpinejar
DIAGRAMAÇÃO
Leandro Tavares
CAPA
Leonardo Iaccarino

Copyright © Fabrício Carpi Nejar, 2021
Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2021
Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Carpinejar, 1972-
C298d

Depois é nunca [recurso eletrônico] / Carpinejar. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2021.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-065-8 (recurso eletrônico)

1. Crônicas brasileiras. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 869.8

CDU: 82-94(81)

21-73071

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
02/09/

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra,
por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação adquiridos pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Nunca nos sentimos tão vivos quanto na hora da morte.

Você não sente que algo quebrou no interior de si? Um elástico se soltou? Uma inteireza desapareceu? Uma sensação de pertencimento não foi mais recuperada? Como se a sua vida não pudesse ser a mesma em linha reta, porém em zigue-zague, aos trancos, aos empurrões?

Você não tem notado essa ruptura de naturalidade: você ri com culpa, chora do nada sem saber o motivo? Está evitando o contato mais intenso para não se afogar na saudade? Tornou-se alguém com menos palavras do que antes? Parece que alguns sinônimos foram cancelados, que não tem mais o dicionário emocional de sempre, que ele encolheu pela falta de uso? Até tem vontade de telefonar para os amigos, mas para ficar em silêncio? E não o faz pelo medo de suspirar em excesso?

Por mais que alguém negue a realidade, não assuma a grandeza da tragédia, não compreenda o que significa milhões de vítimas de uma pandemia, acabará atingido pelo mal-estar em sua rotina.

Se não for pelo luto por tantas mortes, acontecerá pela inflação, pela recessão, pela falta de gasolina nos postos, pela ausência de trabalho.

Ainda que seja por uma hora, por um minuto, por um flash. Não existem paredes que nos isolem definitivamente dos outros.

Mesmo que não tenha nenhum parente falecido, nenhum amigo, nenhum conhecido mais direto, ainda que não se assuste com os gemidos e tosses ao redor, faça pouco caso e se veja

dotado da onipotência da saúde, ficará, pelo menos, incomodado que não se fala de outro assunto.

Quem não enxerga os urubus e corvos sobrevoando o céu ainda verá as suas sombras pelo solo.

A verdade é que, por dentro, ninguém mais será igual. Não haverá a normalidade costumeira. Amores e amizades não serão mais iguais. Nossa família não será mais igual. Nosso emprego não será mais igual.

Não tem como fingir que nada aconteceu. Todos cairão em si, inevitavelmente. Todos perceberão, em algum momento, que o modo de enfrentar a morte é somando as partes quebradas dentro de nós.

O pior não é perder o olfato, e sim o tato.

A morte não leva tudo.

Há algo que não daremos. Uma manta com o cheiro da pessoa, uma carta com a caligrafia, uma fotografia com a data rascunhada atrás. Pode ser um pijama ou um casaco. Um travesseiro ou um relógio. Pode ser uma xícara lascada ou um copinho de cachaça. Um pertence sublime ou banal.

Não são pagas todas as prestações do fim — uma se encontrará pendente, em aberto. Um pouquinho da presença restará conosco.

Tanto faz que soe como possessividade, apego, resistência em se despedir.

Nem todo luto precisa ser completo. Nem toda doação precisa ser integral.

A saudade é tátil, depende de um objeto para reconstituir a memória. Temos que tocar em uma superfície já que não podemos abraçar a pele e fungar o cangote como antes.

Escolhemos um talismã para dizer a nós mesmos que ficamos com um pedaço, uma parte viva de quem partiu. Para lutar contra a extinção sumária de uma vida, contra o desaparecimento ingrato de uma hora para outra.

É uma lembrança para nos inspirar a viver, para um dia — se Deus quiser — contar com condições de agradecer o tempo lado a lado, manuseando novamente as alegrias com leveza, sem culpa, sem medo do futuro.

Que os terapeutas nos perdoem, mas roubamos, descaradamente, os bolsos e gavetas de nossos mortos para manter um fragmento de sua existência por perto.

Não é por acaso que a minha mãe nasceu quando sua mãe cortava achas de lenha no quintal. Seu nascimento veio para aquecer o mundo.

Em vez de flores, minha mãe prefere receber buquês de temperos. Braçadas de folhas frescas: manjerição, manjerona, sálvia, hortelã, funcho.

Porque os temperos lembram o avental materno, que vivia sujo de vida.

Quando a avó faleceu, a mãe, ao prestar homenagem no cemitério, dispensava os tradicionais arranjos e pétalas e levava temperos verdes para colocar no vaso perto da lápide.

Ela chamava o túmulo de horta.

“Vamos visitar a horta da vó?”

Durante muito tempo na infância, acreditei que as pessoas dormiam eternamente na horta. Eram sementes. Eram plantadas em Deus.

Mas só depois do fim descobriremos qual semente era cada um de nós. Durante a vida, não temos certeza de nada.

Ninguém acredita na morte até que ela aconteça no meio da sua vida, pescando uma pessoa de sua preferência. A morte é como o demônio, mais cresce na descrença.

Nosso hábito é não levá-la a sério por superstição protetiva. Pensar na morte é morrer um pouco junto, é ser contaminado por ela.

Em nossos relacionamentos, não conversamos sobre o fim, evitamos falar de heranças ou seguros, espantamos pressentimentos fúnebres, batemos três vezes na madeira. Só a vida interessa, num esforço positivo de não apressar fatalidades.

Então, guardamos a sensação de que ela não existe, de que não é real. Na maior parte de nosso percurso, refere-se a uma possibilidade que apenas se realiza com os outros, não em nossa família. É até certo momento um medo racional e intelectual sem efeitos práticos.

O adiamento do assunto, o boicote de natureza infantil de não esperar o pior, de viver inconsciente de nossos limites, aumenta o choque. Desnaturaliza a sua aparição.

“Também é por essa confusão que muitas vezes, em nossos tempos obcecados pela eternidade juvenil, os idosos são tão mal tolerados, considerados agourentos pela sua proximidade com o fim”, é o que alerta a psicanalista Diana Corso.

Quando a morte vem, nossos olhos mudam. A intuição nasce. A intuição nasce quando alguém próximo morre.

Quem enfrenta uma experiência traumática de perda não olha para o mundo e para si da mesma forma. “Viramos a esquina”, para usar uma cara expressão do psicanalista Mário Corso.

Emerge uma hipersensibilidade para o escuro, para as sombras. É como se pudéssemos vislumbrar a estrada mais adiante, além do trecho que estamos palmilhando. Abrem-se as curvas do destino. É como se pudéssemos pegar objetos com a luz apagada.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, há um animal que somente é testemunhado por aqueles que entraram em contato com a morte. Todos que nunca presenciaram um desenlace não são aptos a enxergar.

O Testrálho, espécie de cavalo alado, puxa uma carruagem. Os analfabetos da morte identificam a carruagem andando sozinha. Já os que guardaram um laço afetivo com o falecimento captam inteiramente o trote vigoroso do bicho de corpo esquelético, brilhoso e olhos arregalados.

A metáfora ilumina essa transição. Um cavalo alado não pode ser alardeado, sob o risco de quem o vê ser chamado de louco.

Por isso, a experiência da morte é tão pessoal e difícil de ser descrita. As fronteiras entre o interior e o exterior, entre a aparência e a transcendência, são removidas.

Você se transforma num desajustado do discurso dominante. Como se estivesse alucinando de olhos abertos.

Assume um estado de espírito livre da onipotência. Vive fora da idealização. O que prevalece é ser intenso e possível diante da precariedade e da provisoriedade dos dias. Tem a certeza de que vai morrer e não ignora mais o aviso. A fragilidade reforça a exaltação da sinceridade emocional contra o engano de falsos prazos.

Descortina-se uma visão do invisível. É o poder da imaginação que nos torna realistas. Quando sabemos que não sabemos tudo, reconhecemos o imponderável, incontrolável, alheio à nossa vontade.

Os que avistam o Testrália perdem curiosamente o medo de morrer. Adaptam-se à velocidade das asas. Buscam correr e voar com o que deixaram para trás na imobilidade da eternidade (expressa em frases acomodadas como “tenho toda a vida pela frente”). Empreendem o seu tempo para realizar o que sempre adiaram: perdoar mágoas antigas, reconciliar-se gradativamente com as suas lembranças mais felizes, fazer viagens e projetos engavetados.

A despedida de um amor e de um afeto dá início a nossa própria despedida. Depois é nunca.

Onde você estava quando morreu alguém importante da sua estima? Um pai, ou uma mãe, ou um irmão, ou um amigo, ou um amor?

É bem possível lembrar exatamente o que estava fazendo, o que vestia, a hora quebrada do desconsolo.

O momento em que recebemos uma notícia grave nunca é esquecido. Gravamos com a adrenalina do medo. É uma imagem mental que será repetida exaustivamente ao longo da culpa de não estar presente e não poder fazer nada.

Até porque sempre somos surpreendidos. Você atende ao telefone pensando que é uma banalidade e é uma urgência. Jurava que se tratava apenas de uma conversa amistosa quando apareceu o nome do parente no visor do celular. Por pouco, não atenderia. Inclusive se recorda disso, de que fez pouco caso.

Você não espera o pior — não tem tempo para se preparar e raciocinar por uma melhor resposta.

Acaba engolido pelo vácuo, pela tartamudez. Sua reação é sair correndo e abandonar a ligação pela metade. Pretende fazer algo para intervir no destino, mesmo quando já está consumado. Deseja se despedir ainda que seja tarde.

Surge um esforço para recuperar o encontro recente e reprisar quando foi que se viram pela última vez, e se havia algum sinal profético de adeus. Tenta achar uma coerência no roteiro absurdo do destino, localizar uma desatenção de sua parte que explique tudo.

Jamais apagaremos a força de um comunicado de pesar que revela todas as nossas fraquezas. Pois é um trote que mudará a nossa vida, é um engano que despertará as memórias mais secretas.

Onde você estava quando o seu afeto morreu?
Certamente fora de si.

A pessoa morta é muito diferente da pessoa viva, o que facilita o descrédito dos parentes com o fim. Põem na cabeça que a pessoa no caixão não é igual àquela com quem eles conviveram.

O morto possui aparência desfigurada, ainda que não tenha sofrido um acidente. A estatura é menor, os lábios se mostram escuros e diminuídos, verificam-se um achatamento dos traços, as articulações contraídas, um esvaziamento da cor da palidez ao roxo, uma serenidade silenciosa que destoa em comparação aos encontros de sorrisos e autenticidade.

Para quem está de luto, é e não é o seu finado ao mesmo tempo, num conflito que adia a aceitação.

Você, então, para não sofrer, finge enterrar um anônimo no lugar do seu afeto. É um impostor qualquer preenchendo uma suplência, atendendo à urgência de uma cova aberta.

Mesmo reconhecendo o corpo para as exéquias, não há o reconhecimento da alma, que ocorrerá anos depois. Até porque a peculiaridade da alma não se encontra mais no contexto.

Mergulha-se numa insensibilidade desinteressada, no cumprimento de uma formalidade, numa cerimônia vazia.

A mentalidade dos que comparecem ao velório é de que se despediram de alguém que simplesmente não conheciam.

O período mais angustiante do luto é a manhã, quando você ainda não ligou a sua máquina de existir e os sonhos embaralham o seu discernimento.

Por um lapso de consciência, ainda acredita que aquilo que aconteceu foi um pesadelo. Extravia o domínio da realidade com os movimentos suspensos e formigando, distraído com o fluxo interior de imagens da noite passada.

Tem uma trégua de incredulidade até o desjejum, até despertar inteiramente. Enquanto não acorda de verdade, entre bocejos e olhos remelados, vive um hiato da racionalidade, onde ninguém partiu, em que nada mudou, em que a data não se movimentou para frente no calendário.

Só que o aparente alívio traz a repetição da dor, porque você terá que lembrar a perda. A cada manhã, a cada tomada de consciência, o enlutado recebe de si a notícia da fatalidade de novo. É um Sísifo vendo a pedra levantada ao cume escapar de suas mãos e rolar outra vez desfiladeiro abaixo.

Enfrenta o baque de se deparar — como se fosse a primeira vez — com o falecimento de quem gostava. É um choque reincidente, já que quem morreu morrerá todos os dias depois de parecer que não morreu no espaço nebuloso da fantasia e da lembrança.

Não devemos jamais banalizar o luto.

Quem perde alguém de sua estima parece controlado. Porque a estabilidade é uma forma de permanecer fiel à vida anterior ao desastre.

Atua no plano automático e superficial de suas responsabilidades. Continua pagando as contas no início do mês, continua fazendo mercado, continua preparando almoço e janta, continua trabalhando. É o sofrimento silencioso da negação antes do sofrimento barulhento da aceitação.

Pode até sugerir que é forte, ou absorveu a falta melhor do que imaginávamos, ou que se encontra firme diante de uma morte recente.

O sofrimento é mais fundo do que somos capazes de enxergar. Não eclodiu no plano da consciência.

A rotina prossegue naturalmente por uma questão de vigília. A pessoa vai repetindo a si.

Em seu mundo interior, ainda não absorveu aquilo que aconteceu. A incredulidade mantém a normalidade.

Acha que o fim foi um engano, que o afeto voltará a qualquer momento. Daí a dificuldade congênita de doar as roupas, os sapatos, de esvaziar as gavetas, de alterar a ordem da casa um centímetro que seja.

O enlutado transmite uma imagem de que está bem, pois não mudou nada desde que soube da notícia. Ainda não se transformou. Ainda não saiu da realidade que existia antes do baque. Está esperando uma confirmação. Não admitiu a separação. Trata a morte como uma lacuna inesperada e reversível ou uma viagem para longe.

A calma é a parte mais perigosa do luto, a véspera do tormento agressivo.

Eu sempre temo a ausência de lágrimas. É verdade sendo adiada.

Mesmo cuidando diretamente do velório, do enterro, da parte legal da despedida, agradecido as condolências, é como se fosse relativo a um desconhecido, não a quem amava. Não significa que entendeu o que vinha ocorrendo. O impulso de autoproteção é despersonalizar a morte.

Quando despontar a certeza da ausência, haverá um *poltergeist* de talheres entortados, de pratos quebrados, de janelas batendo, de sustos raivosos de saudade e de pesar.

O perturbador do processo é que, ao descobrir que o ente querido realmente morreu, o enlutado fica com a sensação de que foi ele quem morreu, foi ele quem desapareceu, foi ele quem extraviou o sentido da vida. Há uma inversão, o ímpeto de se colocar no lugar do outro, de querer ter morrido no lugar do outro.

“Por que não fui eu?”

O enlutado passa a morrer várias vezes ao dia. Não subestime a veracidade desses apagões. É a maior dor que existe, a dor do desamparo. Não poder desabafar com quem está morto, logo a quem costumava pedir ajuda, quem saberia consolar e lidar melhor com a situação.

A dor da perda é como uma panela de pressão. Não podemos abrir na hora em que uma chama em nossa vida se apagou. É necessário liberar a fumaça aos poucos. Aos sorvos. Para não sermos queimados pela alta temperatura da saudade.

Quem tenta descerrar a tampa logo que um falecimento acontece pode explodir a esperança, a fé, a confiança em Deus e em si mesmo. Temos que respeitar a trava de segurança.

O vapor que virá primeiramente é o do susto, do choque. Você não acreditará que não poderá mais ver ou conversar com quem recentemente se mostrava acessível. Duvidará do tempo linear e cronológico, feito somente para a frente. Pensará que existe um plano paralelo, ainda com a presença do ente querido, onde é possível abraçá-lo e beijá-lo. Passará a caminhar para trás, recuando ao passado, para proteger a memória, lembrando de detalhes que nem julgava possuir.

Logo depois virá o sentimento de culpa. Vai se mortificar por não ter estado mais próximo. Por não ter acompanhado o desenlace com total devoção, por não ter intuído o fim. Até acreditará que, se testemunhasse o último suspiro, a história seria diferente — ressuscitaria o coração com a ternura do socorro e com o clamor ao infinito. Todo enlutado jura que é capaz de um milagre.

Em seguida, conhecerá a raiva e condenará o morto por morrer. Quando perdemos alguém que amamos, somos impregnados de uma inexplicável cólera: Por que ele não se

cuidou? Por que ele foi imprudente? Por que ele não me ouviu? Por que ele me deixou?

Após gritar e se desesperar pela completa atitude de negação, provará na boca a mais amarga tristeza da nossa condição humana. Um gosto de terra molhada, como se você tivesse sido enterrado no lugar de quem partiu. Faltará ar para as palavras mais simples e prosaicas. É a asma do amor que roubará o seu pulmão por alguns meses. Mas algo terá mudado em sua relação com a morte. Estará aceitando a ausência e o fato de seguir adiante apesar dela. As lágrimas resgatam o poder de reagir. Enquanto o choro não se consuma, permanecemos presos ao rancor.

O derradeiro ciclo da panela de pressão é o da gratidão, no momento em que você revive os conselhos e lições herdadas. Já não reclama da precocidade dos laços, não acha que foi um engano, não mais amaldiçoa ninguém, não se sente injustiçado. Reconhece a herança perene em sua personalidade, um jeito de rir ou de se portar parecido com o daquele que se foi.

O sofrimento não tem atalhos. É sair da estrada e abrir um novo caminho de aceitação na mata fechada.

A despedida nos ensina a dura lição de comemorar o nascimento em vez de unicamente lamentar o fim.

Antes de morrer, todo paciente apresenta ligeiros sinais de melhora, num impulso inacreditável de recuperação.

Os familiares e amigos se enchem de esperança pela reversão do quadro, mas é o esforço derradeiro gasto para se despedir, uma mobilização para subir à tona da gravidade da doença, para não falecer em completo baque do silêncio antes de entregar as palavras finais.

São ressurreições providenciais, de curto prazo. Como se o paciente terminal desfrutasse da cortesia divina de ter a saúde reposta por algumas horas para dar adeus. É o direito à última valsa que antecede o coma.

Nesta trégua, são chamados os mais próximos para perto. E testemunham-se o choro, a bênção, a gratidão em relampejante período de consciência.

A impressão é que o enfermo está livre de riscos, sereno e de olhos claríssimos, reassumindo o leme de sua linguagem, dono de novo de seu caminho. É provável que ria e faça ironias. Não duvide de que retome a disposição de antigamente, ajeite a coluna para impor a voz e se preocupe com questões cotidianas como o cachorro ou a temperatura na rua.

Logo mais, inesperadamente, acontecerá o óbito. Não dará nem tempo para a família chegar em casa.

Recordo-me do caso de um paciente terminal com câncer de fígado em Porto Alegre (RS). Não havia mais como frear a metástase. Para surpresa da equipe de atendimento, o homem se

levantou calmamente da cama, caminhou até a janela, inebriou-se com a melodia do ar e exclamou: “como é bonito isso tudo!”

Em seguida, voltou para o leito, cobriu-se com o lençol branco e fechou os olhos para sempre.

Médicos e enfermeiros conhecem essa cena de cor: os dedos do paciente e do seu familiar se entrelaçam como um nó. Com muita força. Com uma fé que não permite nenhuma fresta. Não há como a vida escoar dali.

Não são mãos dadas, mas mãos apertadas. Como duas pessoas segurando juntas a pedra invisível e preciosa da amizade.

Parece que tem algo escondido na concha do gesto. Talvez a alma.

É o cumprimento do adeus, o abraço com um só braço, o aceno da paz derradeira, o suspiro da carne.

Nesse momento, o paciente sabe que vai morrer. Não tem mais como esconder a verdade. Compreendeu os seus limites e a decisão do destino. De modo nenhum quer ir embora, porém entende o que significa estar acompanhado durante a passagem. É agradecido por se despedir, por ter essa chance de confiar em alguém e dividir as suas dores.

Reúne toda a motivação possível no meio da doença e da debilidade física para repassar um incentivo a quem fica.

As mãos choram: agradecidas, firmes, inseparáveis. É um ato de beleza e de verdade que transcende o nosso entendimento. É como rezar em altíssimo silêncio.

As mentiras ditas na despedida de alguém não são mentiras, mas cuidados.

Não pode existir culpa por estar faltando com a verdade, porque está sobrando atenção.

Se você falar a alguém que está morrendo que logo ele vai sair dali, da cama, do hospital, é seu amor que fala por você. Ninguém precisa ser realista com a morte.

Deixar ir já é difícil, mas a consciência da finitude não pode ser maior do que o rito de proteção.

O que o paciente terminal busca é descobrir o quanto é amado, o quanto é admirado por detrás das palavras. Não importa muito se as promessas vão acontecer, já que não são profecias.

A fé é estar presente no instante derradeiro e não descortinar o futuro. Nem sempre alcançamos a cura, mas nunca deixaremos de dar um pouco mais de conforto e ânimo.

Todos os parentes e amigos dissimularão otimismo diante da perda iminente de um ente querido. Não é para enganar, mas para acomodar a dor, para que se encontre uma posição menos desconfortável na lembrança.

As frases de incentivo diminuem o desespero do testamento, a ansiedade no adoecido de repetir o carinho já conhecido.

Muitos dos familiares, no leito de morte, colocam a mão na boca do paciente e pedem silêncio, mesmo sabendo que jamais

vão ouvir aquela voz de novo, mesmo querendo escutar juras de devoção como nunca antes.

A intenção é poupar o esforço de quem está frágil, não fazer o outro sofrer mais.

O padre Fábio de Melo confessou que desconversou sobre a gravidade do momento para a sua mãe Dona Ana, 83 anos. Era um adeus disfarçado em “até logo”.

“Eu disse pra ela assim: ‘Mãe, a senhora vai dormir agora um pouquinho, que a senhora está muito cansada, e, quando a senhora acordar, eu prometo pra senhora que vai estar tudo bem. Não vai ter mais falta de ar, a senhora vai estar pronta para ir para casa.’”

Não significou uma deslealdade, e sim a encomendação da alma, uma ajuda para arrumar a bagagem. Ele foi pai de sua mãe. Na hora da partida dela, quis que ela não fosse sem nada, que não chegasse aos céus de mãos vazias, que levasse a esperança dele.

Quem morre carrega a nossa esperança. Quem fica recebe a saudade em troca.

Se a mãe nos dá à luz, precisamos dar sombra para ela em sua morte, a tranquilidade da confiança de que vamos continuar nos cuidando.

Quando a minha esposa Beatriz perdeu a mãe, há seis anos, lembro que brigou com a funerária porque a equipe não tinha posto a roupa separada para a cerimônia. Não aceitou, não deixou passar. Bateu o pé, a boca, para que honrasse o planejado.

Era para ser o melhor vestido. Aquele vestido creme de que Clara tanto gostava, que não causava erro, que a incentivava a rir com volúpia e desenvoltura com as mangas soltas.

Pode parecer bobagem, mas, para quem está enterrando a pessoa predileta de sua vida, todo detalhe é decisivo. Seria a última vez que enxergaria a sua mãe. Seria a imagem derradeira, a que arderia os seus olhos de lágrimas quentes para sempre.

Beatriz preparou os cabelos, a maquiagem, como se fosse mãe de sua mãe. Foi uma dedicação extrema de espelho, devolvendo, num único ato, todos os momentos em que Clara fez meticulosamente as suas tranças na infância e na adolescência.

Era o último punhado de areia escoando na ampulheta. O resto dos grãos do café do tempo entre as duas, preso no coador de pano.

Ela trocou de papel com a mãe. Era a protetora, a que tirava alguma mancha da veste com a saliva, a que fixava a franja com os dedos, a que não se importava com o vexame do apego.

Velar é embalar o morto até dormir, sussurrando em seus ouvidos uma canção de ninar de conhecimento mútuo. É mais do que zelar pela aparência, é se preocupar em ser leal com os desejos de quem parte.

A morte de mãe e pai não nos desliga deles.

Meu amigo Zé guarda até hoje uma garrafa de água pela metade na geladeira, gargalo do último brinde de seu pai ao falecer, há mais de quinze anos.

Ninguém tem ideia do que significa aquilo: não acabou, nunca vai acabar. A relação jamais se encerrará entre eles. A garrafinha estará sempre com vida para ser bebida.

O que é despedida senão nos esforçarmos mais para estar presentes, para lembrar, para fazer o que prometemos? Temos que trabalhar mais a memória, os ouvidos, a atenção.

As conversas não serão mais fáceis, fartas, abundantes, mas não deixarão de acontecer. Você não terá o direito de abraçar, só que sentirá o abraço pelo arrepio, reconhecendo a assinatura do toque com a pele aquecida e estremecida de repente.

Não se assuste, nem duvide da veracidade do encontro, você saberá quem é sentindo. Sentir é tudo depois da morte. Não dependerá de confirmações, de avisos, de sinais. Será a única testemunha do fenômeno. Assim como respiramos o odor de uma refeição sendo preparada mesmo muito distantes.

Você não pode mais olhar sua mãe, mas seguirá sendo permanentemente cuidado. E cuidará dela se cuidando.

Não é porque ela morreu que ela não mais escutará os seus apelos. Não é porque ela morreu que não receberá mais colo. Continuará sendo socorrido, acolhido, compreendido.

Experimentará uma lucidez dentro da dor que jamais conheceu antes.

Quando uma pessoa importante vai embora, não é o fim, é apenas o momento de se acostumar a amar de um novo jeito. Não é uma ruptura, é a manifestação mais contundente de uma ligação atemporal.

Há números telefônicos de amigos falecidos que não tenho coragem de excluir. Às vezes, esbarro em um deles e choro, e daí faço um telefonema espiritual entre a oração e a lembrança. Não sei se rezo ou lembro, as duas operações estão misturadas. Engulo as lágrimas como se fossem palavras inéditas entre nós.

Jamais descarto. Longe de mim mandar na saudade. Não há como apagar quem permanece vivo em mim. Mesmo que seja uma recomendação terapêutica para aceitar o luto.

Conservo os dígitos como uma fotografia numérica de todas as conversas que tivemos, de todas as confissões sussurradas ao pé do ouvido, de todas as andanças por dentro da memória. Ainda preciso de conselhos, ainda preciso de incentivos — a morte é um detalhe para quem tem em mente o conjunto de uma vida.

Não podemos deixar nossos mortos somente no cemitério, mas espalhá-los pelos mais miúdos gestos, para continuarem acontecendo.

Pai e mãe são corredores que unem a sala de estar ao quarto da infância. São ligações internas, interurbanos da alma. Sem o corredor, a casa não conversa e você não se escuta mais.

Apague aqueles que lhe fizeram mal, com o perdão da amnésia, e mantenha aqueles que lhe fizeram bem, na mais profunda gratidão.

Só posso ver a dor do outro pela janela, não há como dividir o mesmo ambiente e sentimento ou querer sofrer mais do que aquele que realmente tem motivos para sofrer.

Não tenho licença para entrar no sofrimento que não é meu. No interior do interior de alguém. Ou tomá-lo como se fosse parte da minha experiência. Empatia não é dividir a dor, mas respeitar a dor, permanecer próximo caso seja chamado, mas manter o distanciamento.

Quem sofre por uma morte precisa de espaço. Quem sofre precisa respirar. Quem sofre precisa de área livre ao redor. Está soterrado de uma ausência.

Quem sofre carrega um corpo que não enxergamos, dá colo a um falecido que não percebemos.

Não sufoque, não pressione, não fique em cima. Até o abraço demorado incomoda.

Preocupe-se moderadamente, mas não monopolize a atenção. Não sugue toda a energia do outro que já está escassa. Não estabeleça um interrogatório e perguntas indiscretas de detalhes da perda no meio da perplexidade. Não permita que a curiosidade seja maior do que o ato de confortar.

Respeite a solidão não permitindo que a pessoa se considere só. Essa é a façanha: ficar ao lado, não grudado.

No ventre da grande dor, só cabe um de cada vez. Só nasce um de cada vez.

A grande dor é muda. A comunicação se dá por um segundo cordão umbilical que surge, repentinamente, em nossa boca. Não existe mais a voz, porque é uma conversa direta de pensamento a pensamento. A alma de quem faleceu será alimentada pelos nossos exemplos. Não viveremos mais por nós, como antes, viveremos também para continuar os propósitos de uma vida que findou.

A responsabilidade de ser feliz aumenta com a morte de alguém. Estranhamente, temos mais motivos para viver, para não desistir, para não desperdiçar todo um legado, toda uma memória. Tornamo-nos testemunhas de uma história, o único exemplar que sobrou daquela biblioteca.

Continuar, seguir vivendo, são comandos que aparecem com frequência para o enlutado, como ordens internas, como berros espirituais do antigo eu para o novo eu.

Porque a morte será sempre inexplicável, mas temos a obrigação de justificar e proteger a vida até o último esforço.

Choraremos com a tinta dos olhos, depois choraremos com a tinta das palavras, e ainda estaremos chorando pelos gestos e manias por um longo tempo.

O enterro não será de um dia para o outro. Talvez perdure para sempre. Talvez, pelo resto da vida, estaremos nos despedindo um pouco por vez de alguém amado. Será um punhado de terra arremessado a cada amanhecer, será uma rosa ofertada a cada entardecer.

Demora mesmo para aceitar e reconhecer os nossos limites, para respeitar uma cadeira vazia, para sincronizar a memória com a realidade.

O ponto zero de nossa existência descende desse ponto morto. Só nos resta elaborar uma urgência de viver, inventar um propósito para disfarçar a ausência, um significado para acomodar a falta.

Não haverá mais como adiar nenhuma admiração. Deveremos juntar gentilezas, reaver a empatia, preocuparmo-nos mais com os amigos e familiares, não esperar um momento ideal para nos fazer presentes.

Que o aceno de adeus seja um reencontro conosco, que o aperto no coração seja um abraço por dentro.

Entenderemos que seremos felizes outra vez, mas agora tolerando a imperfeição, aprendendo a conviver com a dor.

Não pararemos de sorrir porque dói.

Há nome para quem perdeu a esposa ou o marido: viúvo. Há nome para quem perdeu os pais: órfão.

Não há nome para quem perdeu o filho. Porque não pode mesmo ter nome. Não existe como batizar, como explicar, como ser resumido em uma palavra.

Trata-se de uma dor inominável. A língua portuguesa é também mãe e não suportaria participar dessa violência, dessa inversão abissal, dessa ruptura da cronologia biológica.

A terra, inclusive, cúmplice das lágrimas, encolhe-se de vergonha diante do caixão pequeno.

É uma lacuna proposital. O silêncio vem como uma homenagem a todos os pais e mães que foram obrigados a dar adeus às suas crianças e adolescentes.

Não existe possibilidade de sinônimo, enfrenta-se uma nomeação impossível, indescritível. Como chorar sem força, como falar sem som, como ouvir o próprio batimento mais alto do que qualquer voz por perto.

Enterrar um filho é se virar sem a esperança dali por diante. O órgão da esperança foi extraído como um rim, um pulmão, clandestinamente.

Uma manhã desperta-se com a costura na carne, absolutamente inconsciente do momento da cirurgia.

É nunca mais cicatrizar a ferida. Mantê-la aberta, como um segundo sorriso na pele.

Pois a ferida é o que ficou do filho. É o que resta do filho.

As alegrias terão sempre uma sombra, um quarto fechado, uma cama vaga, um armário com os cabides enfileirados.

Ninguém é capaz de descrever esse vazio, nem ouse tentar. Talvez seja o sofrimento mais próximo da loucura.

É imaginar tudo o que poderia ter acontecido como se fosse real e lembrar-se de tudo o que aconteceu como se fosse um pesadelo.

É aniversariar saudades. É não aceitar os propósitos da vida e seguir vivendo mesmo assim. Um dia depois do outro, para ver se o tempo começa a passar rápido na tristeza.

Qualquer pai ou mãe que tem o filho arrancado pela morte deseja que o tempo passe rápido. Só tem esse pedido. Que passe rápido.

Até o filho ausente virar uma dor adulta, para a dor envelhecer no lugar de quem cedo partiu.

Não posso nem chamá-lo de caro ou prezado. Educação e respeito vão soar como cinismo, já que apressou a morte de seu próprio filho.

Tampouco posso chamá-lo pelo sobrenome para indicar formalidade. Perdeu o direito do sobrenome. Seu filho pequeno está enterrado em seu sobrenome para sempre. Ele carregava seu sobrenome, você não soube carregar coisa alguma dele.

Quando seu menino acordar dentro da morte, ele vai chamá-lo. Assim como toda criança chama seu pai quando tem medo do escuro. Vai chamá-lo, e onde estará?

Ele acreditava que você era o herói dele. Estava exagerando para pedir que o salvasse, não entendeu o apelo?

Você nem pai foi. Nem homem foi. Você foi o que restou.

O que dirá para a irmãzinha dele? Que ele está no céu?

Perdeu também o direito de mentir. É você e sua memória sozinhos no silêncio. Só resta a memória para quem matou a consciência.

Não entendo o que leva um homem a anular sua família anterior por uma nova namorada. O sexo é mais importante do que a paternidade? A bajulação é mais importante do que a ternura? Queria estar disponível para festas? Cortar gastos?

Fingiu que o menino não existia para não atrapalhar a ambição da sua mulher? Fingiu que o menino não havia nascido

para atender à exclusividade da sua mulher?

Filho não é escolha, é responsabilidade. Já casamento é escolha.

Se a mulher não gostava de seu filho, não deveria ter recusado o relacionamento?

Como seria simples. Bastava dizer "Ou meu filho ou nada!". É o que se fala no início do namoro.

Para você, nada.

Não é que você não tem mais nada, você não é mais nada. Abdicou de seu filho para ficar com alguém. Você não se contentou em abandonar sua família para criar uma segunda família, você aniquilou sua família para criar uma segunda família.

Há quem espere fora de casa porque perdeu a chave, há quem espere fora da alma porque matou o filho.

Depois que se perde um filho, não há nada mais a perder. Não há mais nada a temer. Não há mais fronteiras, barreiras, dúvidas, vacilações. Não há posses ou limitações financeiras. Não há vergonha pública nem medo da loucura. Não há receio de ser sincero. Não há adiamentos. Não há meio-termo ou negociação de prazos.

O pai e a mãe que arcam com tal apoteose de saudade são bichos feridos, lambendo a cria em sua dor. Não toleram consolo. Não aceitam condolências. Não admitem atenuantes ou sentenças tranquilizadoras de que “foi a um lugar melhor”, ou que “teve a passagem de um anjo na Terra”, ou que “é uma questão de tempo para passar o sofrimento”.

A morte é uma ofensa pessoal. Viram ateus do destino.

A grama não crescerá ao redor do jazigo. Eles estão dispostos a tudo pela verdade, pois já atravessaram o nada, o nada que é gerar um filho e logo vê-lo partir no abismo da casualidade.

Não duvide da coragem que existe no maior sofrimento que é a morte de um filho, nas consequências avassaladoras que vêm após uma perda tão imensa.

Nada os fará desistir de entender o que aconteceu, como aconteceu, o motivo de desacontecer a paternidade ou a maternidade justamente com eles.

Não é apenas um filho que morre, mas a condição de pai e de mãe — antes vitalícia — que é arrancada sumariamente de suas vidas.

São despejados de suas funções, da memória de suas significações tutelares.

Como assim, não sou mais mãe? Como assim, não sou mais pai?

Era o filho que me tornava mãe ou pai? Alguém deixa de ser mãe ou pai?

Temos uma tendência para o autoboicote.

Conspiramos contra o que sentimos, como se pudéssemos controlar a enxurrada emocional sozinhos.

A água dos olhos não é mais uma goteira, alagou a casa inteira, os móveis estão boiando em nossa tristeza, já mergulhamos mais do que respiramos, e não soltamos o grito de socorro. Não expressamos a gravidade das preocupações.

Repare: sempre que alguém nota o nosso desamparo e pergunta o que houve, reagimos com “não é nada”. Omitimos nossos desconfortos com o nada.

Quando falamos que não é nada, é sério. É a resposta convencional para todas as tragédias pessoais.

É nada quando nos separamos, é nada quando estamos deprimidos, é nada quando somos demitidos, é nada quando adoecemos, é nada quando um colega do trabalho foi desleal, é nada quando sofremos *bullying*, é nada quando a morte busca alguém querido.

Tentamos despistar, blefar normalidade diante da enchente levando a nossa alegria de viver.

Por que não pedimos ajuda? Ou melhor, por que não aceitamos ajuda?

Pois estamos condicionados a pedir ou aceitar ajuda somente em urgências. Mas a questão é que não conseguimos determinar

quais são as urgências em nossas vidas. Só serão percebidas em retrospectiva, quando estivermos sem voz para o resgate.

O choro poderia secar antes do vazamento de nossos traumas. Poderia ser suspenso com o afeto do outro, com o colo, com o ombro, com as palavras amigáveis, com a mão espalmada para nos levantar. Mas escolhemos não falar nada, alegar que é nada.

Terminamos nos anulando nas grandes dores, pelo hábito de não dividir os aborrecimentos, de não querer ser vistos nas pequenas dores.

A rede de afetos deve ser formada antes de um acidente ou de uma fatalidade, pelo exercício diário e constante da confissão. Ela é que vai nos salvar de uma queda livre repentina. A lona das amizades estará estendida no solo para amortecer eventual tombo.

Criar uma rede de afetos no momento do maior sofrimento é quase impossível. Ou ela existia previamente, ou não contaremos com condições de firmar amizades curativas de última hora. Não há amizades tampões. Que nos ajudemos antes para nós sermos ajudados depois.

Boicote é orgulho, orgulho é falta de sinceridade consigo. Existe um padrão dominante em nosso comportamento para desmerecer as impressões, a subjetividade, os pensamentos. Deixamos, assim, que o medo cresça sem censura, por receio de incomodar alguém, submersos na conclusão de que ainda não é tão grave assim.

Não querendo nos desesperar, somos arrastados para fora do nosso centro. Não querendo exagerar, enfraquecemos as nossas defesas.

Terminamos por nos afogar em nossas lágrimas.

Mas eram só lágrimas, como isso aconteceu?

Nunca são só lágrimas.

Na morte de uma pessoa próxima, forçamos a nossa importância sob o disfarce da intuição. Nossa inclinação é dizer que havia um pressentimento e que não expusemos o sinal ou o alerta para não condicionar destinos. Existe a vaidade da profecia e ainda um desejo vão de mostrar onipotência: “eu sei das coisas antes de acontecerem”.

Nem tudo é intuição. Ela não pode ser classificada como um mal-estar ou um desconforto espiritual. Muito menos ser aplicada como panaceia para justificar ações egoístas e impopulares.

Muitos alegam que seguiram a intuição e somente foram arrastados pelos seus preconceitos.

É uma palavra traiçoeira adotada fora do contexto e num espectro amplo e genérico como fiadora de nossos erros, para que não assumamos a responsabilidade pelas atitudes.

Interpretada como uma entidade divina a repassar os dividendos pela ausência de engajamento e pela omissão da autoria.

Uma justificativa perfeita para impor vontades antipáticas e crenças limitantes, já que foi a intuição que disse e não tem como duvidarmos dela.

A intuição não é o que promulgamos.

Está vinculada à prevenção do que possa acontecer de ruim na vida, como infidelidade, doença e acidente, mas não só nos alerta

dos perigos como também nos aponta os acertos.

A intuição vem, por exemplo, na iniciativa de um beijo perante a tensão erótica do silêncio, ou na oferta do perdão, ou para assumir um desafio, ou para ousar um novo destino, ou para arriscar um negócio.

Ela é uma conselheira, jamais uma executora, uma finalizadora. Não passa por cima do nosso livre-arbítrio. A palavra final permanecerá sendo a nossa.

Seu dom deveria ser mais presente em nossos juízos para qualificar as nossas opções.

A intuição é nossa presença em alta rotação, nossa sensibilidade no ponto máximo, nossa maior performance da sensibilidade. Não nos acostumamos a atendê-la porque fica circunscrita ao medo. Ou medo de perder algo, ou de ser rejeitado, ou enganado.

Entretanto, ela é o inverso do medo: corresponde à autoconfiança. Nada demonstra mais segurança em si do que corresponder à intuição.

A intuição prospecta o cenário mais adequado para a nossa inserção, pontua aquilo que é proveitoso a longo prazo.

Resistimos ao exercício de recorrer a ela no amor. Queremos acreditar que a relação vai dar certo e deixamos de revisar o histórico.

A confusão é acreditar que a intuição é um poder sensitivo.

Diferente de uma paranormalidade, representa uma normalidade atenta e depurada. Você está tão presente, tão entregue à realidade, que antevê os movimentos seus e do outro.

A intuição é a nossa mais poderosa amiga.

Por que não a procuramos rotineiramente em nossos dilemas e encruzilhadas? Pois nos encontramos fora do nosso eixo, do nosso centro, da nossa atenção.

Só usamos a intuição quando estamos fragilizados, comovidos, com os nervos à flor da pele, quando é tarde demais e não há nada mais para ser feito.

Seguir em uma relação em que houve quebra de lealdade é tarefa para a intuição, a desvendar se a companhia será reincidente ou se vale a pena persistir com a crença em uma mudança de postura.

Nesta hora, precisa desesperadamente da intuição — ela poderia ter sido consultada antes para que você não passasse por tal constrangimento.

Você não acreditou no desligamento da conexão com o outro, pretendeu não soar tendencioso e inconveniente, apesar de o marido ou a esposa andarem grosseiros, andarem indiferentes, andarem avarentos, evidenciando ululante desinteresse em suas atividades.

A intuição não repara num movimento isolado, radiografa o conjunto, acima da parcialidade do sentimento.

Ela faz um apanhado da movimentação exterior e interior. São as câmeras ligadas dentro de nossos pensamentos, o nosso banco de dados do que funcionou e do que não vingou em nosso passado.

Vai nos tirar do mundo paralelo da idealização para recuperar os *flashbacks* do convívio, o que não percebemos por estarmos muito ocupados sofrendo.

A intuição enxerga com mais clareza o que está ocorrendo conosco. Não é enxergar além, é enxergar o próximo, o que está rente, o óbvio a um palmo do nariz.

Ela traz a balança para pesar virtudes e defeitos, soma as subtrações. Prioriza a justiça pessoal. Preocupa-se com o que é justo para você, ainda que incite a uma transformação drástica ou negação de sua estabilidade. Valoriza o merecimento mais do que a sua necessidade. Só você é prioridade para intuição, mais ninguém.

Analisando por esse prisma de saúde emocional, a paranoia seria o equivalente a uma intuição adoecida, uma intuição alienada, uma intuição isolada. Emerge de um ambiente tóxico em que o ciúme e a desconfiança são forjados para que alguém mande no relacionamento, restando ao seu par ocupar a posição submissa e obediente de expectante angustiado. A paranoia é de fora para dentro. A intuição é de dentro para fora.

A paranoia é uma arma engatilhada por abusadores psicológicos para criar dependência e roubar a liberdade do outro a partir de insinuações e ameaças.

Nota-se a insegurança do parceiro e, no lugar de remediar pedagogicamente com detalhes e explicações, aumenta-se o conflito sob a alegação de que ele é de uma estatura moral menor e corre o risco mesmo de ser substituído. A fragilidade alheia desperta a confiança para a manipulação e o aumento da soberba para o controle.

A intuição nos salva das enrascadas e, ao mesmo tempo, nos inspira a abraçar a própria felicidade.

É um filtro da nossa experiência. Quanto mais confiarmos nela, mais retribuirá com a leitura fiel de nós mesmos, escoltando nossa evolução.

Intuição é nossa independência, é nossa autonomia, nossa solitude, o que nos garante o bem-estar.

Sua aparição nem sempre é agradável, às vezes nos põe contra o nosso desejo. Refere-se a um equilíbrio entre a razão e a emoção, quando conseguimos escutar as duas partes afastados de perigosa precipitação e da ansiedade conclusiva.

As pessoas maduras não se descolam da intuição, porque ela é baseada na paz do levantamento dos fatos, em vez de seguir a inconstância das impressões.

Seja educado com a intuição, não a interrompa quando ela estiver falando.

O orgulho é fundamental quando você sofre um luto, como escudo de sobrevivência do ego.

Você se resguarda estando muito frágil. Você se economiza não podendo se repartir. Você se vale de uma proteção para não se ver refém de uma situação expressivamente desfavorável.

O orgulho tem o valor de vaidade concentrada, em especial nos momentos de desvalia. É uma cápsula descolada da nave espacial para chegar mais longe, para continuar seguindo, para não ser apanhada por asteroides.

Quando você acaba um casamento, é o orgulho que o inspira a se matricular na academia, a cuidar da saúde, a viajar sozinho, a realizar cursos e sonhos antes adiados dentro da relação.

Ao escutar de alguém que não conseguirá determinado feito, aciona a propulsão do orgulho. Sente-se desafiado a provar o seu talento. O equivalente a demonstrar a sua envergadura.

Você investe em si para calar as expectativas e o burburinho de que não é capaz de certas coisas.

Quando um familiar morre, você sugere não ter se abalado e cuida de todos os encargos do velório e do enterro. Não é insensibilidade, mas orgulho segurando as rédeas da sua vida. É um chamado para a responsabilidade. Atende a tal apelo urgente e deixa para sofrer depois. Consola e conforta os conhecidos com distanciamento, como se não estivesse ali presente.

O orgulho apresenta uma condição de piloto automático em nossos desastres. Uma capa contra ofensas.

O grande erro é não entender que o orgulho é um remédio paliativo. Cumpre um papel provisório de nos fazer resistir em períodos de privação e provação. Como se fosse a placenta da dor. Depois, temos que jogar fora.

Orgulho funciona como uma teimosia de existir, uma reserva de emergência para não sucumbir a traumas. Uma reação de contenção à fragilidade exposta, em que atacamos para nos defender, em que nos mostramos mais decididos do que o normal. É uma resposta do amor-próprio quando ameaçado. É uma exaltação descompensada de si para não ser arrastado junto com quem partiu.

Por isso, há a expressão “orgulho ferido”. O orgulho ferido vem de um sangramento. De uma falta. De algo que saiu do lugar. De um deslocamento da rotina.

Traz um tanto de raiva (“Eu não merecia”) e insubordinação (“Não vou agradar mais ninguém”), um tanto de agilidade e de radicalidade. Parece um superpoder, o que dificulta abdicar dele após a retomada da normalidade. Você se sente apto a qualquer desafio, focado e absolutamente desembaraçado. Não pensa, mas realiza. Não hesita, oferece o exemplo.

A questão delicada é que não há como ser orgulhoso por muito tempo. O orgulho inibe o senso de justiça, de empatia, de solidariedade.

Você entra num modo de competição predatória, de desconfiança, não acreditando em mais ninguém, a não ser em si mesmo. Você adota uma postura de oposição, de estarrecimento cético, de ser sempre do contra, de generalizar a discórdia sob o pretexto de ser sincero custe o que custar.

Orgulho prolongado vira cegueira, de perigosos efeitos colaterais. A automedicação a curto prazo não deve ser estendida em vício.

O orgulhoso é reativo à oferta de préstimos e de auxílio. Ofende-se com qualquer manifestação colaborativa, criando distorções de sua autossuficiência, pois compreende que precisar de algo é sinônimo de apequenamento, um atestado de inferioridade.

O orgulho jamais une, jamais triunfa na mediação de conflitos. Ele abole o pedido de desculpa e a autocrítica. Só separa as pessoas. Só aumenta as diferenças. Só facilita a paranoia e a mania de perseguição.

Você está sempre certo, nunca o outro. Você está sempre sendo enganado. Você não respira novos acontecimentos, transpira ressentimentos. Você torce pela democratização da infelicidade, deseja que o outro sofra o que você sofreu, que prove do veneno para entender o que passou, que engula tudo o que ficou engasgado em sua garganta.

As amizades são inviabilizadas, pois desconsidera quem não teve experiência de pesar semelhante à sua. Qualquer conselheiro é visto como um concorrente procurando roubar o lugar de seu penar.

O orgulho previne que você sofra, mas não evita que faça os demais sofrerem.

Com ele, você alcança os objetivos de resiliência, mas, com sua presença em demasia, acaba se isolando e sacrificando todas as suas vitórias e afetos.

Uma das conversas mais tensas com minha mãe de 82 anos foi sobre a finitude.

Ela pediu, caso não estivesse mais entre nós, que transferisse todas as ligações que eu sempre fazia para ela durante as manhãs para os meus três irmãos.

“Fale com eles como se fosse comigo, fiquem próximos, se ajudem.”

Eu não desejava projetar um futuro com a sua ausência. Não tinha o menor interesse e tampouco preparo psicológico para enfrentar tal cenário. Ela se encontrava com saúde, não havia diagnóstico rondando as suas expectativas, mas ela fez questão de manter uma conversa adulta e serena a respeito de providências pós-morte.

Como não admitia a sua mortalidade, ela me calou com uma frase de impacto:

— Você me ama porque um dia vou morrer.

Eu demorei para responder. Aliás, não respondi. Constrangido, abracei-a. Tenho a mania de abraçar para não olhar nos olhos quando me vejo prestes a chorar. Criei essa fuga educada na infância.

Era uma conclusão penosa de aceitar. Sim, não havia dúvidas disso; eu a respeitava pela fragilidade, por ser de carne e osso, por não ser imorredoura, por me exigir presença e plenitude enquanto ainda permanecíamos lado a lado.

Se ela durasse para sempre, eu poderia adiá-la, não cuidar das palavras, poderia protelar o carinho, espaçar as visitas, não apresentar nenhuma ansiedade e sofreguidão.

A saudade é pressa de estar junto. A saudade é uma falta de toda a presença que ficou.

Quanto mais pudesse ficar sem ela, mais a amava.

E também é um fato: amamos mais depois da morte.

Tenho um amigo que passou a infância em Búzios (RJ).

Ele sempre se banhava na praia de João Fernandes com os pais.

Enquanto mergulhava, batia a vontade de nadar até a Ilha Branca, um rochedo que chamava atenção por estar isolado mar adentro, somente cercado pelas águas.

Parecia uma ilha deserta, vazia, propícia para a exploração e aventuras.

O pai, não querendo que ele fosse ao fundo e com medo de que se afogasse, inventou a história de que aquele pedaço de chão flutuante era maldito. Quem ali chegasse, morreria.

Óbvio que, depois de adolescente, excelente nadador, descrente do faz de conta, ele alcançou o prodígio de pisar na pequena área verde. Não encontrou nada a não ser o tédio dos corais e um mirante da calmaria azul.

Não aguentou guardar para si a previsível descoberta e zombou da brincadeira.

O pai respondeu:

— Agora já compreendeu o valor da vida. É ir e ter o luxo de voltar para contar ao seu pai.

Minha amizade com Carla vai além do privilégio de sermos irmãos. Partilhamos da mediunidade, do fascínio pelo outro lado, das coincidências que são vidências.

Há abertura para dividir as notícias da intuição, relatar sonhos, entender a simbologia do desconhecido. Não existe covardia perante fantasmas e avisos sobrenaturais.

Damos voz aos mortos, fazendo renascer o vivo dentro de cada um.

Jamais sairíamos correndo ou gritaríamos se fôssemos procurados por algum espírito. Pelo contrário, faríamos com que ele não tivesse medo de nós e se aproximasse para desatar os seus próprios nós.

Nem acreditamos em almas penadas, mas em almas depuradas, procurando a evolução. Não vai embora daqui somente quem não encontrou a porta. Não custa nada indicar a saída pelo reconhecimento do sofrimento.

Aquele que ainda sofre depois de morto precisa apenas ser ouvido e levado a sério. Aceitação é libertação.

Se alguém escutar os nossos diálogos, concluirá que somos bruxos. Desenvolvemos a nossa espiritualidade a partir da confiança irrestrita e incondicional.

Quando não conseguia dormir de pequeno, ela me emprestava o seu travesseiro.

— Com meu travesseiro, sonhará os meus sonhos.

Talvez o amor seja emprestar o travesseiro. Em-
prestar a paz.

O isolamento é mais duro do que a morte, mais pungente do que um velório sem visitas, sem seis pessoas ao menos para segurar as argolas do caixão.

Não há abraços, não há aperto de mão, não há alguém que seque as lágrimas e tente roubar um riso. Não há esperança ou gratidão.

A pele se ressentida da falta de contato. Da ausência de beijo. Não pode nem deve ficar muito longe de um toque. Viramos bichos acuados pelo silêncio.

Longe da fonoaudiologia constante do afeto, regredimos a um tempo não verbal. A memória não sai do passado, não se atualiza, não cria novas lembranças e estímulos.

Quando visito asilos ou casas de repouso, identifico um padrão de comportamento daqueles que não mais recebem os familiares.

A pessoa não é nem mais capaz de esticar o braço, não ousa sair do seu confinamento mental. Um caramujo encolhido na casca. Dobrado, curvado em si, em posição fetal de abandono. Não ocupa sequer o espaço do próprio corpo. Perdeu a vontade de se espreguiçar e conquistar o ar, nota-se uma atrofia dos movimentos de expansão gestual e da saudação à luz.

Nem é desistência, mas desexistência.

Não se importa mais com o que resta porque não tem em quem se espelhar, não tem quem sinta a sua ausência, os efeitos

da distância.

Existe quem melhore unicamente sabendo de um telefonema. Uma banal ligação contribui para o reestabelecimento do humor.

É comum ouvir este comentário dos parentes que aparecem somente para os encargos do falecimento: “mas parecia bem na última vez que eu vi”.

Quando foi a última vez?

Para quem espera, dias são séculos. Para quem não vem, dias são minutos.

O tempo nunca é o mesmo. Para o primeiro, é o demorado tempo emocional. Para o segundo, o fugaz tempo cronológico.

Por que odiamos quem se aproxima de nosso umbigo?

É a cicatriz do nosso nascimento. Uma ferida. A prova de que nascer foi um choque, um espanto, por mais que seja entendido como um sinônimo de absoluta alegria.

Nascer é tão traumático quanto morrer, só que nos acostumamos.

Renunciamos o calor do ventre, a proteção, a segurança da unidade materna para migrar a uma fragilidade descomunal, para enfrentar a missão, ao longo do crescimento, de não depender mais de ninguém.

A indisposição é visceral e primitiva, uma autodefesa que extrapola o plano racional.

Homens e mulheres detestam de modo igual que se passe a mão no umbigo. Não é lugar para carícia, para brincar, para fazer cócegas. Nem é para analisar a textura, se é mais para dentro ou se é mais para fora.

O umbigo é o nosso ponto de hibernação. O nosso contato com a transcendência. A lembrança do cordão umbilical. A memória de que estaremos sozinhos no nascimento e na morte. Uma advertência de nossa eterna vulnerabilidade, de que podemos morrer a qualquer instante assim que nascemos.

Nascer demora. Há pessoas que ainda não nasceram, há pessoas que morrem sem terem nascido.

Nascer é encontrar um sentido, independentemente das circunstâncias favoráveis ou adversas, para seguir adiante. Um propósito. Uma inspiração.

É descobrir o próprio dom. O dom de ouvir. O dom de fazer. O dom de sentir. O dom de agregar. O dom de surpreender. O dom de abraçar. O dom de curar.

A maior parte dos nossos objetivos é motivada por vingança, recalques, contrariedades vividas na nossa formação.

Demoramos a perceber o que realmente é nosso, o que não é reativo, o que é o nosso talento, a nossa potência emocional.

De tanto querer provar que podemos fazer algo para a família ou para a sociedade, esquecemos de perguntar qual é a nossa essência, o que nos dá alegria e prazer.

Isso pode acontecer somente aos cinquenta anos, depois de um longo percurso traçado. Ou pode jamais acontecer, restando-nos pagar dívidas emocionais pelos outros e ganhar aplausos em palcos errados.

Já parou para pensar que talvez aquilo que escolheu fazer profissionalmente foi resultado de uma retaliação, de um troco, com o fim de justificar a sua importância perante os demais?

Agiu de acordo com a pressão da raiva, para provar o seu valor, para calar a boca de quem o menosprezava, não pela liberdade de ser o que era para ser?

Não deveríamos escolher profissões antes de definir qual a nossa potência emocional que vai nos direcionar a uma carreira adequada para expressar toda a nossa capacidade.

De repente, descobrirá que a sua potência é a empatia, e assim escreverá livros e ajudará os mais próximos a partir de sua interpretação da realidade. Ou pode desvendar que a sua potência é a Justiça e se destinar a ser promotor, juiz, advogado ou defensor público.

Não reconhecemos quem mais amamos porque não nos conhecemos. Estamos no caminho contrário da curiosidade e da atenção amorosa. Nem temos consciência do que poderemos oferecer para ajudar — as mãos vazias são uma avareza consigo.

Negamos o nosso fogo vivendo de pálidas sombras para nos ocupar e garantir a subsistência.

A alma também exige motivação, significado, para existir.

Morrer é rápido, nascer demora. Há pessoas que ainda não encontraram sua alma, há pessoas que morrem sem ter uma alma.

Quando perdemos alguém, o que lembramos?

Que não podemos mais ser abraçados e beijados, que não podemos mais confidenciar, que não há mais colo das palavras para telefonemas e encontros, que a nossa vida empobreceu.

Temos pena de nós mesmos. Repare que não cogitamos o que o outro deixará de ganhar de nossa parte. Em nenhum momento colocamos o ausente como protagonista dos nossos sentimentos, exclusivamente nos enxergamos como receptores. Seguimos numa via de mão única de devoção.

Nós que não receberemos carinho, nós que não receberemos atenção, nós que não receberemos cuidado.

A saudade virá de um só lado, não das duas frentes, não de modo recíproco e igualitário.

Se o pai ou a mãe morrerem, recordaremos tudo o que faziam para nos alegrar, em vez de sentir falta de tudo o que não mais entregaremos de afeto.

Nossa preocupação é com o que faltará em nossa rotina, jamais com aquilo que deixaremos de fazer de contrapartida.

Tanto que as imagens que compõem o pesar sempre têm a nossa presença. Nunca são a fotografia mental do morto sozinho. Ele está sempre acompanhado de nossa figura, reagindo a nós ou nos sendo útil.

O sofrimento é narcisista, vidrado nos benefícios, fixado nas recompensas. Viramos vítimas do futuro num processo de autocomiseração. Ou de culpa, por não ter aproveitado devidamente os agridos que chegavam abundantes, de graça.

Não lamentamos sinceramente a ausência, mas o fim de nosso privilégio.

A gratidão é um passo para fora da dor. Quando focamos unicamente em quem partiu, sem as nossas carências.

Experimentei a minha infância num quintal, cercado de árvores: pessegueiro, *flamboyant*, abacateiro, cinamomo. Eram as nossas sentinelas do sossego e postes floridos para as redes.

Tudo era permitido: subir nos galhos, colher frutas, brincar de guerrinha de caroços, menos mexer nos ninhos das aves, por mais bonitos que fossem, com seus arranjos firmes de palha e folhas.

Tínhamos que conter a curiosidade em entender como foram feitas aquelas manjedouras cerzidas com sabedoria por um solitário bico.

Os pais diziam:

— Se puser a mão, os pássaros não voltam. Identificam o cheiro estrangeiro da pele nos perfumes conhecidos. Eles têm os esconderijos dos filhotes descobertos e se sentem ameaçados pelos intrusos. E vão fazer ninhos em novo lugar.

A morte é exatamente um ninho que foi tocado. Não tem como seguir com a vida como antes, simular que não houve uma profanação do santuário, uma quebra do ciclo da existência.

É imprescindível mudar de rotina para se ver protegido outra vez. Ficar do mesmo jeito é se converter em presa fácil da saudade e do apego.

Não é negar a dor, mas alojá-la em diferente cenário, onde ela não será mais onipotente.

Não é ingratidão, mas arroubo de preservação por alguma perda significativa.

Recomenda-se, dentro das possibilidades, transferir-se de endereço, recomeçar as atividades longe do túmulo da ferida, redecore as paredes, trocar de móveis, reprogramar os trajetos ao trabalho e até substituir os locais preferidos do bairro.

Luto é transformação. O enlutado terá trabalho para se readaptar sem mais contar com o antigo ponto de apoio.

Não é saudável lembrar mais do que viver.

Bebês que falecem no ventre ou logo depois do parto continuarão sendo crianças sonhadas, beijadas, acalentadas, amadas.

Os sapatinhos de crochê andarão sozinhos.

O que se absorveu de conhecimento desde o ultrassom até a preparação do enxoval não será descartado. A esperança se mistura à saudade, numa maturidade singular de experiência.

As canções, as conversas, as carícias na barriga e as respostas dos chutes bem em cima da mão seguirão como um repertório inesgotável de diálogo com a vida. É uma amizade com o corpo como nunca antes sondada.

Há uma ideia equivocada de que, ao perder uma gestação, você ficou sem nada. Você não tem como nem professar que foi pai ou foi mãe.

Em todo luto, deve ser reconhecida primeiramente a existência do filho que não nasceu ou que não sobreviveu na UTI Neonatal.

Não se resumiu a um projeto simbólico ou um plano desfeito, sequer pode ser substituído por um segundo rebento. Teve a assinatura da convivência, apesar da escassez dos meses.

Ele existiu, plenamente existiu.

Requer um nome, um sobrenome, um lugar na memória. Se não desfrutará de um quarto na casa, que se reserve para ele um espaço fixo nas lembranças.

Para que aquele tempo de nove meses não seja tratado como um engano, uma miragem, uma alucinação. Para que os pais não enlouqueçam apagando parte significativa e transformadora de sua ternura por conveniência social, por tabu de que somente os vivos com CPF são válidos.

As promessas tendem a desaparecer quando vagas e imprecisas; dependem de um rosto, ainda que seja desenhado com lápis de cor, na falta de fotografias.

A longevidade não faz um filho.

Minha mãe esperava uma criança entre o nascimento do primeiro e segundo filho, entre a Carla e o Rodrigo. Seria meu quarto irmão, na escadinha de dois em dois anos. O aborto espontâneo não apagou a sua vinda entre nós, aquele degrau entre nós. Mais de uma vez, a mãe confessou ouvir o menino conversando conosco na sala quando ela estava no quarto.

Os vestígios da passagem perdurarão além das aparências e da visibilidade cronológica, numa duração emocional independente dos fatos, dentro do caráter, dentro dos novos hábitos adquiridos na gravidez.

Não se desliga a sua existência, não se falsifica a certidão, não se neutraliza o impacto de comoção no casal. Isso é sofrer o dobro negando o passado. Quem nega o passado sonega o futuro.

No colo, no peito, os pais embalarão a ausência tão real quanto os próprios braços.

E verão que o pequenino não era uma semente, mas uma árvore frondosa no coração.

Disputávamos a rede no quintal. Era nosso balanço, nossa praça.

Sempre que eu reinava no vaivém do linho, os meus três irmãos vinham para cima de mim e acabavam com a minha tranquilidade.

Eu ficava louco de medo de que o gancho não suportasse o peso, e eles rindo da minha prevenção, não me permitindo sair da chave de braços, pressionando o volume para baixo, até ansiando por eventual queda.

Escutava os rangidos com temor, mas, no decorrer da ação, eu abstraía o tombo e passava a reagir aos golpes de ternura e esmagar com vontade. O sentimento de turma prevalecia.

A morte, quando atinge uma família, tem a dinâmica dessa rede cheia. Existirão opostas percepções da perda simultaneamente, cada um terá a sua visão, a sua dor e um ritmo de luto, apesar de amontoados no abraço partilhado.

Uns vão se recuperar mais rapidamente, outros levarão anos para absorver o vácuo. Ninguém estará certo, ninguém estará errado. O impacto dependerá de qual relação se mantinha com o ausente.

Quem era mais próximo, paradoxalmente, sofrerá mais na hora, para cicatrizar com mais facilidade depois, porque terá a gratidão como contrapeso da falta. Já quem era mais distante se mostrará menos atormentado na hora, para lidar com a revolta

tardamente, já que a culpa ocupará parte da saudade, e se ressentirá do que não foi vivido.

O trauma é desenvolvido de acordo com a disponibilidade concedida àquele que partiu. Sendo assim, ao conversar com os meus irmãos sobre os meus pais, numa acareação em separado, todos trarão uma versão completamente distinta deles, numa proporção direta ao tempo dado para o relacionamento, como se fôssemos filhos de pais diferentes.

Não busque uma receita. Existem várias saídas para igual tormento. O consolo é que você estará preso a uma trama maior de fios, a uma condolência coletiva. Encontrará também um pouco de alívio por não cair sozinho.

Eu não concordo com as narrativas póstumas de que um paciente foi herói em duelo com a doença e lutou bravamente pela vida até o último minuto.

É uma supervalorização da força, um elogio à resistência física, uma inadequada mitologia que nos desprepara para a realidade.

Prevalece assim a versão beligerante de que somente os fortes serão lembrados.

A sucumbência é crua e cruel para todos, sem exceção.

Morremos porque somos frágeis, vulneráveis, débeis. Morremos sem sentido, como bebês, engasgados na tosse ou sugados por uma pontada no peito. Morremos porque somos sensíveis. Morremos não prevendo exatamente o que nos atingiu. Morremos desinformados. Morremos acovardados pelo confinamento. Morremos desacostumados com a dor. Morremos fantasiando banalidades, como beber um gole de café esfumaçado ou devorar uma lasanha inteira sozinhos. Morremos fazendo planos, lembrando-nos das datas de vencimento das contas ou de um trabalho pendente. Morremos pegos de inopino.

Morrer não é heroísmo. Não é um romance de cavalaria. Não é um campo de batalha. Não traz uma bandeira. Não tem ideologia. Não podemos poetizar o desenlace para glorificar a internação.

Ninguém será lembrado pelo jeito que morreu, mas pela postura que escolheu para viver.

Permita que sejamos normais, não uma história de superação,
ao menos na morte. Humildemente na morte.

É comum reprimir quem confessa que seria melhor o parente acamado em longa internação morrer.

“Ele vai parar de sofrer.”

Como se apressasse o fim. Como se adotasse uma postura proibida de rezar contra a recuperação. Como se fosse um corvo grasnando nos galhos secos da partida.

Mas o que movimentou esses pensamentos de aparência mórbida e de complexo entendimento foi uma rara empatia, identificação com os tormentos e os suplícios da sobrevivência. A pessoa se colocou no lugar do paciente terminal, assumiu o quanto os seus movimentos estavam limitados e a sua mentalidade ameaçada, o quanto se prendia à existência pelo fio tênue dos aparelhos.

Se fosse ela, não desejaria uma sobrevida à custa de infindáveis gemidos.

Evidente que ela gostaria que o ente querido permanecesse mais tempo junto.

Somente que não fosse de qualquer jeito, não numa realidade precária e dependente, intoxicada do langor paralisante da medicação.

Deixar partir também é amor. Também é respeito. Também é não ser egoísta.

Às vezes, o único milagre a ser feito é o falecimento.

Dependendo da gravidade do quadro, é liberdade, o alívio do voo diante de uma penúria rastejante.

Como explicar ao filho pequeno que a sua mãe ou o seu pai morreu?

Esquecendo a sua idade.

Todos são vítimas do mesmo golpe. O adulto tampouco está pronto para enfrentar tamanha falta.

Não nos aprontamos nunca para lidar com a partida, mesmo quando ela tem data marcada. Mesmo com uma cesárea da despedida.

Filhos e pais se transformam em irmãos de igual perplexidade. O sofrimento nos envelhece unanimemente, emparelha as gerações.

O receio de comunicar a verdade vem mais pela própria negação dos fatos do que pela ausência de discernimento das crianças ou para poupá-las do sofrimento. Vem mais pelo pavor de reconhecer a consumação da ocorrência do que pela instabilidade emocional dos pequenos ouvintes.

Os filhos são usados para adiar a morte. Para legá-la a um futuro indefinido, a um controvertido espaço de maturidade a ser conquistado. Assim, num golpe dado em si mesmo, com o protelamento da notícia, inventa-se que a pessoa em questão não morreu agora, só morrerá no tempo em que os filhos crescerem.

De outro modo, ao oficializar o falecimento imediatamente aos filhos, crê-se que ele se tornará irreversível.

A tragédia prescinde de faixa etária. Os filhos não podem assistir a um afeto subtraído de seu convívio sem uma explicação plausível, racional, linear, com início, meio e fim. Não há como desocupar um quarto e deitar os porta-retratos na mais completa invisibilidade.

Não use a fantasia de estrelas brilhando no céu. Não estrague a noite deles infinitamente por um dia triste. Não amaldiçoe o prazer de uma constelação.

A objetividade suaviza o impacto das grandes perdas: “Seu pai morreu no acidente tal e tal”. Ou “sua mãe morreu de uma doença tal e tal”.

Cura-se a realidade apenas com a realidade.

Qualquer construção romântica sobre a morte se assemelhará a uma mentira e fará a criança ainda mais desacreditar na vida. E na família.

Não pense que ela não vai assimilar. Ela absorve mais rápido do que o adulto. Entende a emoção antes das palavras. Talvez seja a que melhor vai responder à confusão emocional do cenário e consolar você.

Só que depende de alguém que lhe diga a verdade para, no mínimo, confiar nessa pessoa dali por diante. E poder entender o tamanho do sofrimento que a aguarda.

Parcelar a notícia também não colabora. É massacrar a esperança com falsas expectativas. Consolidará uma atmosfera de tensão, já que a desapareição do familiar aconteceu à vista e ela terá que enfrentá-la imediatamente, na próxima hora.

Contar aos poucos é tortura psicológica. Contar de uma vez é honestidade e respeito.

Deixe que a criança demonstre a dor a partir das nuances de seu temperamento, não há certo ou errado na reação. Algumas se calam, outras explodem.

Deixe que a criança se enlute, deixe que a criança expresse a sua insatisfação, que encontre um lugar para desaguar a raiva. Fique por perto, mostrando apenas que ela não estará desamparada. Até para derramar o ódio, exigimos tranquilidade.

Que você fale da saudade chorando, resmungando, ganindo, emborcado de lágrimas, soluçando, mas que explique o desaparecimento diretamente. Confesse que não admite a fatalidade, esperneie que é uma injustiça. Não se posicione acima da dor. O quanto mais autêntico, mais natural, menos maquiado, melhor será a reação dos filhos.

Trauma é não saber o que aconteceu.

No luto, o tempo para ou anda para trás?

A visão tradicional é que ele anda para trás, pelo boicote ao presente e pela necessidade atávica de resgatar as lembranças mais ternas do falecido. Você estaria reprisando o que não pode mais viver, freando o carro com os pés para fora do veículo.

Diferentemente, há quem acredite que ele é um relógio parado, com o ponteiro estacionado num dia interminável e repetido até a exaustão. Você estaria fixado no momento do óbito. Não sairia daquele referencial de tormento e angústia, rodeando a si mesmo na hora em que houve o badalar da morte.

Eu confio que não é nenhuma das alternativas. O tempo some. O tempo não existe mais. O tempo é suspenso por um estado de insana investigação. O tempo não é mais um lugar habitável, um espaço a ser seguido com regras. Tanto que se verifica no enlutado a dificuldade de manter os seus horários padronizados de comer, ou de dormir, ou de trabalhar. Ele vira a noite, descansa de dia, almoça no fim da tarde.

Inventa-se uma dimensão alternativa de espera, um purgatório na Terra.

Quem morre não é julgado, a morte absolve sumariamente a sua vítima, liquida as dívidas. O finado não tem mais como se defender.

Quem fica é que enfrenta um exame de consciência, uma crise de identidade, pesando as escolhas adotadas. A distração ao mundo interior é impossível.

A morte do outro é que nos julga. Viver é ser julgado pelos mortos, como se estivessem nos olhando, sabendo de tudo, sem podermos esconder e sonegar nada como antes. Eles teriam agora o poder sobrenatural de acesso aos nossos anseios, a possibilidade de abrir os nossos arquivos e mexer em nossas gavetas secretas de raiva e insatisfação.

Ficamos envergonhados até de pensar mal. Prevalece, no plano da fantasia, uma busca atemporal pela permanente reparação.

A invisibilidade desencadeia um medo de censura, de ser desmascarados por quem partiu, de ser flagrados nas contradições.

A preservação da coerência é o que mais assusta o enlutado. Porque, como não enxerga o afeto, acha que ele está em toda parte, inclusive examinando a sua mente.

Atos de infidelidade ou deslealdade, nunca confessados, são finalmente externados gratuitamente para os familiares, em surtos de sinceridade, com o objetivo de se livrar de um possível castigo ou retaliação.

Passa-se a escutar uma dicção fantasmagórica recriminando as falhas.

“Então, é isso o que você desejava para mim?”

Não é que um espírito comece a intervir nas ideias, é a própria memória que começa a falar numa empostação de voz do morto.

O tempo não para nem anda para trás, migra a uma espécie de tribunal para que avaliemos se é possível seguir em frente e nos inocentar daquela perda.

Meus pais de 82 anos já não têm os seus pais vivos. São idosos órfãos.

E se lembram mais das datas de falecimento deles do que de aniversário.

Ficam me avisando as efemérides: “hoje completam-se 42 anos que a vó faleceu”, “hoje completam-se 45 anos que o vô faleceu”. É uma inversão da cronologia, uma mudança de referência. O epitáfio gera uma segunda existência. O tempo do óbito é a nova idade de meus avós. Crescem e amadurecem na falta.

O desfecho se sobrepõe ao começo. Em vez de me advertirem que tanto um como o outro estariam alcançando tal idade a partir de seus respectivos nascimentos, meus pais evocam sempre as suas partidas. Meus pais não fazem questão de evocar o surgimento dos avós. Até me esqueci das datas em que eles vieram ao mundo.

Nas celebrações de falecimento, sugerem que eu realize algum pedido especial. Como se eu fosse escalado a substituir os ausentes aniversariantes para soprar as suas velas.

Depois que se morre, o nascimento é vago, impreciso, secundário.

Quem está na velhice tem uma diferente noção de legado. Guarda o momento da despedida mais do que o princípio de tudo.

Meus pais são os letreiros descendo das telas. Nunca abandonam a sala de cinema antes de os créditos se esgotarem. Enquanto a maioria dos espectadores se levanta, continuam firmes e serenos nas poltronas.

Eu, de pé, segurando o casaco, apontando para a luz acesa da sala, implicava com os dois:

— Vão esperar o filme recomeçar, permanecer para a próxima sessão?

Eles diziam que eu que não entendia que o filme não havia acabado. Diziam que os créditos ainda eram parte do filme, que existia a gratidão ali, com a menção aos que participaram da construção da obra.

O aniversário da morte destaca-se mais do que o do nascimento porque é o aniversário da saudade. A saudade começa a vigorar a partir da perda. A saudade acumula anos. A saudade assume um corpo à parte, independente das biografias. Tal uma criança parida na dor, que se torna adulta e velha, e que somente terá descanso quando todas as mortes coincidirem.

Meus pais enumeram unicamente o período em que estão se virando sozinhos, com o cronômetro disparado a partir do adeus aos avós. Típico de quem sente falta e conta os dias para o reencontro.

Já pensou em ter uma amizade de 75 anos?

Setenta e cinco anos conversando com alguém, desde criança, desde a mochila nas costas, desde o ginásio, desde quando subiram no muro alto do colégio, na mais forte ventania, com o guarda-chuva aberto, na tentativa de voar?

Setenta e cinco anos de infância, adolescência, maturidade e velhice?

Setenta e cinco anos de agendas trocadas, diários preenchidos e confidências ao pé do ouvido?

Setenta e cinco anos jamais se perdendo de vista?

Setenta e cinco anos de telefonemas e visitas, atualizando as notícias familiares?

Setenta e cinco anos acompanhando todos os namoros, os casamentos, as despedidas?

Setenta e cinco anos conhecendo os pormenores da rotina, os detalhes, as peculiaridades, os gostos, as manias, as desculpas?

Setenta e cinco anos dividindo as expectativas de emprego, desde a comemoração do salário inicial até a festa de aposentadoria?

Setenta e cinco anos testemunhando o nascimento dos filhos e netos uma da outra, partilhando o crescimento deles, as formaturas, as conquistas profissionais?

Setenta e cinco anos de cinema, teatro, bailes, viagens e festas?

Setenta e cinco anos de mágoas superadas pelos colos e de alegrias emolduradas em porta-retratos?

Setenta e cinco anos de lealdade entre duas meninas que saíram do interior gaúcho, de Guaporé, para seguir o estudo na capital; entre duas jovens que vivenciaram aprendizados juntas; entre duas mulheres que tocaram as famílias sozinhas; entre duas senhoras que firmaram o pacto de sempre se falar?

Setenta e cinco anos de estreias, como enxergar o mar pela primeira vez lado a lado, tirar a carteira de habilitação lado a lado, votar pela primeira vez lado a lado?

Setenta e cinco anos de liberdade conquistada a duras penas?

Setenta e cinco anos acreditando na mesma fé, no cheiro curativo de um ramo de alecrim?

Setenta e cinco anos sendo mais do que amigas, mas irmãs de afinidade, devotas dos passos, trocando de papel conforme as exigências do afeto?

Com a morte de sua confidente Marília, aos 82 anos, em Porto Alegre (RS), a minha mãe estava com uma dor de setenta e cinco anos para dar de beber em seu colo.

Ela me disse: “vou ter que buscar vários baldes no rio Taquari”. O rio em que as duas se banhavam na infância.

A gratidão está no fundo da saudade — processo lento de escavação.

Antes, você só enxergará o lodo da raiva, o pântano da ira, o ódio pela lacuna irreparável. Não se cobre. As lágrimas nunca são potáveis no início. Não são mesmo para beber.

Elas saltam enferrujadas pelos canos da solidão, corrompidas pela nossa avareza de querer alguém para sempre. Não há como prender o afeto eternamente junto ao nosso corpo. Despedida é a coragem de soltar os dedos, deixar ir para Deus.

Mantenha aberta a torneira dos olhos. Quanto mais a água correr, mais limpa ela se tornará, mais a culpa irá embora.

Desabe, desabafe, não reprima confiança nenhuma que esteja bloqueando a passagem ao agradecimento. Não banque o forte, não busque fingir fortaleza e se portar como um pai de família, seja um filho no pranto, indefeso e perdido pela ausência materna. Chore agora todo o supérfluo, toda a tristeza, até ficar só o essencial.

Não temos como recuperar quem se foi, mas podemos mostrar tudo o que restou da pessoa em nós. Essa herança dentro dos nossos princípios e caráter, que ninguém mais será capaz de arrancar.

Morrer é ir sozinho para a estrada.

Quem se despede deve fazer as malas pela última vez. Escolher o que levar definitivamente.

Se já somos indecisos em uma pequena viagem ou num frete para uma casa nova, imagine quando a viagem significa uma mudança de alma, separar só o essencial do essencial, só o básico do básico, só a felicidade realmente honesta.

Centrados em nossa dor, embargados pelo choro, não paramos para pensar no que representa essa passagem difícil e única: guardar as palavras de gratidão, eliminar a culpa e o ressentimento, deixar de lado tudo o que não vai mais acontecer, desapegar-nos de quem mais amamos e acreditar que cada um que ficou tem condições de dar conta do recado sem a nossa ajuda.

O certo é que aqueles que ficam não devem parar de rezar. Não é porque a pessoa morreu que a reza termina. Não cesse a oração. Para que ela chegue segura à paz. Para que nunca fique perdida na memória. Para que seja incentivada pela saudade a conseguir perfazer a longa travessia de adeus ao corpo, às cicatrizes, às marcas do destino.

Transfira a mentalização positiva que antes era pela recuperação da sua saúde para que ela encontre o descanso.

Não a abandone porque ela não está mais aqui. Ainda precisa de você para desencarnar, para sair do tempo dos relógios, para tirar os sapatos da preocupação.

Permita-se confiar naquilo que não entende. Não cobre mais nada: ela é agora perfeita em suas imperfeições, cumpriu a sua missão.

O falecido ficou na estrada final da montanha para seguir solitário até o topo, próximo dos céus e dos pássaros. Você o acompanhou até onde era permitido. Mais não pôde avançar.

Agora terá que descer, também sozinho, com o vento batendo forte pelos lados. Forçará o peso das pernas para não ir junto.

A despedida é olhar para baixo depois de exaustiva escalada.

É encarar a vertigem de tudo o que foi percorrido com alguém. É encarar o desfiladeiro verde, o rio esfumaçado, o fosso de pedras e não entender como chegou até ali.

E não é para entender mesmo, porque, quando guiado, quando escoltado, o caminho passava rápido.

O desamparo virá ao fazer a volta desacompanhado, virá ao descer um percurso que foi desenvolvido e roteirizado a dois.

O silêncio do adeus é o mesmo silêncio da montanha. Um silêncio com altura. Um silêncio com eco. A atenção é extrema, com a diferença de que tem certeza de que vai lembrar esse momento, de que precisa estar atento para lembrar esse momento, de que ele é inesquecível por antecipação.

A audição abraça o que estiver pela frente, apertando o nó entre os cadarços e o chão.

É como andar de ouvidos descalços, reconhecendo um botão se descolar da camisa, um estalo de caroço na árvore, um

deslocamento de mínima pedra, uma explosão de flor, com acentuada nitidez.

Você escuta todo movimento como se fosse dentro de si.

Ao longo da vida, continuará mirando de longe a montanha, procurando a sua localização pela janela, entre as tarefas corriqueiras e as urgências da rotina.

Ela vai se transformar em referência geográfica do seu espírito, em seu norte, em seu sol, em sua lua, no ponto mais alto de sua existência.

Em qualquer lugar que estiver, verá a montanha, sabendo que a conhece, sabendo que a amou, sabendo do seu encontro com o mais terrível medo.

Na verdade, a montanha é que enxergará você para sempre.

Você se refaz da morte de alguém não quando para de chorar ou de suspirar, mas quando volta a sentir o arrepio.

Como o sofrimento era tão constante, o pânico tão rotineiro, não se arrepiava mais. Todo toque só assustava.

Você estava no seu modo de sobrevivência, orbitando entre os extremos da emoção. A alegria, quando surgia, se resumia a descarga e alívio eufórico; a tristeza, quando aparecia, resultava espessa e inconsolável.

Vestia uma couraça de proteção, de embotamento, destinada a isolá-lo e a resguardá-lo do convívio.

Estava transformado em réptil, revestido das escamas do medo, para aguentar a sucessão de más notícias (após a morte de um familiar, temia o efeito dominó de que todos ao redor iriam morrer em seguida).

Não havia mais condições para se arrepiar. Não havia mais normalidade para se arrepiar. O calafrio da beleza. O calafrio da paixão. O calafrio das palavras encantadoras. O calafrio das juras de amor. O calafrio da brisa marinha. O calafrio da delicadeza. O calafrio da sensualidade. O calafrio da saúde e da leveza. O calafrio da surpresa e do arrebatamento.

O arrepio depende de nossa disponibilidade para ouvir e se mostrar presente, requer uma completa vulnerabilidade.

Como você experimentava um deslugar com o luto, um despertencimento, não existia a possibilidade do estremecimento

contente, da ondulação vibratória de carinho.

O arrepio só acontece na felicidade mais legítima. Os poros vulcânicos se dilatam numa erupção da nossa sensibilidade. Ninguém pode mentir que não se encontra arrepiado. É uma comoção visível aos olhos, que se espalha pela pele, que corre por todo o corpo, pela bicicleta do sangue.

O arrepio, quando retorna, significa que cicatrizamos a perda, que recuperamos a pele. É a nossa excitação pela vida.

CARPINEJAR

**MANUAL
DO LUTO**

B
BERTRAND BRASIL

CARPINEJAR MANUAL DO LUTO

TODAS AS DORES DO MUNDO

1ª edição

BB
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298m

Carpinejar

Manual do luto [recurso eletrônico] / Carpinejar. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Bertrand Brasil, 2023.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-209-6 (recurso eletrônico)

1. Luto - Aspectos psicológicos. 2. Perda (Psicologia). 3. Citações. 4. Livros
eletrônicos. I. Título.

23-85015

CDD: 155.937

CDU: 159.942:393.7



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © Fabrício Carpi Nejar, 2023

Revisão: Mariana Carpinejar

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a
prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 3º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Apresentação

Lembro que, nas minhas aventuras de criança, adorava subir em telhados e árvores. Não me escorava na facilidade de uma escada.

Eu me pendurava nas árvores e escalava os galhos para alcançar a cobertura da minha casa e das residências vizinhas.

Andei a maior parte da minha infância na fragilidade das telhas, pisando devagar no seu liame, capturando o meu bairro do alto.

Tinha uma técnica de esticar as pernas e os braços como cordas de um andaime.

Mas havia uma árvore temida na praça. Uma paineira. Com espinhos espalhados por todo o tronco. Ela era de uma altura inacessível, apesar de ter em seus galhos delicadas e exuberantes flores rosa que eu gostaria de tocar e cheirar.

Com sua armadura de poucos amigos e suas pontas de lança apontadas para mim, ela se mostrava até então intransponível para minha pequenice.

Tampouco compreendia a função de um espécime que se assemelhava a uma roseira gigante. Só pensava que estranho destino era não poder

repartir as suas estações, o seu viço, a sua beleza.

Numa tarde, no contraturno da escola, enquanto brincava distraidamente no balanço, sozinho, buscando o meu voo a partir das duas correntes de ferro e do impulso da magra tábua, testemunhei uma menina menor do que eu subindo a paineira de modo ligeiro. Em minutos, ela estava no cume, rindo e levantando o punho pela vitória alcançada. Eu não tinha percebido o óbvio: os espinhos poderiam ser degraus. Funcionavam como bases aos pés, grampos de alpinista.

Não é assim com a nossa existência?

Não tem como evitar adversidades. Viver é assustador. Desde que nascemos, somos frágeis e dependentes de cuidados.

Mas as dores nos abrem para outro ponto de vista, para enxergarmos os nossos problemas a partir de um ângulo mais panorâmico, que leva em conta o conjunto de nossas experiências.

Eu diria até que as dores são degraus para atingirmos a nossa humanidade, para escutarmos as aflições alheias com respeito, para reconhecermos fatos importantes e decisivos do passado.

Não temos como ser poupados do sofrimento, mas podemos perguntar: até onde posso ir com esse sofrimento, até onde posso melhorar com esse sofrimento? Qual será a utilidade desse sofrimento?

Toda dor é enxergar a sua vida de cima. Antigas amolações se tornam insignificantes, já perdas assumem a condição de raridades da saudade.

Qualquer um que enfrenta o luto passa a limpo a sua trajetória, relê os seus rascunhos, percebe o quanto já foi feliz sem saber e o quanto foi

infeliz sem necessidade.

Agora os espinhos fazem parte do nosso corpo. Não adianta arrancá-los. Não são adornos, enfeites: eles nos protegem.

Formam a escada para o céu, o céu pessoal de cada um, onde mora aquele que amamos e que não está mais entre nós no baixo do chão.

Nossos pensamentos devem ir de vez em quando ao topo da paineira, para declarar a nossa falta e aspirar o perfume das flores rosa.

Querido, querida da minha vida,

Você deve estar se sentindo invisível, a morte de alguém próximo nos torna invisíveis. Atravessamos um portal para uma dimensão alternativa da rotina. Não somos vistos, não somos percebidos como antes. É como se a dor fosse um manto mágico do desaparecimento social.

Você tampouco enxergava os enlutados antes da sua perda. Eles não tinham destaque, consistência, importância, densidade. Lembravam seres de um planeta secundário, desencaixados da normalidade e da perfeição de que até então você desfrutava. E nem agia por mal, o desinteresse vinha da falta de um ponto de contato com a realidade do adeus.

Agora, parece que todo luto se evidencia ao seu lado. Se você é órfão, não para de notar órfãos na sua vizinhança. Eles sempre estiveram ali, acessíveis. Você só não reparava porque não tinha nascido o terceiro olho do sofrimento na sua testa.

Viuvez chama viuvez. Desamparo de um filho perdido convoca quem atravessou igual lacuna.

O fim de uma vida mexe com o nosso jeito de entender os relacionamentos. Você busca seus semelhantes, quem possa respeitar o seu silêncio, quem interceda por sua comunicação falhada. Aproxima-se de uma imensa tribo de pessoas sozinhas como você. Não é bem um grupo ou uma comunidade, pois em

nenhum momento você se descola da sua solidão. É um estar junto ainda solitário. Acham-se interligados por uma experiência em comum, porém cada um pena à sua maneira, com o impacto particular e intransferível de um falecimento. O idioma da fragilidade é o mesmo, o sotaque da dor se apresenta diferente. Ninguém sofre mais do que o outro. Sofre-se com as particularidades do amor vivido.

A sensação de invisibilidade é decorrente do próprio processo de aceitação de uma ausência.

Com o luto, é você, enlutado, quem morreu. O falecido continua em você, você continua se lembrando dele. É você quem morreu para ele. Você não tem saudade dele, tem saudade do que você nunca mais será para ele. Você pensa não no abraço que não vai dar, não no beijo que não vai dar, mas no abraço que não vai mais receber, no beijo que não vai mais receber. A morte dele é a sua inexistência.

Você não tem aquela pontada, aquele calafrio: “Nunca mais vou poder ligar.” Ou: “Nunca mais vou fazer uma visita.” O que percebe é o contrário: “Eu nunca mais poderei receber aquele telefonema.” Ou: “Eu nunca mais poderei receber aquela visita.”

A morte desconstrói as nossas crenças, as nossas certezas, as nossas convicções. Você deixou de existir para alguém. E essa pessoa continua cada vez mais viva dentro de você.

Toda perda não parece que foi ontem, parece que recém está acontecendo. Parece que a dor é de hoje.

Não há como condenar a demora na recuperação. Não há como julgar que o enlutado está por muito tempo preso à despedida, que já precisa retomar a normalidade.

Não existe maneira de apressar o processo. É a readaptação de existir a partir de uma ausência.

Quem carrega um morto dentro de si é obrigado a nascer de novo. Os olhos mudam. A rotina muda. A relação com os familiares e amigos muda. Não tem como desligar uma chave e seguir como se nada tivesse acontecido.

Só a indiferença nesse caso é patológica. A partida pressupõe um amadurecimento que envolva humildade e resiliência.

“O que eu farei com o tempo que sobra quando um afeto vai embora?” Aquele tempo que era dedicado a quem morreu não encontra substituto nem modo de ser preenchido.

Trata-se de uma longa reabilitação para fundar um novo lugar no mundo, pois uma ocupação amorosa virou tempo vago.

É como se aposentar sumariamente de uma pessoa, de um cuidado, de uma biografia, de uma cadeia de conversas e

encontros.

Tanto que, às vezes, a vontade é parar de se emocionar e até de amar. Há quem não queira, nos primeiros meses da morte, ter surpresas, fazer descobertas, nem criar lembranças felizes para não alterar a ordem da memória, para não apagar a hierarquia da saudade.

Não acredito que no luto você deva viver um dia de cada vez. Tal métrica corresponde a uma visão otimista e ingênua sobre o assunto. A verdade é que se deve enfrentar uma hora de cada vez.

Os dias da licença médica não traduzem a realidade. O ritmo de prantear é absolutamente particular. Você pode chorar gritando ou calado, pode chorar se confessando ou não tocando no assunto, pode chorar procurando a multidão ou preservando o isolamento. E, nem por isso, significa que vem sofrendo mais ou menos.

Ao se quebrar um braço, são exigidas seis semanas de gesso para recolocá-lo na posição original. E quando se quebra a alma?

Não podemos regular o ciclo do sofrimento alheio pelo nosso relógio, inclusive porque a dor transporta o enlutado para um outro fuso horário, para outro continente, para outra cultura da sensibilidade.

Se você ainda não sabe o que é perder alguém, não condene a duração de nenhuma saudade.

As pessoas não entendem que a dor da perda é maior do que o corpo.

Ela apenas diminui com o tempo para se acomodar dentro do corpo, jamais desaparece.

A dor encolhe depois de passarem vários anos da despedida, mas não some.

Aprendemos a rir com aquela dor, a se relacionar publicamente com aquela dor, a trabalhar com aquela dor, a amar com aquela dor. Ela vira parte da nossa carne, do forro da nossa pele, da nossa visão de mundo.

Não é um pessimismo, porém um desencanto, uma constatação de que as coisas não são perfeitas, de que o destino é imprevisível, de que a rotina não será mais fácil e espontânea como antes.

É continuar vivendo como se o melhor de nossa história já tivesse acontecido. Avançar é também agora recuar.

O que virá pela frente pode até ser bom, só que não será mais pleno, completo, com todos ao nosso redor.

Uma cadeira vaga faz com que a mesa fique manca para sempre. Tanto que, nos primeiros dias de luto, a sensação é que

estamos longe do nosso corpo. Observando a nossa vida de fora, como espectadores de nosso comportamento, espectadores de nossas ações.

Não existe aquela consciência aguda de quem está presente. Nosso foco é inconstante, dispersivo.

Muitos nem se lembram de como conseguiram fazer o velório e o enterro, de como foram capazes de exercer a burocracia do desenlace. Encontram-se no automático, sem pensar muito, completamente anestesiados de emoção.

Recebem os pêsames, abraçam parentes e amigos, conversam sobre amenidades, almoçam e jantam, tomam as providências legais, entram no chuveiro, dormem, mas não recordam nada. É como se houvesse um clone do sofrimento, um sósia vivendo no nosso lugar enquanto não desfrutamos de condições de responder pelos nossos atos.

Na morte de um ente querido, a primeira ausência é a nossa, não a de quem partiu. Nosso olhar é espaçado, distante e perdido. Nossas pálpebras são pesadas, com intervalos lentos para absorver a claridade.

Não estamos inteiramente aqui. Estamos ainda perto do morto, das lembranças recentes com ele, longe de nós mesmos.

Quando alguém que você ama morre, você se percebe rejeitado. Não rejeitado por um indivíduo, mas pelo universo, pelo destino.

“Como isso foi acontecer logo comigo? Eu não merecia!” É natural reagir assim. Ninguém merece ser subtraído de um afeto. Não há justiça no ciclo natural da existência.

Você se vê excluído da felicidade. Da paz. Da rotina.

Sequer compreende como as pessoas continuam indo ao trabalho, andando de carro, ocupando as ruas, depois da sua dor.

Você mudou, mais ninguém. É como se o seu sofrimento não fizesse nenhuma diferença para interromper um pouco as engrenagens do mundo.

A pressa ofende a sua ferida aberta.

O velório e o enterro são alguns dias para os outros, mas para você não encerram.

É como se a morte de alguém mandasse você embora da sua vida. Aquela vida construída com esmero, com disciplina, com afinco, tem seus alicerces desmoronados de repente.

Um telefone, um endereço, um rosto, um contato do WhatsApp estarão subitamente inativos. Você pode ouvir áudios do ente

querido e não entenderá como aquilo que foi dito ontem já não serve para hoje.

Perguntará a si mesmo: como pode alguém estar aqui e não mais estar?

Não existem mais os fins de semana, as férias, as viagens. O futuro é passado.

Experimenta um terremoto pelas veias. Está soterrado pela descrença. A cada semana, tentará remover uma pedra interior para tomar ar. Leva-se muito tempo para se levantar dos escombros.

Nem mais respira, suspira. O suspiro é a alma fugindo.

O que você fazia não tem mais graça. Comer e dormir não tem mais sentido. Sair ou conversar não trazem mais nenhuma novidade.

Pode manter as aparências por um período, mas a verdade é que, por dentro, nunca mais será igual. Não haverá a normalidade costumeira. Amores e amizades não serão mais iguais. Sua família não será mais igual. Seu emprego não será mais igual. Não tem como fingir.

Você se acha rejeitado no luto. Profundamente rejeitado.

O universo que você tinha com aquela pessoa sumiu na neblina da poeira. É fumaça passando pelas suas mãos. Não tem como agarrar nem impedir a sua subida aos céus.

O universo morre com o falecido.

Você parte para uma segunda dimensão da sua sensibilidade.
Em que tudo dói tanto que você não sente mais nada.

O sofrimento nem sempre gera aprendizado. Você pode ficar muito pior do que era.

Mediante uma experiência de perda, pode se fechar, isolar-se, ser egoísta. Pode querer reparação, não acreditar em mais ninguém. Pode desmerecer qualquer alegria ao seu lado, não confiar mais na família, ver-se ofendido por Deus, atrasar a sua vida.

Nem todo sofrimento traz lições. Às vezes, você deixa de realizar o que vinha dando certo por boicote à sua satisfação, para conspirar contra o seu prazer. Não admite estar bem por lealdade a uma ausência. Generaliza o pior.

Mantém uma ideia equivocada da morte, presa aos movimentos terrenos, como se quem morreu ainda estivesse sofrendo.

O morto não sofre mais. Você não precisa prolongar a purgação para honrar a partida dele, para se equivaler no desamparo, para mostrar uma cumplicidade no gemido e no langor. O morto se encontra livre das suas feridas, seco de lágrimas, já alcançou a paz.

A morte é um alerta para você melhorar a sua relação com os afetos que restaram. Tudo que faltou realizar com quem partiu desperta novos anseios de conexão.

O fim se assemelha a um espelho. O espelho só rebate a imagem, você não tem como entrar nele. Portanto, o ente querido e ausente reflete uma urgência nos mais próximos.

Se você for passivo diante do sofrimento, ele vai fazer o que quiser com você. Vai sugar as suas forças, virar o seu espírito pelo avesso, desidratá-lo até que sobre um pessimismo mesquinho.

Você deve entender que é seu sofrimento, agora ele lhe pertence. Como lidará com ele é uma decisão sua.

Não há como impedir a dor de chegar (não dispomos da onisciência), mas há como impedir que ela seja vazia. Porque uma dor deserta esvazia toda a nossa emoção, toda a nossa gratidão, todo o nosso juízo, toda a nossa capacidade de pensar e reagir.

Não que você irá se curar do luto — o luto não é uma doença —, apenas não estará exclusivamente à mercê dele. Inverterá a lógica da submissão e o colocará a favor de um propósito.

É necessário encarar o sofrimento e perguntar a ele: o que farei com você?

Não existe como bloquear o início da aflição, mas sempre definimos o destino dela.

Você brigou com alguém, você foi surpreendentemente duro, você disse palavras ásperas e ingratas, você explodiu de raiva, você desandou a gritar grosserias, escapou do prumo e do equilíbrio habituais, falou de cabeça quente, e, em seguida, essa pessoa morreu num acidente ou por algum problema de saúde desconhecido.

A tendência é que contraia uma culpa imensa de não ter se despedido direito, de ter sido injusto, de não ter sido sensível e emocionado. Parece que seu afeto morreu brigado com você, pensando o pior de você, levando mágoas na bagagem.

Queria explicar, primeiramente, que jamais vamos nos despedir direito, pois não temos controle sobre o destino, nunca cogitamos o fim próximo, nunca prevemos a morte.

O último momento não é determinante como supomos. O que vale é o conjunto da obra, a soma da amizade, o panorama integral da cumplicidade, o que vocês fizeram no passado, o que aprenderam lado a lado, um com o outro.

O desentendimento foi um fragmento irrisório, um instante passageiro, efêmero, insignificante perto de tudo que já alcançaram juntos. Não deveria pesar como uma súmula, um episódio decisivo do seu relacionamento.

Um desfecho confuso não apaga a felicidade anterior.

O medo de ter falhado cresce devido à nossa fragilidade. No luto, somos suscetíveis a qualquer lembrança, boa ou ruim, comprometendo a nossa capacidade de julgamento, de valorar o percurso inteiro de uma existência. Detalhes nos perturbam, criam ressentimentos, geram suspeitas. Acabamos assumindo, equivocadamente, uma responsabilidade por aquela partida e nos cobramos em demasia, sem complacência com as nossas imperfeições.

Quando perdemos um ente querido, andamos descalços na dor. E uma agulha extraviada no chão pode nos ferir. Mas é uma agulha, só uma agulha, nunca deixará de ser uma agulha.

Você não atendeu ao telefonema de quem logo faleceu, desmarcou um encontro na semana do imprevisível desenlace, e se mortifica por ter faltado à cena derradeira, por não ter oferecido atenção.

Não faça isso. Perdoe-se. Não havia como imaginar o que aconteceria, que não desfrutaria de uma chance de retratação em seguida.

A pessoa sabia do principal: que você a amava. Antes de morrer, pôde enxergar a verdade dos seus sentimentos.

A morte gera um vazio. Mas não é o vazio da separação, do desentendimento, do afastamento provisório, da ruptura de uma amizade.

É outro vazio, mais faminto. Diferentemente de qualquer adeus por incompatibilidade, que ainda conserva esperança de reconciliação, é um vazio irreversível que somente cresce.

Quando discutimos ou brigamos com algum afeto, existe um vácuo, porém é passageiro. Logo focamos no trabalho ou na família e seguimos adiante. Conseguimos lidar com o nó no estômago.

Já com a morte de um amor, vem um deserto que não tem como ser enganado pelas tarefas cotidianas.

Nasce um lugar dentro de você, um santuário, onde conversará com quem partiu, pedirá conselhos em silêncio e ouvirá a resposta pelos sinais da natureza.

Abre-se um majestoso e imenso espaço interior, capaz de roubar sua atenção e provocar intermitentes suspiros.

Toda despedida é como herdar um terreno. Você deverá construir a casa no local. Não há nada lá, só mato e entulhos.

Começará a limpeza dos hectares, separando o que é capim e o que é grama, o que é desespero e o que é verdade, o que é culpa e o que é juízo, guardando o essencial de uma vida.

Nos primeiros anos, mal vai dormir. Terá, fincado no seu âmago, o tormento da escavação, dos barulhos da britadeira, das pancadas dos martelos, das vigas da saudade e da gratidão, das paredes sendo levantadas.

A impressão é que não suportará o processo, feio, confuso e desorganizado, um caos de desconforto e de poeira, um esqueleto de argamassa e pungência.

Pois a realidade operária nunca corresponde à planta dos sonhos do arquiteto e do engenheiro.

Pensará em desistir, abandonar a construção pela metade, gritar de raiva, desaforar as lágrimas, aceitar o despejo do passado.

Aos poucos, enxergará o patrimônio surgindo inesperadamente das suas palavras, do quanto foi amado e amou, do quanto ainda tem a carícia das lembranças para aninhá-lo nos momentos difíceis, do quanto uma pessoa jamais desaparece em vão: ela deixa um legado de inspiração.

Luto é um árduo e lento trabalho pelo interior de nossas emoções. É encaixar pedra por pedra de nossa perda, até termos um novo lugar de nossa sensibilidade para habitar, em que mortos e vivos serão para sempre amigos pacificados.

Quando a pessoa aperta forte a sua mão no leito do hospital, você sabe que ela vai morrer.

É um código entendido por todos.

Essa mão firme, agarrando os seus dedos, com mais força do que o habitual, é uma forma de nos avisar da despedida.

O doente usa a soma derradeira da sua energia, busca uma disposição inexplicável do seu profundo oceano, para um carinho final, para dizer que chegou o seu momento.

Ele tem consciência de que não tem mais o que fazer, de que os esforços médicos serão agora paliativos, e pede a você que acate a provação mais difícil, a mais dolorosa do amor: aceitar a morte!

Você aperta a mão de volta, não querendo deixar quem você ama para trás.

São duas mãos — uma consentindo em ir embora e a outra tentando fazer o enfermo ficar — tão entrelaçadas que ninguém seria capaz de separá-las. É um nó com várias voltas, formado por duas forças contrárias se desejando.

Você sofre de apego, o ente querido partindo sofre de desapego. Ninguém está feliz, mas ninguém está sozinho: tudo é necessário,

tudo é importante, tudo é feito lado a lado. A gratidão e o perdão se abraçam.

Não são mãos dadas, mas mãos ansiosas e aflitas segurando o tempo que resta, o tempo que lhes resta juntos.

Não se fala mais nada, o “eu te amo” é desnecessário. A eletricidade inteira de duas pessoas mora nas mãos entrelaçadas.

Qualquer um vai chorar de emoção porque entendeu o recado.

Os rostos sequer se mexem. As lágrimas são as primeiras a acenar. Só elas correm nas faces imóveis, no mundo parado.

A saudade acumulada é tanta que você não se lembra de nada, apenas se encontra entregue a um presente absoluto, totalmente atento aos detalhes, aos movimentos mínimos da cena, capaz de ouvir, inclusive, uma por uma das gotas caindo do soro.

Não há como abotoar a camisola hospitalar e espantar o frio do sangue. Camisola não tem botões.

É como a fígada de uma pescaria em que você, de modo oposto ao que acontece à beira-mar, pretende libertar o peixe, desembaraçá-lo do anzol, devolvê-lo para as águas, prolongar a sua existência.

É o cumprimento do adeus. Depois dele, há apenas o doce e redentor suspiro. E os olhos se fecham como um livro que foi lido até o fim. Você leu aquela vida até o fim.

Não existe como subtrair alguém de nossa vida. A faxina tem limite. Precisamos guardar uma prova física e material de nosso amor. Nem todas as páginas devem ser viradas. Algumas resistirão ao tempo com um bonito marcador. Assinalaremos onde paramos a leitura, destacaremos a numeração da folha em que os nossos olhos estacionaram.

Há números telefônicos de amigos mortos, por exemplo, que não tenho coragem de excluir. Às vezes, esbarro em um deles e choro.

Escuto áudios, reviso nossas fotos, até dou gargalhada de alguma piada, ou mania excêntrica, ou frase espirituosa.

Jamais descarto os contatos. Longe de mim mandar na saudade. Não há como eliminar quem permanece vivo em mim. Mesmo que seja uma recomendação do terapeuta para aceitar o luto. Aceitar o luto não é e nunca será apagar a pessoa.

Conservo os falecidos no meu WhatsApp como uma forma de investigar as confissões feitas, de lembrar nossos melhores momentos lado a lado.

Às vezes, os amigos mortos são mais atuais e sábios do que os amigos vivos, mais contemporâneos de mim.

Uma conversa antiga ainda pode me servir de conselho e de incentivo. A amizade não tem data de validade. O que foi dito muito antes pode me orientar agora.

Os corpos de nossos mortos contam com um lugar certo no cemitério, com as honras de uma lápide e a decoração de um vaso de flores, mas a alma é livre e está espalhada pelos gestos do nosso cotidiano.

A alma do outro jamais perece, jamais desaparece, continua acontecendo dentro de nós.

Como determinar o fim de um espírito? Ele é sopro muito além de ossos e terra.

Apague aqueles que lhe fizeram mal em vida, bloqueie quem se mostrou desleal, mas não bloqueie os seus mortos, porque eles não merecem a sua indiferença.

Fantasmas foram criados para termos medo dos mortos. São uma invenção da culpa.

Não têm nada a ver com quem amamos, com quem nos alegrou, com quem mora eternamente em nosso caráter.

Paz não é esquecimento, paz é gratidão.

Você somente encontrará sossego lembrando, conseguindo lembrar sem que doa tanto, reconhecendo tudo que viveram juntos.

Ainda não temos ciência de quanto a morte de quem amamos nos afeta.

Quando os pais estão vivos, você briga para não ser igual a eles. Quer ser único, ter um caminho próprio. Fica até ofendido quando alguém aponta para você: “É a cara da mãe!” Ou: “É a cara do pai!”

Alvo da comparação a toda hora na infância e na juventude, você busca se diferenciar ao longo do tempo pintando os cabelos, usando acessórios, vestindo-se com um estilo oposto, adotando distintas áreas de atuação profissional.

Sofre da sensação esquisita de duplicidade, de que você não tem singularidade, de que é uma miniatura dos pais.

Tudo muda com a morte deles. Você arca com uma profunda falta deles e assume o legado das lições.

Daí você faz questão de ser parecido com eles.

Migra da postura passiva da identificação para o comando soberano da apropriação. Tem vontade de ser parecido, não apenas é. Cria aproximações e convergências, descobre interesses mútuos.

Começa a se lembrar dos seus conselhos sem o tom de reprimenda, a converter manias antes odiadas em destaques dos seus temperamentos, a reconhecer o valor das preocupações que tinham com as suas escolhas.

Você passa a se parecer mais com os pais depois que eles morrem. Muito mais. Nem quando nasceu se mostrava com tantas semelhanças físicas. A determinação biológica é irrelevante perto da completa e irrestrita aceitação espiritual.

As conexões afetivas se multiplicam com o luto. Você se esforça para que a pessoa não desapareça, incorporando cuidados.

Você se torna, assombrosamente, uma alma gêmea. Quando o corpo de quem amamos vai embora, procuramos conservar parte da sua história.

Ocorre uma transposição da experiência em comum. A transcrição de uma vida por outra vida.

Acontece finalmente o download do caráter deles dentro da sua personalidade. Você acaba de baixar os arquivos — as fotografias, as músicas, os vídeos, as conversas, os documentos — de uma só vez. E chora rindo do que foi vivido junto — não imaginava que houvesse tanto material para assistir.

Vem um orgulho de ter sido filho deles, uma honra, uma gratidão inigualáveis.

Sua vontade é ir ao cartório mais próximo e registrá-los novamente como seus pais, de modo simbólico, retribuindo o que

já realizaram a você no seu nascimento.

Diante da ausência, você se propõe a uma homenagem consciente, evidenciando o quanto aquela presença significou no seu amadurecimento.

A saudade muda os nossos traços. Acredite em mim. É o implacável DNA da saudade.

Todo mundo daria tudo para ter alguns minutos da presença de alguém amado que morreu.

Mas não precisamos disso. Sonhos são visitas. Sonhar com quem já partiu é uma extensão das lembranças.

A vida não se esgota com a morte. A vida não acaba com a morte. Você mantém o vínculo de amizade além do tempo.

A pessoa vem dar um conselho, dizer algo importante, confortar uma dor, amparar uma decisão. Nunca estaremos sozinhos. Somos vistos de cima. Somos vistos por dentro. Tanto que o sonho parece muito real. Você pode acordar emocionado.

A sensação é também corporal. Há quem se sinta abraçado. Há quem sinta a carícia nos cabelos. Há quem sinta a mão sendo apertada. Há quem sinta um calor inesperado.

É uma continuação da nossa memória.

Todo sonho é um dia a mais com quem morreu. Um dia exclusivo, que nos foi dado de presente. Um dia de lucro na lápide.

O sonho é uma conversa em particular. Uma conversa reservada a que unicamente você tem direito.

O sonho existe para praticarmos a saudade, para nos desfazermos da culpa, para termos chance de um reencontro, de uma palavra a mais, para pedirmos perdão ou apenas desabafarmos quanto sentimos falta da parceria na rotina.

Não é fantasia, não é loucura. Você terá a certeza de que o ente querido esteve ali novamente com você.

Logo ao acordar, receberá a confirmação de um sinal externo, de um hábito entre vocês, de alguma experiência em comum, de um segredo a dois. Talvez sinta um perfume no ar. Talvez perceba um pássaro na janela. Talvez surja uma chuva de repente batendo nas calhas.

A realidade física e a espiritual vão convergir.

Não queira depender do amparo de uma testemunha.

Não precisa cutucar um familiar para ver junto. Será em vão. O que você sentiu apenas você sentiu. É um sentimento, não um fato possível de ser dividido.

Não perca tempo da linguagem procurando que os outros acreditem na visita. Desperdiçamos cansativas horas tentando provar milagres que são só nossos, só para nós. Ninguém entenderá o que aconteceu, porque ninguém tem seus olhos de amor, seus olhos de luto.

Você jamais se desliga da alma, porque o corpo da pessoa não está mais entre nós.

Não tem como fugir da saudade. Não tem como escondê-la.

A gratidão é a memória do amor.

Se você amou, se você foi grato por uma vida na sua vida, você simplesmente não tem como virar as costas e seguir em frente.

A pessoa sempre estará na sua frente, mesmo morta, mesmo não estando mais ali fisicamente.

Você pode esvaziar o guarda-roupa, dar roupa por roupa do seu ente querido, e ainda vão restar os cabides vazios lembrando a você da ausência.

Você pode tirar tudo que tem na escrivaninha de porta-retratos, de livros, de diários, de troféus, de diplomas, e ainda vão sobreviver as marcas do copo de leite na madeira.

Você pode fechar o quarto para nunca mais entrar, mas o cheiro ainda repousará nas almofadas do sofá.

Será pego desprevenido pelo ausente. Na geladeira, localizará o que ele consumia, talvez a geleia de morango, talvez o doce de leite.

Os produtos, ironicamente, ainda estarão dentro da data de validade. Seu morto partiu antes deles. “Não é justo”, você vai pensar um tanto assustado.

Não existe justiça na perda. Qualquer detalhe é um rastro da convivência.

Por mais que capriche na doação, esquecerá algo.

Haverá a xícara de café do falecido, a garrafinha de água preferida dele, os talheres entortados pela mania de abrir os potes com pressa (isso quando ele não usava os dentes).

Você abre o armário e se dá conta de que segue, de modo inconsciente, levando os Sucrilhos dele. Mantém a lista do mercado como se ele estivesse presente.

Aquilo que é seu é extensão dele. A própria bicicleta parada no depósito reconstituirá as trilhas que realizavam entre as árvores do bairro.

É bem possível que esteja fazendo a mesma porção de comida para o mesmo número de familiares. Não retirou ninguém da conta. Vêm sobrando mais refeições do que antes.

Perceberá que não adianta isolar a dor num aposento; por mais que esvazie a casa, aquela presença se encontrará por toda parte.

Pode até tentar morar num outro lugar, mas não diminuirá o apego, seu coração continuará repleto de recordações.

Porque não amamos pelo passado, amamos pelo futuro. Amar é futuro. A memória também tem esperança.

O futuro de quem amamos não acaba com a sua morte. Levaremos conosco o que não aconteceu e o que poderia ter

acontecido até o fim dos nossos dias.

É uma existência paralela que precisamos aceitar.

No luto, jamais está em questão o amor que você sente pelo outro que partiu.

A saudade é absoluta. Não deixa dúvidas.

As lágrimas serão derramadas copiosamente. Ou os olhos afundarão nas olheiras. Alguns choram, todos secam. Ninguém questiona a soberania da dor. Sua magreza súbita indicará o alto grau de sofrimento.

Viramos pele e ossos. O espelho não vigora mais.

Este é o ponto. Você tem convicção como nunca da natureza infinita da sua afeição pelo ente querido. A falta dele por algumas semanas já revela a lacuna irreparável na sua vida. Dias são anos, anos são dias.

Quando você está no luto – e poucos falam disso –, é o amor-próprio que escasseia.

Você não tem mais amor por si mesmo. Você não se sente mais bonito, você não se sente mais atraente, você não se sente mais importante, você não se sente mais admirado, você não se sente mais acolhido.

Perdeu o olhar daquela pessoa que o tornava especial. Perdeu a referência de quem melhorava o seu ânimo, de quem o

incentivava, de quem ria das suas brincadeiras.

Sua rotina é descascada, e não há mais o escudo da pele prosaica e cotidiana da alegria. É como se seu coração tivesse sido arrancado da árvore para não ser comido na hora. É agora uma fruta à deriva. Até a sua semente se converte em pó.

Além de dispensar as futilidades, os supérfluos, tampouco sente graça no essencial, no básico, nos regozijos mais elementares da sobrevivência.

Sua vaidade some a ponto de comprometer a sua saúde.

Não tem mais prazer de comer, prazer de conversar, prazer de dormir, prazer de sair, prazer de se arrumar.

Você se maltrata pela culpa, pois acha que existe um jeito de impedir a despedida, de alterar o percurso da morte no dia fatídico.

Descobrirá, em algum momento, que não errou ao proteger quem amava, não falhou ao estar presente: são os desígnios imutáveis do destino. Cada um tem sua duração peculiar, pessoal e insubstituível entre nós.

Só com o tempo você vai recuperar a confiança em si. Só doendo o tempo inteiro. Só se acostumando com a ausência.

Só você dorme na dor. Só você sabe o que é dormir na dor. Por algumas horas, você pensa que tudo não passou de um pesadelo. E logo se recorda do que aconteceu dentro da sua dormência. Acorda não querendo mais nem dormir, nem despertar.

Porque, quando a convivência com um amor se encerra, a vida e os sonhos perdem a graça simultaneamente.

É como ficar acordado dentro de um único dia eternamente. Os outros dias jamais recuperam o valor e a intensidade do passado. Os dias novos não são melhores do que os velhos.

Comparo a dor do luto a um colchão. Ninguém enxerga o colchão, a não ser quem ali descansa com as suas vértebras e emoções.

Os mais próximos perceberão os lençóis coloridos por cima da cama, os travesseiros envelopados pelas fronhas, o enxoval dos acontecimentos e os fatos recentes, atentos unicamente à decoração do quarto, ao que há por cima da mesinha de cabeceira.

Vão se ater ao que enxergam do lado de fora, não ao que ocorre por dentro.

Você pode se comunicar ao longo da rotina, contar histórias, trabalhar, exercer a educação e a gentileza, mas sempre voltará

sozinho ao seu colchão. Sempre acabará sozinho com o seu sofrimento de perda. Não terá como dividir a angústia, por mais que o interlocutor seja um marido ou uma esposa, um filho ou uma filha, um pai ou uma mãe.

Aquele que morreu gera uma memória diferente para cada um dos familiares e amigos. Não há uma morte igual, consensual para todos.

Você se lembrará de um jeito, quem está ao seu lado se lembrará de outro. Até parece que não se trata da mesma pessoa. Depende do que fizeram juntos.

Sofre-se quando se esteve muito perto, quando se tem saudade do que poderia ter sido vivido.

O luto é o escuro intraduzível e individual de uma noite sem estrelas. É você e as costas pesadas no momento de deitar. É você e as cólicas do coração. É você e o torcicolo de se fixar num único rosto. É você e o ente querido nos ombros. Você carrega uma falta para sempre.

Ainda que modifique a superfície dos seus sentimentos, mantenha a normalidade das suas tarefas, cubra o sofrimento com forro colorido de um edredom, o colchão não muda. O fundo não muda. A ausência nua e despojada segue inteira no seu interior, impartilhável.

Por que você precisa contar a história de quem partiu a todo momento?

Talvez pense que seja uma tentativa de acreditar na morte. Para se convencer de que ela existiu e que aconteceu logo com alguém que você ama.

Talvez pense que seja para se acostumar com a ideia da finitude.

Talvez pense que seja um recurso para manter a biografia do falecido acesa na lembrança dos mais próximos, já que os conhecidos têm mais pressa de retomar a vida.

Talvez pense que seja um modo terapêutico de falar sobre o ocorrido até cansar.

Mas você jamais cansa. Você jamais se enjoa de recordar. Você jamais perde a vontade de buscar episódios e características daquele que morreu. A memória dentro da carência é inesgotável.

A grande verdade é que o nome do ente querido não sai da sua boca porque você tem um terrível medo de esquecê-lo. Não vai confessar isso a ninguém, para não parecer ingrato. Você se sente mal com os borrões inesperados nas evocações, nas fotografias mentais.

Só o enlutado entende o que estou dizendo. É um sentimento profundo que atinge aqueles que sofreram uma perda drástica.

Depois de alguns meses, o rosto do morto não é mais tão nítido quanto antes. Ele se torna enevoadado. Pois você não tem, biologicamente, como renová-lo com a presença.

O natural do processo é que os vivos mudem com o envelhecimento. Transformem seu rosto, assumam rugas, amadureçam o olhar.

Então, por fantasiar repetidamente como o seu afeto estaria hoje, numa existência paralela, termina por se confundir sobre como ele realmente era.

Você fica em dúvida quanto ao formato das sobrancelhas, à largura do nariz, aos corredores dos dentes na boca, ao volume dos cabelos: algo escapa.

Enfrenta um baque entre o ser amado que você imagina crescendo e o ser amado que você viu pela última vez no instante da despedida.

Não é falta de amor, pelo contrário, é excesso de amor que embaralha a percepção e cria uma instabilidade.

É como estudar para uma prova e lidar com um apagão na hora de ler as perguntas. Sofre do nervosismo de acompanhar o tempo passando rapidamente e a ausência completando sucessivos aniversários de morte.

É um dispositivo da saudade. Você gostaria tanto de rever a pessoa que apaga parte dos seus traços como um pedido de socorro, como um pedido desesperado para um reencontro.

Se, no período inicial pós-morte, você tem medo de extraviar o rosto do falecido e suas características físicas, em compensação, você acessa uma memória secreta com a consolidação do luto. É uma chave que apenas se ganha pela dor do amor.

Convivendo com a pessoa, desfrutando da presença, não teria acesso a esses arquivos emocionais. Jamais o conteúdo se revelaria durante a proximidade. Porque você estava muito ocupado existindo e distraído com o que vinha armazenando.

O fluxo de imagens é liberado só depois de muito tempo da partida, só depois de muito tempo do adeus, quando você julgava que já não seria possível achar nada novo entre vocês.

A saudade pungente é que deslaca a porta remota, os compartimentos internos.

Serão recordações infinitas de instantes que nem pensava ter vivido com o outro: cenas domésticas, detalhes secundários, frases corriqueiras, banalidades emocionadas. Os prints da alma virão em cascata, arrastados pela enxurrada do pranto.

À sua disposição, fatos a serem lembrados pela vida inteira. Constituem uma reserva extra do calor humano.

Garanto que receberá, dali por diante, uma lembrança nova por dia do seu morto até o último dos seus dias.

Nunca passará a fome da proximidade. Nunca sentirá tédio. Nunca repetirá momentos.

Atravessará sensações de deslumbramento, encanto e descoberta — como se fosse um acervo inédito. E é inédito, pois você não tinha se dado conta de quanto havia de reminiscências recônditas, valiosas, incomparáveis.

A impressão é que alguém anotava o que era dito para que, agora, sozinho, você pudesse ler a transcrição integral, fidedigna.

Mesmo se perdeu um filho de um ano, ele renderá flashbacks para nutrir as próximas décadas.

Você não tem noção do que a sensibilidade é capaz de registrar e o que é possível rever após atingir o sofrimento mais profundo.

É algo que acontecerá exclusivamente com você, porque o luto é um segredo entre duas pessoas. Ninguém mais entenderá. Ninguém mais testemunhará esse milagre, essa chance de retornar ao passado dentro de nós. O passado estará vivo — e desconhecido, até para quem estava nele.

Representa um antídoto produzido pelo nosso organismo para atravessar o deserto do desconsolo, aceitar os limites, reconhecer o propósito do destino, respeitar a mortalidade.

Serve para combater a culpa e o arrependimento, para não amaldiçoar tudo que não foi vivido nem lamentar tudo que não foi possível de experimentar com o ente querido.

Não ficará mais preso no “se”, mas livre no usufruto desse legado personalizado.

A ausência não será mais penúria, a invisibilidade não será mais precariedade. Você vai se abastecer quanto quiser da antiga presença.

Agradecerá o que aprendeu com aquele nascimento, e não mais se angustiará pelo tempo que não passarão lado a lado.

Você fica aflito com as contas a pagar, com os trabalhos pendentes, com aborrecimentos no relacionamento, com divergências entre amigos, até perder alguém e nada disso mais fazer sentido.

Um dos primeiros atos da morte do ente querido é acabar com as tristezas inúteis. Com as tristezas bobas. Com as tristezas levianas. Com as tristezas provisórias.

Pela primeira vez na vida, você separa a tristeza da dor. Tristeza é do momento, dor é da existência.

É uma peneira rigorosa das mágoas. Um filtro severo que se estabelece já no enterro.

Percebemos que éramos contaminados por falsas urgências. Experimentávamos uma miragem de obrigações inadiáveis numa teia de contatos rasos.

Aquele tudo ou nada não existia, era uma invenção da ansiedade.

Você é pego desprevenido por uma ausência irreversível, recua no tempo e vê que se ocupava inteiramente com bobagens.

Os desconfortos de antigamente tornam-se absolutamente irrelevantes e circunstanciais depois do baque de um falecimento.

Diante de um sofrimento verdadeiro, sem precedentes, como o que sente agora, entende que se desesperava sem necessidade, que a sua rotina não se mostrava tão ruim assim. Vem um exame de consciência de como somos enganados pela pressa.

É como se a morte do nosso afeto arrancasse as nossas roupas da alma, e finalmente compreendemos a diferença entre o frio de dentro e o frio de fora, e reconhecemos que os invernos passados não eram tão rigorosos, porque tínhamos como nos aquecer com a proximidade.

Você pode, inclusive, pensar: quantas lágrimas foram gastas à toa?

Pode se decepcionar retroativamente com o desperdício: no instante em que realmente pena por um motivo justo, por uma despedida feroz e lancinante, por não ter mais à disposição uma alma que tanto apreciava, hoje gostaria de chorar e não consegue.

Isso acontece porque o pesar é fundo e demora para vir à tona.

Na tristeza, choramos. Na dor do luto, nosso grito é mudo. Por mais que desçamos no poço das lembranças, nunca chegamos ao seu fundo. Não há balde que traga todo o lamento para a superfície.

A perda já está misturada à nossa essência.

A grande escritora Lya Luft, que nos deixou em dezembro de 2021, criou uma imagem extremamente simbólica da morte.

Ela dizia que estamos na fila. Morrer é uma longa fila. Cada um tem o seu posto. Não há como sair dele ou ir para trás. Não há como voltar para o fim da fila.

É inútil tentar espiar o tumulto na porta da eternidade. A triagem permanece longe da sua consciência e do seu campo de visão.

O fluxo de pessoas dobra o quarteirão. Você não enxerga quanto ainda precisará andar. Nem quanto já percorreu.

Pode ter quarenta anos e estar se aproximando do desenlace. Pode ter oitenta anos e ainda experimentar um longo tempo de pé.

A cada dia, você avança mais um pouco para a sua despedida. Um dia a mais é também um dia a menos.

Não importa quem você é, quanto acumulou de dinheiro e de posses. Não há como vender o seu lugar ou comprar um mais distante. A morte é inegociável. Não vai funcionar carteirão, muito menos desafiar os fiscais e os anjos perguntando se sabem com quem estão falando.

Sucesso e fama não garantirão um espaço vip. Milhões de seguidores nas redes sociais não reduzirão o tamanho da sua solidão.

Somos todos pobres no fim. Sem malas. Sem bagagens. Sem documentos. Sem bolsa. Sem passaporte.

O que vale é o que carregamos em nosso coração, nada mais.

Não teremos informação de quantas pessoas estão atrás ou mais adiante.

Não haverá como sair do nosso ritmo, do nosso andamento, do nosso destino.

Tampouco desfrutaremos do conhecimento de quantos familiares estão por chegar lá.

Ninguém dará spoiler ou avisos prévios da nossa duração por aqui.

Não existe fila preferencial. A idade não traz nenhuma diferença ou benefício. Seu filho pode estar na sua frente, e você não conseguirá fazer nada. Não há como ceder o seu lugar para ele. Quando sua esposa ou seu marido estiverem quase saindo da fila, você nem desconfiará.

As coisas só acontecem quando têm de acontecer. Portanto, não menospreze nenhum momento. Esteja preparado para partir a qualquer instante, para não adiar mais nada da sua vida.

Não guarde mágoas, não procure vingança, não amontoe fantasias irrealizadas, não esconda seus medos nas gavetas, não cultive ressentimentos, coloque suas dores ao sol, não fuja de encontros porque deseja estar cem por cento ou inteiramente disponível, não se afaste dos amigos leais, não desmereça o seu corpo, não brigue com a família por ser teimoso ou orgulhoso, já calejado com a sua dificuldade para perdoar.

Às vezes, o andar na fila é mais apressado quando somos avarentos conosco, quando nos acreditamos onipotentes. Outras vezes, é mais lento, principalmente quando somos felizes na simplicidade, humildes no improviso e esquecemos que estamos morrendo de tanto que estamos vivendo intensamente cada minuto.

Talvez devamos aprender mais com a saudade dos cachorros, que é oposta à nossa.

A nossa saudade é medida pela régua cronológica. De acordo com a espera, sentimos falta de alguém. Ela não é imediata, porém cumulativa.

Medimos a saudade pela distância. Quanto mais tempo distantes, mais saudade.

Somos filhos do adeus, devotos da lonjura.

Cachorro apresenta uma natureza absolutamente diferente. Mais intensa. Mais pura. Possui um afeto transparente, exemplar, incondicional.

Ele não controla a sua emoção pelo relógio.

Você sai de casa por quinze minutos; na hora de voltar, o cão irá recebê-lo como se tivesse desaparecido por uma década. Com um arfar de completo abandono.

Vai pular no seu colo, fazer festa, abanar o rabo, correr de um lado para o outro, exibir a sua vitalidade, trazer um brinquedo, lambe o seu rosto.

Tente repetir a cena, fingir nova saída, fechar a porta por uma breve lacuna e logo ressurgir. O acolhimento será igual. A

recepção jamais perde sua força. É uma saudade funda e oceânica de alguns instantes. É saudade fora do esquadro do tempo. É uma saudade de você, independentemente de quanto esteve fora.

Regulamos o nosso apego pelo alcance visual. Trata-se de um excesso de confiança nas aparências.

Já o cachorro cria os laços pela essência, pelo agora. Tanto que é ele que o leva para passear, não o contrário. Você pode supor que ele está querendo fazer xixi, descer desesperadamente para a rua, socializar com seus colegas de bairro, gastar a sua energia, mas não: ele notou que você anda desanimado, triste, cabisbaixo, e toda a iniciativa é dele de levá-lo para a vida lá fora, para você sair do confinamento, desfrutar de uma trégua de respiro e paz, arejar o coração.

Na hora em que perdemos quem amamos, finalmente incorporamos a saudade canina, a saudade instantânea, a saudade fora do tempo, a saudade de qualquer minuto.

É uma das tarefas mais complexas de desapego ter de desocupar um imóvel quando pai ou mãe morrem. Pois é uma limpeza terceirizada e intrusa.

Você não tem o olhar de quem partiu para selecionar o que é importante. O que está lá, se não foi descartado em vida, é fundamental para aquele que morava ali.

É um desmoronamento de objetos, uma avalanche de detalhes, que você não tem ideia de como dar conta ou onde colocar.

Abre os armários e vêm livros anotados, diários, cadernos de estudos, diplomas, certificados de cursos, passaporte, correspondências trocadas entre amigos, postais, fotografias.

Nunca passou pela sua cabeça e pelo seu coração que existia tanta tralha, tanto acúmulo de vivências. Nunca sofreu assim com os próprios fretes e mudanças. Neles, poderia jogar algo fora sem dó nem piedade. Aqui, agora, de modo algum. Não se trata das suas escolhas: cada item geme ao seu toque, como se, dentro dele, houvesse dobradiças enferrujadas.

Não percebe que já se encontra sentado no chão durante horas, analisando folha por folha, tentando se encaixar naquela biografia, tentando esperar o momento do seu nascimento.

Não pode desovar as gavetas e fazer uma fogueira. Está mexendo nos sonhos e nas esperanças de uma pessoa predileta. É o seu pai, é a sua mãe, não é qualquer um.

A triagem exige paciência para não descartar injustamente um fato marcante, um talismã, uma preciosidade individual.

Existe uma curiosidade para ler tudo e descobrir informações novas do falecido ou falecida. Ao mesmo tempo, arca com a pressa característica da dor para não se prender ao passado, para não se afogar nas lembranças e despertar traumas e medos.

É capaz de reservar dez por cento, vinte por cento do material encontrado para sua casa, aquilo que combina com o seu gosto ou com o seu temperamento. Diante do restante, você ficará desorientado para decidir um destino.

Há um violão, e você não toca; há um teclado, e você não usa; há aparelhos de medir glicose e pressão de que você não tem necessidade; há uma decoração de vasos e cristais do século passado, e você não tem noção do valor.

Para ser fiel ao inventário e definir um fim digno àquele conjunto infinito de peças, conquistado à base do suor e do trabalho de alguém, deveria largar o emprego e se transformar num brechó, pesquisando preços e anunciando na internet.

Essa opção não é viável. Não desfruta de tamanha liberdade de horários.

E também dói vender uma relíquia emocional. Dói se desfazer do que já foi essencial a uma existência.

Experimenta uma confusão de sentimentos, um emaranhado de emoções, um novelo perdido nas patas do caos.

Você separa o radinho de pilha que servia para ouvir futebol e notícias, separa o gravador retrô, separa o três em um fora de linha e, de repente, começa a achar que os está roubando do seu ente querido. É uma sensação estranha, hostil, de pegar o que não é seu, mesmo que seja seu por direito de herança.

Fogão, geladeira, micro-ondas e sofá, o que forma o mobiliário comum não lhe provoca constrangimento de passar adiante aos mais necessitados. A doação elimina a culpa.

O embargo decorre do legado emocional do acervo: da caligrafia, da devoção por trás da aparência, do amor escondido na usura.

Como se você estivesse matando seus pais pela segunda vez.

Por isso, as múmias no Antigo Egito eram enterradas com os seus pertences.

O medo da morte nasce com o filho, no mesmo instante do parto. Anteriormente, você esnobava a própria finitude, nem sequer contava com uma perspectiva da sua longevidade.

Você sabia se virar sozinho, não tinha nenhuma responsabilidade direta com alguma vida, poderia se arriscar e não dar tanto valor à sua existência, cometia excessos, aventurava-se no desconhecido, sem prestar satisfação da sua segurança nem recear a imprevisibilidade.

Sua liberdade se avizinhava da inconsequência. Era adepto da adrenalina do instante, da intensidade do presente, dos acasos emendados.

O futuro não assustava. Não dava a mínima para a posteridade da sobrevivência.

Nasce sua criança, e sua conduta se altera drasticamente. Sua eventual ausência começa a preocupá-lo.

Você se analisa a partir do filho, não mais pela sua impetuosidade. Guarda-se mais, preserva-se mais, modera as suas atitudes passionais.

Quer estar o máximo possível ao lado dele, acompanhar o passo a passo da sua formação.

Morrer cedo seria o equivalente a sacrificar o tempo precioso de ser mãe ou de ser pai. Não deseja perder nada, nenhum grande momento do álbum de fotografias do seu rebento.

Você já estabelece como metas buscá-lo na creche, na escola, na universidade, formar plateia das refeições de grau, acompanhar os namoros, as amizades, as viagens, as descobertas de cada fase.

O umbigo sai do lugar. Tem uma nova régua para durar. Importa-se com a sua saúde, cobra-se exames periódicos, volta cedo para casa, não vira noites pela vaidade de ser visto.

Tanto que nota que está envelhecendo não mais pelo rosto no espelho, a partir das rugas e dos fios grisalhos, e sim pelo filho crescendo, pelas roupas cada vez maiores dele.

A metamorfose pode soar como uma covardia para si mesmo, já que não desfruta da disponibilidade de sair a qualquer hora, e uma retração aos amigos próximos, já que se afastou do convívio.

Mas, pelo contrário, esse medo traz uma coragem que nunca conheceu ao longo do seu percurso de autoconhecimento.

Pelo filho, você é capaz de fazer qualquer loucura. Mais do que faria por você mesmo antes da chegada dele. Não sofre de nenhuma incerteza, vacilação, de nenhum pudor. Inventar de realizar tudo que adiou no trabalho e nos relacionamentos para sustentar o filho e corresponder às expectativas de tutor.

Nem se reconhece, tamanha a convicção decidida de acertar. Nem acredita que um dia já se achou insuficiente.

Se, por fatalidade, se, por infortúnio, ocorre a inversão da hierarquia biológica, da sucessão natural dos acontecimentos, e o filho morre, desaparece o seu medo de morrer, o sentido da preservação, a lealdade ao cuidado.

O medo passa a ser outro mais terrível: o de viver.

Amor incondicional existe? Existe.

Mas não é o que imaginamos. Trata-se de uma situação excepcional da existência, quando a ordem natural da sucessão e da despedida é rompida.

Não é o que você sente com o filho vivo, é o que você continua sentindo pelo filho morto.

Só quem perdeu um filho sabe o que é amor incondicional. Mais ninguém. Até Deus provou essa terrível entrega, acima de todos os pesares, com a crucificação de Cristo.

Amor incondicional não é morrer no lugar do filho, é seguir vivendo com ele morto.

Porque é fácil amar o filho presente, difícil é amar o filho quando ele não está mais aqui. É amar o filho ausente pelo resto dos seus dias.

Amor incondicional é seguir vivendo pelo filho, por mais difícil que seja. Ajeitar aquela dor incessante e incurável para permanecer ativo no trabalho, para permanecer convivendo, para permanecer ouvindo o que não interessa (nada mais interessa), para permanecer sendo gentil com a família e amigos. É levar a dor para passear, levar a dor para suas viagens, levar a dor para as férias. A dor é uma bagagem permanente, usada inclusive

dentro de casa. Às vezes, pesa excessivamente, mal se pode caminhar segurando a sua alça.

Amor incondicional é suportar a saudade sem abraçar a pessoa, sem beijar a pessoa, sem ouvir a sua voz, sem aconselhá-la ou orientá-la, sem recolher as suas roupas pelo chão, sem se surpreender com as mudanças de seu rosto ou com o acréscimo vertiginoso de altura, sem ter o direito de falar algo importante que aprendeu com a rotina.

É não permitir que a memória do filho morra quando todos já o esqueceram, depois de tanto tempo da despedida.

É rir de alguma história vivida junto para, em seguida, chorar porque ela não vai se repetir.

A gargalhada e a lágrima são agora amigas. Uma consola a outra. Acontecem no mesmo instante, não estão mais separadas como antes. As paredes entre elas ruíram, desaparecendo a vedação entre o bom e o ruim, entre a felicidade e a tristeza.

Amor incondicional é o maior sofrimento que há na alma. Ocupa grande parte das sinapses. O sangue das artérias corre para um nome que sequer é pronunciado.

É uma loucura da mais absoluta normalidade. É uma cama nunca desarrumada. É uma cadeira estacionada para sempre por baixo da mesa. É uma roupa pendurada no cabide com cheiro de guardada.

Não há como demonstrá-lo por alguém que se encontra perto, tangível. Exige um grau de sacrifício épico para não desistir do cotidiano, apesar de subtraída uma das mais inspiradoras razões de viver.

É você não deixar de rezar uma noite por aquele fruto arrancado, que nasceu do seu coração.

É subir na árvore da solidão enquanto a residência dorme, para lembrar-se do galho de onde o fruto surgiu.

Amor incondicional não é fazer tudo pelo filho vivo, é ainda fazer tudo pelo filho mesmo ele estando morto.

Quando você perde um filho, não tem como ocupar o quarto dele novamente. É diferente da reorganização do espaço com o luto de um pai, de uma mãe, de um marido ou de uma esposa. A casa encolhe, o corredor é abruptamente encurtado, o trânsito é desfeito para um dos aposentos. Uma ponte foi derrubada entre as duas pontas da construção e dos afetos.

O quarto desaparece. Será um dormitório a menos para sempre na planta residencial.

Você não consegue transformá-lo em escritório, nem repassá-lo para um irmão, ou usá-lo como depósito. É uma porta fechada. É um santuário de uma ausência. É uma capela da amargura.

O pai e a mãe enlutados vão demorar a entrar no seu território. Para não desabarem em choro, para não serem tragados pela sucção do soluço.

Não existe preparo algum para visitar a falta de esperança, a extinção de uma biografia.

Não irão conseguir mexer nas gavetas, tirar qualquer coisa do lugar. Não apanharão um livro, não ajeitarão a bagunça, não organizarão os sapatos e tênis debaixo da cama. Pode ter uma camisa no chão, que ela não será levantada.

A curiosidade não supera o sofrimento.

Ainda que sintam a garganta seca, a sede de saber sobre os últimos pensamentos, as últimas anotações, as últimas mensagens, as últimas ações de quem partiu, não terão coragem de alterar a cena da saudade.

Ela seguirá intacta até o fim dos dias. Porque invadir a privacidade é aceitar a morte.

Nenhum pai, nenhuma mãe admite os pêsames. Fingirão que o filho está longe ou viajando. Fingirão que ele está ocupado demais para mandar notícias.

Se acreditarem na despedida, não suportarão a dor. Enganar-se, nesse caso exclusivo da existência, é sobreviver. É a única mentira perdoada por Deus.

Deixarão tudo do jeito que estava, esperando um milagre. Esperando ganhar tempo. Esperando que tudo tenha sido um grande e injusto equívoco.

Não abrirão nem as janelas, pois seria tirar um pouco do perfume do filho de dentro do ambiente.

Todos os quartos dos filhos mortos no mundo têm as cortinas fechadas. São frascos da presença. Não se permite que o vento entre e leve o cheiro da pele.

Sequer serão trocados os lençóis ou as fronhas dos travesseiros — permanece o calor do corpo debaixo da memória, debaixo das cobertas.

Não peça a eles que ressignifiquem a perda. Ela não pode ser transformada em algo maior. Não há algo maior do que o amor interrompido. Aceite a crueldade dos fatos: ninguém aprende nada com a morte do filho.

Morremos com as nossas esperanças.

Com as nossas esperanças intactas, irresolutas, inéditas.

Morremos tentando não morrer. Aguardando não morrer. Os dias seguintes desconhecem o nosso fim: estarão cheios de compromissos, de reuniões, de pessoas a apertar a mão, de afetos a abraçar, de telefonemas e mensagens a retornar.

Quem morre já comprou passagens para as férias, quem morre já adquiriu ingressos para um show no fim de semana, quem morre já reservou um restaurante para sair de casal, quem morre já confirmou a presença numa festa, morre achando que teria todo o tempo pela frente.

Não haverá estorno. Não haverá devolução das experiências pelo não comparecimento.

Ficarão roupas novas com etiqueta no armário, livros parados ao meio na cabeceira da cama, projetos iniciados, amizades a perder de vista.

Quanto maior a esperança não usada de uma vida, maior a dor do luto, o que explica a devastação de perder um filho. É uma dor inominável carregada de esperanças nos ombros. Cada uma das esperanças irrealizadas dói.

Como pai, como mãe, você cria uma existência paralela, ano a ano, do que o filho estaria fazendo.

Trata-se de um equívoco falar que os pais enlutados não esquecem a morte do filho. Eles esquecem. Fazem questão de esquecer.

Os pais esquecem a morte, o que eles não esquecem é o nascimento. É impossível esquecer que ele nasceu mais do que ele morreu.

Você passa a aniversariar uma ausência.

Todo ano: “Ele estaria com 15 anos, ele estaria com 16 anos, ele estaria com 17 anos...”

Todo ano: “Ele estaria completando o ensino médio, ele estaria se preparando para o vestibular, ele estaria entrando na universidade.”

Todo ano, você sopra velas apagadas. Velas do que poderia ter sido. Velas que não vão voltar a se acender. Velas com o fogo extinto.

Todo ano, uma nova vela apagada é acrescentada à sua frente. Para você fantasiar em cima da falta de memória, em cima da falta de futuro.

Então, como alguém pode ousar censurar seus atos, repreender seu excesso de imaginação, dizer-lhe que pare de sofrer? Que não tem mais nenhum aniversariante ali presente? Que está alucinando?

Que indiferença é essa? Que avareza é essa? Que carência extrema de empatia é essa?

Esperanças jamais perecem.

Quando morre alguém com mais de 85 anos, não somos tocados pelo mesmo pesar, pela mesma compaixão. Não nos afeta tanto. Não nos escandalizamos com o obituário. Não mergulhamos no pasmo e no espanto de querermos logo descobrir como aconteceu o desenlace. Internalizamos a causa natural.

Costumamos justificar que viveu bem, que viveu muito. A velhice parece ser um atenuante do fim.

Como se o luto de um ente querido na terceira idade doesse menos, já que ele teve a sorte de viver por um longo tempo.

É um preconceito, ou talvez uma defesa moral contra o impacto do luto.

Justamente devido à longevidade de quem ama, você é capaz de sofrer o dobro. Tem mais lembranças das quais se lembrar, tem mais momentos juntos dos quais sentir falta, tem mais experiências em comum.

A figura se mostrava com tamanha pontualidade, com tamanha assiduidade, no seu dia a dia que você nem acreditará no seu repentino desaparecimento.

Acabará vítima de uma avalanche emocional, soterrado pelo vazio. Lágrimas virão aos borbotões, pesadas como cristais.

Quanto mais vive uma pessoa, maior o nosso apego, maior a fortuna que ela nos deixa de gestos e palavras.

O repertório para a saudade será gigantesco, terá um baú de cenas inesquecíveis, um testamento imenso de lições, um relicário de detalhes da convivência, um manancial de conselhos, passando por manias até registros inteiros de conversas.

Por isso, sentimos tanto a partida de um vô ou de uma vó. Jamais naturalizamos as suas despedidas. São abruptas e inconsoláveis, mesmo que eles já tenham um histórico de doenças e de internações. A razão não sustenta o coração, a previsibilidade não suaviza o choque.

Apesar da consciência da finitude deles, não estaremos preparados para enfrentar a profundidade das suas lacunas.

Representam nossas raízes, com seus tentáculos de ternura espalhados por baixo do chão de nossos princípios.

Não temos noção de até onde as raízes se estenderam dentro de nós. E se atravessaram, de modo subterrâneo, ruas inteiras da nossa personalidade?

Só podemos enxergar a árvore, a aparência da árvore, não as raízes. Elas tornam-se visíveis unicamente após o tombamento do tronco.

A constância dos laços, portanto, aumenta a tristeza do adeus. Você se acostumou com aquela presença. Até a julgava eterna. É

difícil admitir que ela não estará mais aqui oferecendo o conforto de um abraço ou o aconchego quente das mãos dadas.

Na morte, somos sempre crianças, não importando a idade ou o tamanho do caixão. Sempre terá sido cedo.

Você já imaginou o que seria a sua vida sem seus pais?

Ver aqueles números no celular e não poder mandar mensagem?

Não mais contar com a possibilidade de visitá-los para roubar um colo e desabafar as mágoas?

Não mais ouvir seus conselhos na mateada?

Não reclamar que eles estão usando o dedo preguiçosamente como talher para apanhar o arroz na borda do prato?

Localizar algo de que eles gostam no comércio e não ter mais sentido comprar um presente?

Sentir vontade de um abraço e se perceber impossibilitado de comunicar a saudade?

Agora pense nos seus pais envelhecidos de 75 anos, de 80 anos. Eles não têm mais pai nem mãe. Seus avós morreram faz tempo.

Seus pais sofrem com a despedida dos seus protetores. É como dormir sem a parte de cima da casa nos dias de tempestade, sem a bênção dos seus velhos para acalmar as tormentas. É uma dor destelhada.

Não há quem olhe por eles assim como você é olhado com tamanho zelo por ambos.

A alma deles é um orfanato.

Não importa a idade avançada, seus lutos são de uma criança aprendendo a se virar sozinha, assumindo precocemente a responsabilidade pelos seus atos.

Tanto que eu acredito que só amadurecemos quando perdemos os pais. Quando a data da partida se consolida como um segundo aniversário.

É um vazio existencial que se descortina e fica para sempre. A vida jamais será a mesma. Carecerá de uma cola para ligar as peças da sua memória. Suas sensações virarão fantasmas, o vento se transformará numa voz, a chaleira apitando será uma campainha por dentro do peito. A rotina se abrirá ao sobrenatural com a materialidade de quem divide uma bergamota.

Tenha em mente que seus pais não têm mais os pais deles quando repetem uma história.

Tenha noção de que seus pais não têm mais os pais deles quando esquecem o que havia por dizer.

Tenha consciência de que seus pais não têm mais os pais deles quando telefonam e você está prestes a recusar a ligação.

Tenha no coração que seus pais não têm mais os pais deles quando se atrapalham com uma tarefa simples.

Tenha no horizonte de ideias que seus pais não têm mais os pais deles quando começam a chorar, ou quando acordam desanimados, ou quando reclamam de tudo.

Não os condene, não os censure, não desapareça. Contenha a sua ânsia de se afastar para ter menos trabalho e preocupações.

Seja mais paciente, mais compreensivo, mais generoso, mais amigo dos seus pais.

O silêncio deles é mais profundo do que o seu, a distração deles é mais violenta do que a sua, o suspiro deles é mais longo do que o seu.

Todo pesar é, no fundo, um apego. Você não poderá ocupar o lugar de quem partiu — estará postumamente preenchido —, mas pode se sentar próximo dos seus pais para diminuir um pouquinho a falta que faz o passado.

Nem sempre o casal que se ama pode ser enterrado junto. E não é por falta de amor.

Eu fiquei sabendo recentemente que a minha lápide não poderá estar ao lado da lápide da minha esposa. Não dividiremos o jazigo. Por mais que tenhamos um pelo outro irrestrita devoção.

Estávamos falando de seguro de vida no almoço, plenos de saúde, felizes, rindo, quando, de modo inconsequente e repentino, comentei com Beatriz o meu desejo de ser enterrado em Porto Alegre.

Tenho o mapa da capital gaúcha tatuado nas minhas costas, a primeira cartografia do lugar, datada de 1772.

Em relação à cidade, guardo uma diferença exata de dois séculos.

A minha escrita inteira se desenvolve pela luz, pelo sotaque, pelo espaço porto-alegrense, onde criei os meus filhos e fui criado, onde aprendi a caminhar, a falar, a abraçar, a amar, a admirar o vento forte nas árvores, o sol espelhado no rio Guaíba, as golas verdes e capuzes cinza dos morros no inverno e a chuva absolutamente inclinada que dribla as sombrinhas mais firmes e retas.

Minha despedida será aqui, para reunir os meus amigos e celebrar a história de um menino feio, com diagnóstico de “retardo mental” na infância, alfabetizado pela mãe em casa, fortemente atraído pela beleza das palavras.

Perguntei à minha esposa, que é mineira:

— Você vem comigo?

Ela se ausentou por um tempo em pensamento, cutucou a comida e me disse:

— Não me leve a mal, mas não poderei ir com você.

Foi o primeiro não que recebi dela para um destino em comum, depois de tantos sins: o sim do namoro, o sim do casamento, o sim de dividir o teto, o sim da família.

Juro que me assustei um pouco com o desvio da minha idealização, com a encruzilhada surgindo num caminho que julgava único e natural, com a dissidência no meio das convicções de repouso derradeiro.

Porque eu me vejo envelhecendo com ela, com o buquê grisalho dos seus cabelos em meu colo, ambos se ajudando a se levantar da cama, apoiando-se nas lembranças e sobrepondo as mãos e as alianças nos corrimões das escadas.

Assim também me enxergava na mesma campa ou parede no fim dos nossos tempos, repartindo as fotos ovaladas, o sobrenome, a saudade, as heras e os vasos de flores, trocados quinzenalmente pelos nossos parentes.

Notando a discrepância entre nós quanto ao testamento do corpo, questionei onde ela gostaria de ser enterrada.

Ela me respondeu com doçura e me deu um motivo de apego para amá-la ainda mais:

— Em Belo Horizonte. Não posso deixar a minha mãe sozinha lá.

Fazia sentido. Ela era agora mãe da memória da sua mãe, cuidadora do seu legado.

Clara havia falecido anos atrás e não contaria com ninguém por perto para continuar a Ave-Maria do rosário.

Beatriz rompia com qualquer propósito egoísta. Mesmo depois da morte materna, ela ainda se preocupava com a solidão da mãezinha, com o isolamento da mãezinha, em oferecer companhia.

Eu já me orgulhava da esposa que eu tinha. Passei a me orgulhar da filha que ela demonstra ser por toda a eternidade.

Jamais abracei a minha sogra. Jamais beijei a minha sogra. Jamais apertei a sua mão ou pude vê-la frente a frente.

Dizem que Clara era a alegria em pessoa. Fazia amizades no clube, na igreja e até no ponto de ônibus. Todos a conheciam pela erudição e simpatia. Foi professora e catequista.

Ela faleceu de fulminante leucemia duas semanas depois do meu início de namoro com Beatriz.

Eu somente tive a alegria de falar com ela por telefone. Foi meio de susto. Estávamos no saguão de um teatro em São Paulo. Beatriz falava com sua mãe ao celular enquanto eu esperava que terminasse a ligação para procurar nossos assentos, e ela, do nada, me passou o aparelho:

— Minha mãe quer falar com você!

Eu estranhei, já que o gesto era meio precoce para um relacionamento que recém havia começado. Parecia uma oficialização do namoro antes da hora, antes do pedido formal entre nós.

Fiquei sabendo que a sogra lia meus textos e que meu livro pousava como predileto na sua cabeceira. Talvez vinha estudando o temperamento do futuro genro.

A ligação foi profética, nem um pouco comum e banal. Até hoje, lembro-me exatamente do que ouvi. Ela me encorajou, ela me incentivou, ela me amparou. Não se restringiu a uma troca amistosa de palavras entre dois desconhecidos. Existia uma mensagem poderosa sendo ditada para mim:

— Você é um sonhador, Fabrício. Você enxerga longe. Leve Beatriz para seus sonhos: ela está precisando de uma nova realidade.

Pego de surpresa com tamanha intimidade, eu apenas consenti, apenas aceitei a missão: “Pode deixar!”

Aquilo me mexeu por dentro. Como alguém que não me conhecia me conhecia tão bem?

Nunca iria imaginar que seria o nosso primeiro e último diálogo. Mas, possivelmente, eu senti algo de diferente no ar. Um aviso do destino.

Fiquei transtornado naquela noite. Beatriz questionou meu olhar perdido. Era um olhar voando.

Na manhã seguinte, eu acordei e logo a chamei para conversar:

— Não sei explicar, mas a sua mãe precisa de você. Volte para Belo Horizonte hoje.

Beatriz não entendeu a urgência. Ela ficaria em São Paulo por mais uma semana, de férias. Imaginou que Clara tivesse dito algo para mim em particular.

— De onde, isso?

Esclareci que se tratava de um pressentimento, não existia nenhuma confiança.

O mais incrível é que Beatriz acatou o meu conselho. Confiou em mim. Trocou as passagens e chegou à capital mineira na mesma noite. Voltei para Porto Alegre, onde morava.

Ao desembarcar, Beatriz descobriu que a mãe não se encontrava em casa. Havia sido internada no hospital por tontura e fraqueza naquele dia.

Ela teve a chance de se despedir da mãe, de permanecer ao lado dela nos seus últimos momentos. Pôde cuidar dela, viver mais um pouco o seu brilho para se abastecer de saudade e não sofrer da culpa da distância.

Eu compareci ao enterro, já como namorado de Beatriz.

Coloquei a minha mão no caixão e reafirmei a promessa para Clara:

— Pode deixar comigo. Vá em paz, minha sogra sonhadora!

Você sempre fica pensando o que poderia ter dito antes de se despedir de um afeto. Fantasiando frases, declarações de amor.

Você gostaria de ter falado palavras bonitas, tocantes, antes da partida, que fossem lembranças invencíveis da sua ternura.

Mas a morte rouba as nossas palavras. A morte é o nosso completo silêncio. Um jejum da linguagem.

Nas vezes em que estive com alguém à beira da morte, eu não consegui falar nada. Nada. As palavras não saíam. Eu me afogava no abraço, ou as lágrimas molhavam o meu texto ensaiado.

Nos momentos de maior emoção, sempre ficaremos mudos.

E não é uma incompetência sentimental, acontece com todos.

Ou porque você não quer que o enfermo se esforce com os murmúrios, que sofra ainda mais respondendo, ou porque há tanto o que dizer no fim de uma existência que você não sabe por onde começar.

O que calamos na despedida, no leito do hospital, vamos revelar no enterro para os outros.

Morrer é ser admirado pelas costas. Uma covardia frente a frente no estertor e uma admiração corajosa pelas costas, na

ausência.

Tanto que eu vejo o enterro como a última sessão de cinema de uma vida.

Cada um que entra no velório é, ao mesmo tempo, personagem e espectador de uma biografia que não irá se repetir.

Ao redor do caixão, é projetado um filme dentro de cada olhar de saudade ali presente.

Sentamo-nos nas cadeiras, escorados na parede, e lembramos as principais cenas de uma trajetória singular.

Assim como não se nasce impunemente, tampouco se morre sem homenagem, nas lacunas do esquecimento.

Apesar da dor, existe uma urgência de não desperdiçar a chance de expor o que sabemos a respeito do morto. Ansiamos acrescentar um capítulo inédito ao roteiro.

Não importa quem conheceu mais ou menos o falecido, quem era mais próximo ou mais distante. O fim torna qualquer um íntimo. O pesar não cobra ingresso.

Trata-se de uma expiação fundamental para montar o copião de uma história.

Ouviremos os relatos dos confidentes e familiares e nos daremos conta de que não conhecíamos tudo a respeito de quem se foi. Há fertilidade debaixo da terra.

Entre as conversas e os pêsames, desvelaremos uma nova faceta do nosso afeto. Vamos até rir de modo impróprio de um “causo” ou de uma piada inéditos. Por isso, gargalhadas interrompem choros em solenidades fúnebres.

Talvez descubramos que aquele homem sério no trabalho se atirava ao chão com o seu cachorro em casa, que aquela mulher tímida no casamento costumava soltar a voz em karaokês na universidade.

Não deixe de se despedir de um amigo. Os velórios são salas de cinema. Será a primeira vez que assistirá a uma vida por inteiro.

Descobri o segredo do abraço: esvaziar-se antes dele. Não pensar em nada. Não se fixar em um sentimento. Não se lembrar de coisa alguma. Não ter expectativas, sequer tentar prever a reação de quem se aproxima. Seguir o momento presente, o imprevisto, o destino. Ser somente dois braços, nenhuma ideia, nenhuma preconceção, nenhuma certeza.

Assim, qualquer um pode chorar no meu abraço, ou pode rir, ou pode se emocionar. Porque a pessoa não estará me abraçando, estará se abraçando.

Abraçando as suas dores, o seu luto, as suas mágoas, as suas recordações de aconchego, a sua saudade de casa e de alguém.

Uma vez que não há como se abraçar sozinho, eu me ausento para que o outro se abraçe através de mim. Eu desapareço para que o outro finalmente se reconheça por completo.

Pela primeira vez na vida, ofereço a chance de ele se abraçar. Eu assisto ao gesto grandioso como um instrumento do afeto.

Meu corpo é como um barco para remar, uma árvore para subir, uma pedra para sentar-se. O que vem não depende de minha ação: eu apenas acolho.

Só não posso ter pressa, só não posso impor o meu ritmo. O abraço será desajeitado se eu não me entregar. O abraço será

nervoso se pensar em mim. O abraço será pela metade se estiver com a cabeça em diferente lugar.

O abraço é sempre alguém chegando, jamais alguém partindo.

Que ofereça o que for preciso nesse colo de pé: a duração muda de caso a caso. Alguns exigem intervalos longos, deitam a cabeça no meu peito para ouvir o seu coração batendo de novo a partir do meu. Há quem se sinta confortado com o rápido apertão.

O abraço facilita a aceitação. Nada é tão grave mais. Nada é tão irreversível mais. As palavras param de doer. Os pensamentos se desembaraçam dos nós górdios das crises. As conversas tensas na memória têm a pausa de um cafezinho.

Nele, você encontra uma janela para respirar fora do próprio julgamento, da própria culpa, da própria mortificação. Entra numa dimensão paralela do tempo, em que é capaz de resolver um impasse e relevar um desentendimento.

A existência é vista de cima. Torna-se menos pesada, menos cansativa.

O abraçado reencontra a si mesmo. Ele é capaz de derramar lágrimas nos meus ombros estranhos, como se fossem o colo aquecido da mãe. Todos os seus mortos estarão vivos em minha pele viva. Ele chamará para perto um ente querido distante. A intimidade vai e volta. A intimidade é eletricidade.

O abraço é a tomada em que você religa a sua sensibilidade. Com uma carga extra de energia, você retoma o poder de se

libertar do passado.

Todo mundo fica bonito no amparo dos braços cruzados nas costas. Você se transforma num propósito. Não há propósito feio.

O abraço cura, salva, cicatriza. Pelo menos, até o próximo abraço.

Com a maturidade, não sei você, mas eu me acostumei com o valor da bênção. Nem é devido a uma religião, mas por professar a saudade.

A bênção, para mim, é mais importante do que “eu te amo”.

A bênção é um amor que vai e volta.

A bênção é proteção atemporal, vigília, demonstração de que a pessoa está sempre com você.

Ela viaja com você em pensamento. Segue você com a lembrança.

No “eu te amo”, você está falando de si. Na bênção, está falando do outro, está preocupado com o outro.

Depois que a minha mãe e o meu pai envelheceram, houve uma mudança na nomenclatura da declaração amorosa dentro da família. O “eu te amo” estava implícito, não era mais dito.

Em nossos encontros, nunca mais me despedi sem receber a oração deles no alto da cabeça.

A bênção é um “adeus” preventivo dentro do “tchau”, pois jamais teremos certeza se estaremos frente a frente novamente.

A bênção é não mais entregar a vida à infalibilidade. O tempo é hoje, nada mais.

Não há como se valer de véspera para aprontar as malas, ou para escolher o conteúdo das bagagens e das palavras.

O que acontece naqueles breves e cerimoniais minutos não corresponde a uma superstição ou simpatia. Não significa que acontecerá algo de ruim com a ausência do seu gesto. É tão somente gratidão de estar por perto, de estar presente.

É um gesto de humildade se agachar, para o corpo diminuir e a alma crescer.

Repare que o sinal da cruz na testa é recebido de pálpebras fechadas. Existe, no contato, um beijo úmido dos dedos. Dar a bênção é como beijar com as mãos.

O cumprimento, feito tradicionalmente ao pé da porta, atinge a estrada se descortinando ao fundo.

Se o “eu te amo” é o equivalente a um “te cuida”, a bênção dá um passo além, é um inigualável “eu cuido de ti”. Vem de alguém que cuidará de você mesmo quando não estiver mais aqui.

O luto é como o amanhecer.

As pessoas dormem, menos você na sua dor. Não testemunham o céu lilás, avermelhado, vindo à tona antes do sol.

Quem perdeu a mãe fica sempre no breu esperando a luz. Afinal, ela nos deu à luz.

Qualquer mãe pergunta para o seu filho: “Onde você está?”

É a pergunta do território. É a pergunta da localização. É a pergunta da presença. É a pergunta do vínculo.

Por que a mãe pergunta onde você está?

Já pensou nisso? É que você veio do ventre dela, do corpo dela. Ela é o seu lugar. Seu primeiro lugar no mundo. Sua primeira amizade com o mundo. É natural que vigie os seus passos, proteja as suas andanças, preocupe-se com o seu destino. Ela nem diz “alô”, “tudo bem?”, só quer saber logo onde você está.

Quando a mãe parte, você devolve a pergunta: “Mãe, onde você está?”

Você tem de parir uma ausência. É uma gestação de silêncio e de estranha esperança. Porque você precisa acreditar em tudo que fizeram juntos, em tudo que repartiram durante a vida.

Precisa acreditar que tudo que você viveu com ela foi suficiente.
Precisa acreditar que não precisa de mais nada.

Eu sei que o amor é insaciável, e temos apego. E o apego transforma momentos lindos em tristeza.

Talvez tenhamos que supor que a mãe nos leva para onde ela estiver. E ela não para de se preocupar com o nosso caminho. Talvez esteja usando os pássaros para nos cumprimentar, usando os amigos para nos dar conselhos. Não duvide dos estratégias maternos depois da morte.

A mãe está espalhada em todas as cores da madrugada.

Por mais cedo que você desperte, ela sempre acordará primeiro, para esperá-lo.

Não há maior perigo para a felicidade do que acreditar que temos todo o tempo pela frente. Porque só adiamos as nossas aspirações. Adiar é não fazer. Adiar é nunca fazer. Adiar é abandonar. Adiar é jurar que, em algum momento, poderemos continuar o que paramos. Como se existisse uma repescagem imaginária para nossas eventuais falhas e lapsos.

Quem nunca se matriculou em um curso on-line, com acesso ao conteúdo por um ano, e protelou as aulas até expirar o prazo?

Quem nunca acumulou jornais, livros e apostilas para ler no fim de semana e jamais teve uma folga redentora?

Quem nunca empurrou uma viagem de férias para depois, e o depois não veio porque o trabalho sempre exigia novos desafios?

Quem nunca prometeu voltar a correr, ou retomar um esporte, e os horários encolheram?

Quem nunca teve um dom, um prazer, uma paixão secreta por uma atividade (música, cozinha, pintura, artesanato, literatura), e o ofício não foi desenvolvido?

Se você ainda se vê infinito, imortal, onipotente, se não aceitou que a mortalidade tem data de validade, saiba que já possui a sua foto de morto. Já existe a sua foto de morto entre os seus arquivos. A foto que vai estar no seu anúncio fúnebre. A foto que

circulará nas redes sociais como homenagem póstuma dos amigos e familiares. Já existe essa imagem no seu celular, no seu computador, nas suas postagens. A foto que será reproduzida no convite do seu velório e do seu enterro, que talvez saia no jornal. A foto que não escolheu, que será definida por um ente querido, capaz de traduzir o seu temperamento, a sua personalidade, o seu modo de encarar os acontecimentos.

É possível que esteja rindo nela. É possível que esteja com trajes de banho, à vontade, na praia. É possível que esteja abraçado a alguém que será cortado da fotografia. Não costuma ser escolhida uma pose séria, de um ângulo respeitável.

A informalidade indica a injustiça prematura do adeus. Sua alegria estampada naquele instante contrasta com o tom cerimonioso dos pêsames, do corte abrupto da sua permanência entre nós.

Alguma pessoa próxima se decidirá por uma imagem em que você se encontrar à toa, contente, no meio de uma festa, de uma celebração, desprovido de qualquer pressentimento, desprevenido da doença ou da tragédia, representando, com isso, a imprevisibilidade da despedida, demonstrando que não estava pronto para partir.

Você já tem essa temida fotografia. Pode ser amanhã, depois de amanhã, na velhice, mas vai acontecer. A foto será usada.

Analogamente, todo ano, sem perceber, você passa pela data da sua morte. Pela data que será o seu segundo aniversário,

aniversário da saudade para aqueles que ficarão a prantear a sua ausência. Todo ano, você atravessa um dos dias mais importantes da sua trajetória, sem consciência alguma de que será ele o último dia da sua vida.

Todo ano, pisa na folhinha do calendário, naquele marco temporal que completará as inscrições da sua lápide. Todo ano, você é um desavisado do próprio fim.

A memória costuma pregar peças. Você gosta do que odiava, você sente falta do que anteriormente o irritava.

A dificuldade de convivência potencializa a falta. Quanto maior o esforço para admitir uma mania ou uma imperfeição de alguém, maior a saudade. Porque você converteu as divergências em conexão da intimidade. Tem a saudade como um mérito: só você, mais ninguém, é capaz de suportar aquela chatice ou aquele incômodo, ou mesmo compreender certas decisões da pessoa.

Um exemplo disso são casais há décadas juntos, que vivem se vangloriando de aguentar o ronco, as compulsões, as reclamações, os atrasos, a ansiedade, os esquecimentos do seu parceiro. Os defeitos tolerados formam, no fim, um patrimônio da cumplicidade.

“Só eu para aguentar você” é usucapião do “não vivo sem você”.

Seguindo essa lógica, a saudade é provação. Você não tem nostalgia das virtudes, mas das dificuldades que foram transpostas do relacionamento.

Eu lembro que me perturbava um hábito dos meus pais. Quando riscavam fósforos para acender o fogão (não era

automático na minha infância), eles, em vez de pôr o palito usado no lixo, devolviam-no para a caixinha.

Sempre que eu precisava da chama, pescava um item usado. Experimentava uma loteria da paciência.

Jamais pegava um fósforo com a ponta vermelha intacta. Distraído, eu me enganava e friccionava inutilmente o palito com a ponta queimada. Enervavam-me os minutos perdidos em cada operação, obrigando-me a visualizar o que tinha dentro da caixinha para não errar de novo.

Por herança, eu faço questão de botar todos os palitos gastos de volta na caixinha. Eu me tornei igual aos meus pais.

Porque toda saudade é esforço do amor, é ser um pouco parecido nas diferenças. É a lembrança do que aprendeu, com muito custo, a respeitar.

O que necessitamos ter em mente é esse desconto da convivência, que esquecemos durante o luto.

Somos muito exigentes conosco quando alguém que amamos morre. Somos implacáveis. Encarecemos nossas cobranças. Acreditamos que faltamos com atenção, com carinho, que poderíamos ter estado mais presentes. Que deveríamos ter aproveitado mais.

Mas você não foi tão ruim assim. Você fez o possível. Você foi bom, não perfeito. Você amou de acordo com o seu gênio, seu humor e as suas limitações, na mais natural autenticidade.

Se a pessoa estivesse viva, já o teria desculpado.

Nossos mortos são lembretes de que não temos controle sobre o futuro.

De que não há como saber quando será a última vez.

De que precisamos dar tudo que queremos já nos rascunhos.

De que vitrais são lindos e feitos de janelas quebradas.

De que não vale guardar roupas nem sentimentos para ocasiões especiais.

De que aquilo que não usamos não é nosso.

De que as nossas bagagens são as nossas gargalhadas.

De que a coragem começa em não mais chorar escondidos.

De que a sinceridade depende do esforço de expressar as nossas emoções.

De que as fotos não substituem as presenças.

De que escondemos as recordações mais bonitas no olfato. O perfume acorda a memória.

De que é melhor passar poucos minutos juntos do que nada, é melhor uma visita rapidinha do que planejar um fim de semana perfeito que não acontecerá.

De que a felicidade mora dentro da simplicidade.

De que arrumar a cama ou amarrar os cadarços são cuidados com a nossa saúde emocional.

De que generosidade é partilhar quem você é, não o que você tem.

De que é preferível fazer e errar a se arrepender do que não foi vivido. Errar é ter chance de evoluir. Não fazer é nunca se aperfeiçoar.

De que o silêncio, se houver afeto, jamais incomodará.

De que a alma se comunica pela pele. Oferecer um colo, um cafuné, um abraço aquece qualquer dor.

De que as confissões dependem da nossa capacidade de nos mostrarmos presentes. Ninguém vai pedir ajuda a distância.

De que a saudade é o nosso GPS para não nos afastarmos do que nos conforta.

De que gavetas não combinam com sonhos, muito menos esconderijos comportam nossas verdades.

De que perdoar é mais fácil do que imaginamos. Pior é se isolar no orgulho. A teimosia não tem amigos.

De que nenhum passeio será mais inesquecível do que sentar-se no sofá ou à mesa ao lado de quem amamos.

Os mortos nos lembram que qualquer dia desses estaremos com eles, seremos um deles. Portanto, não desperdice a sua vida com medo de viver.

Temos horror à sensibilidade.

Temos horror à possibilidade de o enlutado se emocionar na nossa frente e desandar a chorar.

Temos horror a não saber o que comentar perante a abstinência do amor.

Temos horror à nossa falta de jeito e de propriedade sobre o assunto.

Evitamos contatos mais densos, profundos, catárticos. Representaria pararmos tudo que estamos pensando ou sentindo para consolar.

Gostaríamos que o enlutado derramasse suas lágrimas higienicamente no banheiro, debaixo do disfarce das águas, sem ninguém ver, sem fazer barulho, sem incomodar a casa com a sua incontinência da alma.

Preferimos as conversas amenas, circunstanciais, inofensivas. Por isso, somos turistas da dor, hóspedes apressados das mágoas, visitantes rápidos do sofrimento alheio. Passamos e não ficamos, não queremos nos demorar.

Não mencionamos o nome do falecido para não ter de lidar com o desmoronamento, para não ter de catar, em seguida, pedra por

pedra da perda.

Por isso, parecemos lunáticos, com uma conversa desorientada e escapista, desvinculada do realismo de uma tragédia. Por isso, realizamos os cumprimentos mais inoportunos, fingindo que nada de grave aconteceu. Por isso, inquirimos do enlutado se “está tudo bem” ou “como ele vai”, desprezando a sinceridade interior.

Enquanto a morte prosseguir sendo um tabu, continuaremos agindo preconceituosamente com quem atravessa um luto. Continuaremos segregando a sua voz, não garantindo a plena liberdade do pranto.

Deveríamos nos preocupar em frear aqueles que são indiferentes e insensíveis, jamais dissuadir a saudade mais honesta e humana.

Dessa forma passiva, incentivamos o enlutado a não se abrir, a simular as suas emoções, a sofrer silenciosamente para adoecer de vez.

Só precisaríamos escutar o seu desabafo, ouvir com atenção e credulidade, não desprezando o relato, não subestimando a versão, não prevendo o que será dito.

Nem é essencial falar qualquer coisa inteligente, a inteligência não faz diferença alguma no deserto de explicações sobre a morte.

O que podemos ceder é a audição cúmplice, a amizade de testemunha, até porque a dor do outro é impenetrável.

Para socorrer, não dependemos de quase nada: é pouco esforço, é estar por perto.

Não haverá uma solução para o pesar, não haverá um conselho arrebatador.

Que os ouvidos sejam o nosso único idioma.

Eu sempre corto o meu cabelo e ponho uma nova palavra na cabeça. Você já deve ter visto. É resultado da perícia de Keliston Breno, que desenhava letras com a navalha.

Ele começou a me atender no Seu Elias, famosa barbearia de Belo Horizonte. Depois, abriu o próprio salão em Betim, com a esposa cabeleireira, Sabrina.

Ele foi à minha casa toda semana durante cinco anos. Eu deixava a porta da cozinha encostada. Ele entrava pedindo licença, colocava o seu capacete em cima da máquina de lavar, abria a sua maleta preta de instrumentos e completava sua tarefa com capricho. No meio das roupas estendidas no varal da lavanderia, ríamos da nossa amizade de tesoura e ternura, gargalhávamos fugindo dos pingos das peças lavadas.

Pastor evangélico, sorridente, pai dedicado de quatro filhos, marido devoto, ele pegava a estrada de Betim a BH, por 37 quilômetros, para permanecer trinta minutos ao meu lado.

Ao meio-dia de 5 de julho, ele morreu num acidente de moto. Fiquei chocado. Fiquei paralisado. Fiquei chorando desde que me avisaram da tragédia.

Meu primeiro ímpeto foi ter uma raiva descomunal do destino pela injustiça da perda, uma vontade de gritar surdamente de

impotência, de desamparo, de descrença. Eu me vi socando portas e paredes pela frente, numa violência desordenada da saudade. A saudade veste o susto e o ódio no velório.

Por que Deus leva primeiro os melhores? Como uma pessoa boa assim desaparece de repente?

Ele tinha apenas 35 anos. Nunca o vi reclamando de nada, ele vivia agradecendo pela sua vida. Era grato por trabalhar com aquilo de que gostava, grato por ter um teto para proteger a sua família.

Era tanta gratidão num único ser que nunca julguei que ele pudesse morrer.

Em seguida, culpo infantilmente Keliston por não ter se cuidado. Como se a finitude fosse o seu erro, pois não se preservou do perigo, não adotou a imensa cautela na estrada, expôs-se ao risco da pressa andando de moto.

Logo peço desculpas a ele em pensamento. Vejo quanto tudo é miragem do meu sofrimento. É a ideia distorcida que carregamos de que a morte é algo que não vai nos acontecer. A morte está viva dentro de nós desde o nosso nascimento. Um dia, ela emerge e encerra a nossa missão, o nosso ciclo, por aqui.

Nossa última conversa foi no sábado, 1º de julho, e lhe contei que estava escrevendo este livro sobre o luto.

Avisei a ele que, na contracapa, colocaria a frase: “Se a vida é um sopro, assobie.”

Ele parou de cortar o cabelo por um momento e assobiou um louvor da sua igreja. Preso com o avental até o colo, eu me esforcei para me virar e olhar nos seus olhos.

Ele estava sério, compenetrado, fora dali.

Eu senti que era uma despedida, não sei como. Um arrepio de janelas abertas na alma.

Tentei me mostrar íntimo daquela estranheza, daquela dor, para não assustá-lo ou mesmo me assustar.

Bati palmas e comentei: “Temos que aprender a morrer.”

Ele completou: “Mas antes temos que aprender a viver.”

Keliston soube.

Eu tenho a impressão de que ele ainda está de pé atrás de mim.

Não é impressão, eu tenho certeza.

Amigo que eu amo, meu anjo de cavanhaque: está de pé nas minhas costas. Para sempre.

Agradecimentos

Meu agradecimento ao Grupo Cortel. Iniciamos um trabalho lindo de rede de apoio ao luto, com o Clube de Cartas Corações Solidários. Não temos como impedir a dor, mas podemos impedir que o enlutado sofra sozinho.

Inscreva-se gratuitamente aqui:

www.cortel.com.br



Sobre o autor

Carpinejar nasceu em 1972, na cidade de Caxias do Sul (RS). Publicou cinquenta e um livros entre poesia, crônicas, infantojuvenis e reportagem. É detentor de mais de vinte prêmios literários. Dentre eles, o Jabuti, por duas vezes, o da Associação Paulista dos Críticos de Arte e o Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. É colunista diário do jornal *Zero Hora*, semanal do jornal *O Tempo* e comentarista da Rádio Gaúcha.

Site: fabriciocarpinejar.com.br

Instagram: @carpinejar

Facebook: /carpinejar

Twitter: @carpinejar

Threads: @carpinejar

YouTube: Vem Carpinejar

E-mail: carpinejar@terra.com.br

Tiktok: @fabriciocarpinejar

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Saiba mais

Site do autor

<http://www.carpinejar.com.br/>

Twitter do autor

<https://twitter.com/carpinejar>

Facebook do autor

<https://pt-br.facebook.com/carpinejar>

Goodreads do autor

https://www.goodreads.com/author/show/2576529.Fabr_cio_Carpinejar

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/314-fabricio-carpinejar>

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=114